



# Português I

Português I

cederj





Fundação

**CECIERJ**

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

**Português I**

**Volume 1**

Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas



**GOVERNO DO  
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE  
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**UNIVERSIDADE  
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da  
Educação

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

**Apoio:**



**FAPERJ**

Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo  
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

# Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

## Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

## Vice-presidente

Masako Oya Masuda

## Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Reis

## Material Didático

### ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Rosane Monnerat

Ilana Rebello Viegas

### COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO

#### INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

### SUPERVISÃO DE DESENVOLVIMENTO

#### INSTRUCIONAL

Fabio Peres

### DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

#### E REVISÃO

Anna Maria Osborne

Mariana Pereira de Souza

Nataníel dos Santos Gomes

Paulo Alves

### AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Thaís de Siervi

## Departamento de Produção

### EDITOR

Fábio Rapello Alencar

### COORDENAÇÃO DE

#### REVISÃO

Cristina Freixinho

### REVISÃO TIPOGRÁFICA

Beatriz Fontes

Carolina Godoi

Cristina Freixinho

Elaine Bayma

Renata Lauria

### COORDENAÇÃO DE

#### PRODUÇÃO

Ronaldo d'Aguiar Silva

### DIRETOR DE ARTE

Alexandre d'Oliveira

### PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alessandra Nogueira

Andreia Villar

Bianca Lima

Sanny Reis Bizerra

### ILUSTRAÇÃO

Fernando Romeiro

### CAPA

Fernando Romeiro

### PRODUÇÃO GRÁFICA

Verônica Paranhos

Copyright © 2011, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

M748p

Monnerat, Rosane.

Português I. v. 1 / Rosane Monnerat, Ilana Rebello Viegas. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2012.

278 p. ; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 978-85-7648-799-9

1. Português. 2. Textualidade. 3. Produção textual. 4. Coesão gramatical. I. Viegas, Ilana Rebello. II. Título.

CDD 469.07

2012.1

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT e AACR2.

# Governo do Estado do Rio de Janeiro

**Governador**  
Sérgio Cabral Filho

**Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia**  
Alexandre Cardoso

## Universidades Consorciadas

**UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO  
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO**  
Reitor: Silvério de Paiva Freitas

**UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Ricardo Vieira Alves de Castro

**UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE**  
Reitor: Roberto de Souza Salles

**UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO  
RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Carlos Levi

**UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Ricardo Motta Miranda

**UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO  
DO RIO DE JANEIRO**  
Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca



**SUMÁRIO**

<b>Aula 1</b> – Comunicar(-se) é preciso: linguagem, língua, discurso e texto _____	7
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 2</b> – Afinal, o que é textualidade? _____	29
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 3</b> – Fatores da textualidade: intencionalidade/aceitabilidade e informatividade _____	43
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 4</b> – O contexto de produção textual: situacionalidade e intertextualidade _____	59
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 5</b> – A coesão – aspectos gramaticais (a coesão frásica e a coesão temporal) _____	77
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 6</b> – Como ligar porções maiores de texto? A coesão interfásica _____	93
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 7</b> – O papel semântico dos elementos de coesão _____	109
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 8</b> – Ainda a coesão gramatical: a coesão referencial e o paralelismo estrutural _____	127
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 9</b> – O léxico a serviço da coesão: a coesão lexical _____	145
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 10</b> – Que é um texto coerente? _____	161
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 11</b> – Coesão e coerência: duas faces da mesma moeda? _____	181
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 12</b> – Relações intra e extratextuais – os implícitos e os subentendidos: pressupostos e inferências _____	201
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 13</b> – A ambiguidade é um problema? _____	219
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	

<b>Aula 14</b> – Sentido de língua/sentido de discurso: compreender/interpretar	235
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Aula 15</b> – Mecanismos de construção de sentido: contextualização, seleção e adequação vocabular	255
<i>Rosane Monnerat e Ilana Rebello Viegas</i>	
<b>Referências</b>	273

# Comunicar(-se) é preciso: linguagem, língua, discurso e texto

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

AULA

1

## Meta da aula

Apresentar a importância social do uso da linguagem no processo da comunicação humana.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. comparar a função social e a função simbólica da linguagem;
2. diferenciar linguagem de língua;
3. distinguir as principais funções da linguagem humana, segundo Jakobson;
4. identificar discurso, em relação à linguagem e à língua;
5. caracterizar texto;
6. diferenciar texto verbal de texto não verbal;
7. reconhecer a textualidade;
8. identificar a importância do contexto na interpretação de uma mensagem.



## INTRODUÇÃO

## A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NA VIDA HUMANA

*Quem não se comunica se trumbica.*

### CHACRINHA

Foi o nome pelo qual ficou conhecido José Abelardo Barbosa de Medeiros (1917-1988), um grande comunicador de rádio e um dos maiores nomes da televisão no Brasil, tendo atuado como apresentador de programas de auditório, com enorme sucesso nos anos de 1950 a 1980. Em seu programa, foram revelados ao país nomes como Roberto Carlos, Raul Seixas, Fábio Júnior, dentre outros. Desde os anos 1970, era chamado de Velho Guerreiro, conforme homenagem feita a ele por Gilberto Gil, que assim se referiu a Chacrinha na letra da canção que compôs chamada “Aquele abraço”.

Fonte: adaptado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Chacrinha>

Você saberia dizer quem costumava falar essa frase?

Vamos ajudar você. Quem falou essa frase foi **CHACRINHA**, um comunicador famoso, que apresentava um programa de televisão muito divertido chamado *Discoteca do Chacrinha*.



Você pode ouvir a canção “Aquele abraço”, na voz de Gilberto Gil, em <http://www.youtube.com/watch?v=62IXNYZ57Uw>.

Concordamos, então, com Chacrinha quando ele fala sobre a importância da comunicação na vida humana.

Comunicação é a palavra de ordem da sociedade moderna. Mas devemos lembrar que, desde épocas remotas, os homens já sentiam essa necessidade de se comunicar e, para isso, deixaram vestígios de sua capacidade criativa, como registros, por todo o mundo, inclusive sob a forma de desenhos, nas pedras. Essas figuras representam os primeiros meios de comunicação humana.



Kriss Szkurlatowski

**Figura 1.1:** Antigos hieróglifos egípcios: um dos primeiros modos de comunicação humana.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1002836>

O ato de comunicar foi sendo desenvolvido, portanto, pela necessidade que o ser humano encontrou de expressar as ideias, os sentimentos ou simplesmente de informar algo para as pessoas de seu convívio social, já que não é capaz de viver isolado; sendo um ser social, precisa interagir com o outro. Assim, da oralidade à escrita, das tábuas de argila ou madeira ao papel, da pena ao computador, percebemos que a necessidade de comunicar tornou-se fundamental na vida individual e social.



Thomas Picard



Krisz Szekuliatowski



Josep Altarriba

**Figura 1.2:** Do hieróglifo ao computador: a evolução facilitando a comunicação.

Fontes: <http://www.sxc.hu/photo/658728/Papel>; <http://www.sxc.hu/photo/1147978/>; <http://www.sxc.hu/photo/773399>

Atualmente, o mundo parece reduzido pela rede de comunicação. Podemos dialogar com pessoas de diferentes lugares, independentemente da distância. E é graças a essas possibilidades que você, como aluno, também poderá se integrar à vida acadêmica, fazendo o seu curso com tranquilidade, independente do lugar em que esteja.

Comunicar bem, portanto, é um dos grandes segredos do êxito em nossa sociedade. E a comunicação se faz por intermédio de textos, que podem ser longos, como livros e artigos, ou curtos, como bilhetes e avisos, ou mesmo formados de uma frase única, desde que contenha os elementos linguísticos necessários à comunicação. Por exemplo, se uma pessoa grita “Socorro!”, você entende que ela precisa de ajuda, mesmo tendo enunciado apenas uma frase, formada por uma só palavra.

Nossa primeira disciplina será, então, centrada no *texto*. Abordaremos conceitos importantes, como os de coesão, coerência, efeitos de sentido, tipos e gêneros textuais, compreensão e interpretação, processos de produção e recepção do texto, dentre outros.

Esperamos que este curso corresponda às suas expectativas.

Bom estudo e mãos à obra!

## COMUNICAÇÃO E LINGUAGEM

Sabemos que a comunicação se faz por meio de linguagens.



Kriss Szurlatowski

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1231363>



Robert Linder

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1215579>



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1196529>



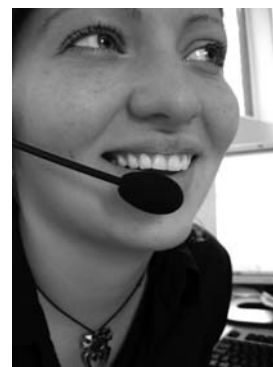
Michal Zacharzewski

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1191592>



Maria Li

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1164318>



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/499019>

**Figura 1.3:** Alguns exemplos de linguagem.

Começando, então, nossa conversa, vamos falar de conceitos bastante próximos, mas não semelhantes: *linguagem*, *língua*, *discurso* e *texto*.

A comunicação entre os homens se torna possível por meio da *linguagem* e é exatamente essa capacidade que diferencia o homem dos animais.

Os animais irracionais também se comunicam, pois possuem sinais fônicos para a imediata expressão dos seus sentimentos. É por isso que se fala também na linguagem dos animais. Porém, nenhum animal tem a capacidade de expressão imediata do pensamento pelo som; eles não se comunicam racionalmente, e sim por instinto.

Assim, a linguagem possibilita as relações do homem com o mundo e com seus semelhantes.



Gilles Leeuwen

**Figura 1.4:** Pessoas se comunicando.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/485284>

Essa *função social* de comunicação da linguagem é bastante evidente, mas não é a única. Há uma segunda função, da qual depende a função social de comunicação. Trata-se da *função simbólica*, que instaura uma ponte entre o indivíduo e a realidade, ou seja, é por meio dessa função que o homem consegue representar o mundo, transformando seus elementos em dados de conhecimento, passíveis de serem transmitidos a outros indivíduos.

Explicando melhor, quando entramos em contato com a realidade, deparamo-nos com um mundo a significar. É necessário nomear os seres e distingui-los por suas características. E isso não se pode fazer usando uma lista de palavras como etiquetas para os elementos da realidade, visto que a representação das coisas do mundo pela linguagem passa pelas experiências humanas, pelo conhecimento.

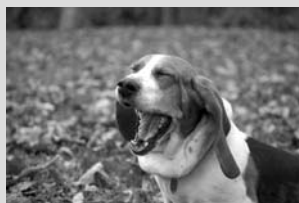
Por exemplo, as palavras *fruta* e *laranja* podem dar nome ao mesmo objeto do mundo real, mas partem de perspectivas diferentes e complementares: a primeira generaliza, e a segunda especifica.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

1. Por meio da linguagem, o homem se comunica com seus semelhantes e nomeia os seres do mundo, de acordo com seu conhecimento. Veja as imagens a seguir:



M. Fullmer

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1241942>



Lena Povrzenic

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1245014>



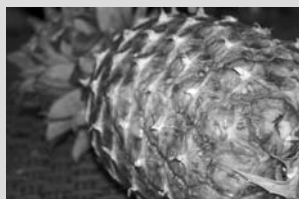
Zoran Ozetsky

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1183946>



Kudla Jana

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/995074>



René de Cock

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/781413>



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1239975>

Agora, use o seu conhecimento de mundo e separe as figuras em duas classes, levando em consideração as características comuns entre os elementos.

Classe 1: _____	Classe 2: _____
Elementos: _____	Elementos: _____
_____	_____
_____	_____

**RESPOSTA COMENTADA**

*Todos os seres do mundo têm um nome e fazem parte de determinadas classes. Reconhecemos e categorizamos os elementos do mundo real por meio de nosso conhecimento. Com certeza, você não colocou a maçã na mesma classe do cachorro. Por quê? O conhecimento que você tem dos seres do mundo lhe permite diferenciar um animal de uma fruta. Assim, na atividade proposta, uma classe é a dos animais (elementos: cachorro, gato e vaca) e a outra classe é a das frutas (abacaxi, melancia e maçã). Após a realização da atividade, você deve ter compreendido melhor que, para se comunicar com seu semelhante, o homem faz uso da linguagem (função social da linguagem) e, nesse processo comunicativo, ele também precisa representar a realidade por meio de palavras, de acordo com as suas experiências (função simbólica da linguagem).*

Percebemos, então, que é necessário organizar o mundo em categorias, por meio da linguagem, para que haja comunicação entre os seres humanos, pois tudo o que dizemos ou escrevemos não corresponde a um retrato fiel da realidade, mas sim resulta da filtragem desses dados de experiências, já agora armazenados como conhecimento. A linguagem, portanto, reflete o mundo, na medida em que o reordena e constrói.

Até aqui falamos de linguagem e, mais especificamente, das duas funções da linguagem, mediadoras da relação do homem com o mundo – a função social e a função simbólica.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

2. Como já foi dito, a capacidade de se comunicar por meio da linguagem é o que diferencia o homem dos outros animais. A todo momento, você utiliza as duas funções básicas da linguagem – a social e a simbólica. Imagine que você trabalhe em uma empresa como secretário. Além de atender ao público, você organiza dados e faz relatórios de reuniões. Pense nesse contexto e exemplifique as duas funções da linguagem.



Elvis Santana

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/582041>

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

*Como você já sabe, a função social diz respeito a qualquer tipo de interação social, isto é, corresponde às trocas comunicativas entre pessoas, numa dada sociedade. Assim, na situação específica da Atividade 2, é utilizada a função social quando você atende ao público, conversa com as pessoas, dá informações... e é utilizada a função simbólica quando você precisa transformar dados em conhecimentos, ou seja, quando transmite um recado, faz um relatório de reunião, organiza dados...*

*É claro que, na prática, não é fácil estabelecer uma linha divisória entre uma e outra função, já que elas se articulam e se complementam. Por exemplo, se você vai “dar um recado”, você está utilizando, ao mesmo tempo, as duas funções: você está interagindo com outra pessoa (função social) e está usando a linguagem para transformar dados da realidade em conhecimento, para essa outra pessoa (função simbólica).*

## LINGUAGEM E LÍNGUA

Ao permitir a relação entre o homem e o mundo que o cerca, a linguagem é considerada como atividade humana universal, abrindo-se, inclusive, a vários **CÓDIGOS SEMIOLÓGICOS**.

É comum, portanto, mencionar, além da linguagem humana, a linguagem dos sinais, das cores, das bandeiras, da música etc.

No entanto, importa considerar que, quando o homem fala, ele o faz numa determinada *língua*. Trata-se, nesse caso, da língua coletiva, como criação histórica e como instituição social. Daí podermos falar em língua portuguesa, língua francesa, língua italiana etc.

Agora já podemos definir *linguagem* e *língua*.

### CÓDIGOS SEMIOLÓGICOS

Representações simbólicas da realidade por meio de diferentes signos (sinais): cores, gestos, sons etc.



A *linguagem* é a faculdade que tem o homem de se exprimir por meio de um sistema de sons vocais denominado *língua*.  
A *língua*, por sua vez, como criação histórica, é patrimônio cultural de grupos coletivos.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

3. Imagine um jogo de futebol se desenrolando. Os gestos, as apitadas do juiz e as marcações dos bandeirinhas são exemplos de linguagem ou de língua? Justifique sua resposta.

---



---



---



Zoban Raftik

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/107814>



**RESPOSTA COMENTADA**

*Você não deve ter tido dificuldade em reconhecer que se trata de exemplos de linguagens, pois a linguagem é a capacidade que o ser humano tem de se expressar, não só por meio de palavras, mas também de gestos e de símbolos, que são convenções criadas pelo homem para servir à comunicação social.*

A linguagem verbal se representa por meio de muitas funções que possibilitam a cada indivíduo participar da vida social, integrando-se em uma determinada cultura. A língua, como fato cultural, tem valor de representação. Assim, Karl Bühler – linguista e psicólogo alemão – sistematizou as funções da linguagem a partir da função representacional da língua – a representação –, reconhecendo, ainda, mais duas funções: a *manifestação psíquica* e o *apelo*.

A representação constitui, então, o que se convencionou chamar de *função referencial* da linguagem, ao lado da *função emotiva* (manifestação psíquica) e da *função apelativa* ou *conativa* (apelo).

Vamos aprender mais um pouco sobre as funções da linguagem e estudar as funções apresentadas por **ROMAN JAKOBSON**.

**ROMAN OSIPOVICH  
JAKOBSON**

**(11 DE OUTUBRO DE  
1896-18 DE JULHO  
DE 1982)**

Pensador russo que se tornou um dos maiores linguistas do século XX e foi pioneiro da análise estrutural da linguagem, da poesia e da arte.

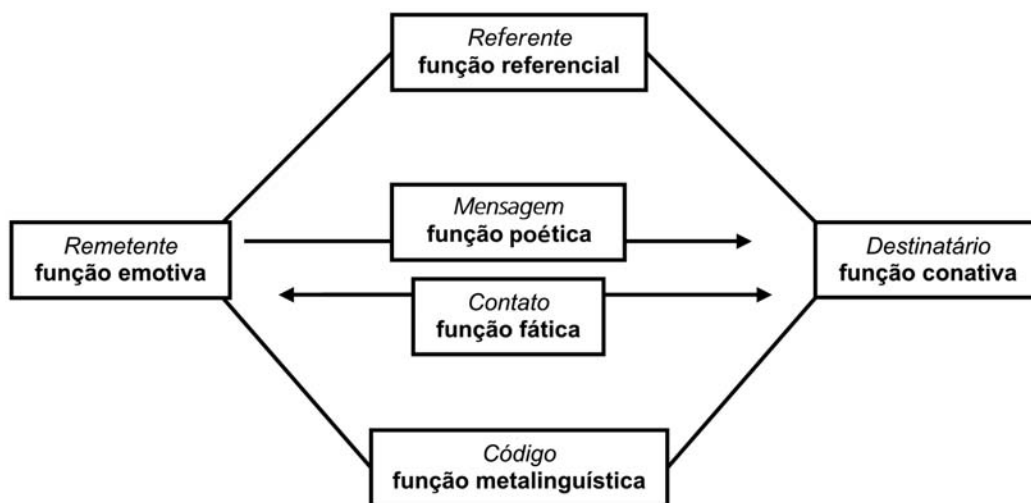
### **AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM (JAKOBSON)**

Jakobson manteve as três funções de Bühler, renomeando-as, respectivamente – *referencial*, *emotiva* e *conativa* – e introduziu mais três: *fática*, *metalinguística* e *poética*. Reconheceu, portanto, seis funções da linguagem, articulando cada uma delas a cada um dos elementos da comunicação:

**Quadro 1.1:** Definição dos elementos da comunicação e das funções da linguagem

Elementos da comunicação	Funções da linguagem
<i>Contexto</i> (referente): a situação a que a mensagem se refere.	<i>Referencial</i> (ou denotativa): transmite informações sobre o referente.
<i>Remetente</i> (enunciador): quem emite a mensagem.	<i>Emotiva</i> (ou expressiva): enfatiza a linguagem do enunciador, revelando seu mundo interior.
<i>Mensagem</i> : o conjunto de informações transmitidas.	<i>Poética</i> : enfatiza a mensagem ou o texto por meio de jogos de ideias e de imagens, do som, do ritmo, da seleção de palavras etc.
<i>Destinatário</i> : quem recebe a mensagem.	<i>Conativa</i> (ou apelativa): seduz o destinatário, influenciando o seu comportamento.
<i>Contato</i> (canal): por onde a mensagem é transmitida: TV, rádio, jornal, revista...	<i>Fática</i> (ou de contato): enfatiza o canal, a fim de iniciar um contato.
<i>Código</i> : combinação de signos utilizados na transmissão de uma mensagem.	<i>Metalinguística</i> : faz referência à própria linguagem.

Assim, em cada situação de comunicação, dependendo de sua finalidade, destaca-se um dos elementos da comunicação e, portanto, uma das funções da linguagem.

**Figura 1.5:** Correlação entre os elementos da comunicação e as funções da linguagem.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 3

4. Agora você vai identificar a função da linguagem predominante nos textos a seguir, segundo a classificação de Roman Jakobson:



Shlomit Wolf

TEXTO A:

- Alô?
- Oi, pois não, quem está falando?
- Aqui é a Carol. Está me ouvindo bem?
- Estou...

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/962544>



Kati Garner

TEXTO B:

- Nossa! Não esperava pela surpresa!

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1122552>



Rafael Silveira

TEXTO C:

#### Saia do estresse

UMA SEMANA EM CABO FRIO  
A PARTIR DE R\$ 550,00. É MAIS  
DO QUE UM PACOTE. É UM  
PRESENTE.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/892530>

Venha conhecer o lugar que tem as praias mais lindas do Rio de Janeiro. Se você não gosta de praia, não tem problema. Em Cabo Frio, você encontra diferentes restaurantes, lojas, cinemas... O seu dia será curto para aproveitar tanta beleza...

---

**TEXTO D:****Tudo quanto penso**

Tudo quanto penso,

Tudo quanto sou

É um deserto imenso

Onde nem eu estou.

Extensão parada

Sem nada a estar ali,

Areia peneirada

Vou dar-lhe a ferroada

Da vida que vivi.

Fonte: PESSOA, Fernando. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/jp0000001.pdf>

---

**TEXTO E:**

Sendo a principal matéria-prima energética e industrial do planeta, uma riqueza distribuída de forma desigual entre os países e um recurso não renovável, o petróleo se tornou provavelmente a mais importante substância negociada entre países e corporações, e tem sido, a partir do século XX, um fator político importante e causador de crises entre governos, levando explícita ou, na maior parte dos casos, implicitamente a guerras, massacres e extermínios.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Petr%C3%B3leo>

---

**TEXTO F:**

Uma palavra ou vocábulo é uma unidade da linguagem falada ou escrita. As palavras podem ser combinadas para criar frases. O termo *palavra* deriva originalmente do grego *parabolé*, tomado emprestado pelo latim, que gerou *parábola*.

Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Palavra>

---

**RESPOSTA COMENTADA**

*Você deve ter percebido que, em alguns textos, mais de uma função da linguagem é utilizada. Porém, há sempre uma que se destaca, ou seja, é mais evidente. No texto A, a função utilizada é a fática, pois o canal de comunicação é enfatizado. A intenção é iniciar um contato. No texto B, a ênfase é dada à linguagem do emissor, logo, a função utilizada é a emotiva. Observa-se o envolvimento pessoal do emissor, que comunica sentimentos, avaliações e opiniões centradas na expressão do seu mundo interior. No texto C, o objetivo é persuadir o receptor. Trata-se da função apelativa (ou conativa) da linguagem. No texto D, há o predomínio da função poética, já que a ênfase recai sobre a construção do texto, a seleção e a disposição de palavras. No texto E, o destaque é o referente, ou seja, o petróleo. A intenção do emissor é transmitir informações. Trata-se da função referencial. E, por último, no texto F, a função utilizada é a metalinguística. Essa função tem como fator essencial o código, ou seja, utiliza a linguagem para falar dela mesma.*

## LINGUAGEM, LÍNGUA E... DISCURSO

Depois de conversarmos sobre *linguagem* e *língua*, vamos agora observar o plano individual na comunicação, ou seja, é sempre um indivíduo que fala, por meio de uma *língua*, segundo uma circunstância determinada. Essa atividade que envolve a comunicação, numa circunstância específica, é denominada *discurso*, como, por exemplo, o discurso de um político tentando convencer o seu eleitor, o discurso de um professor para se fazer entender pelos seus alunos, o discurso de um advogado para defender o seu cliente...

Assim, quando nos comunicamos, não transmitimos apenas informações, mas nossa maneira de ver o mundo. Imagine uma mãe que nunca deixa o filho ajudar em casa e diz que serviço doméstico é tarefa para mulher. Essa mãe, na verdade, reproduz, na convivência com o filho e com as outras pessoas, um discurso machista. Da mesma forma, uma mulher que luta pelos direitos iguais entre homens e mulheres produz um discurso feminista. Como se vê, quando falamos e agimos, mostramos aquilo que somos e pensamos.

Podemos dizer, então, que o *discurso* é a língua atualizada num dado momento por um dado indivíduo, seja como fala (*discurso oral*), seja como escrita (*discurso escrito*).

**ATIVIDADE****Atende aos Objetivos 4 e 8**

5. Imagine o texto a seguir publicado em uma revista masculina de grande circulação. Observe a sequência de ações e pense no impacto que tais ações provocariam nos leitores.



Hoje não é 1º de abril. É 8 de março. Homenagem da revista X, que também sabe ver o lado feminino das coisas.

a) O humor foi construído a partir de uma ideia que está subentendida, ou seja, implícita. Observe os dados fornecidos pelo autor para contextualizar a história: o título, a sequência de ações, a fala da personagem e a data da publicação (8 de março – Dia Internacional da Mulher). Qual é a ideia que o autor quer passar sobre os homens, por meio de seu “discurso”?

b) Pela descrição das ações e pelo título, esse texto apresenta um discurso machista ou feminista?

#### **RESPOSTA COMENTADA**

a) Na análise do texto, o primeiro elemento que chama a atenção, por estar em destaque, com letras em caixa alta, é a data – 1º de abril, conhecido como o dia da mentira. Estabelecendo uma relação entre esse título e a sequência de ações, é possível afirmar que o homem não é romântico, não dá flores à mulher e nem a leva para jantar. Pelo contrário, durante o ano, a mulher faz as tarefas de casa, enquanto o homem tem tempo livre para assistir TV, por exemplo.

b) O texto apresenta um discurso feminista, embora esteja publicado em uma revista masculina. No final do texto, o leitor entende o porquê – trata-se de uma homenagem da revista ao público feminino pelo dia 8 de março, considerado o Dia Internacional da Mulher.

O *discurso* constitui-se, então, da prática de comunicação linguística oral ou escrita, sendo um acontecimento que envolve um enunciador e um ou mais destinatários, numa *situação* específica, que inclui o espaço social e o momento histórico.

Por meio do discurso, produzem-se os *textos*, ou seja, *texto* será aqui entendido como *produto do discurso*.

Para entendermos melhor o fenômeno da produção/recepção de textos, vamos primeiramente caracterizar o que seja um *texto*, como unidade comunicativa básica, pois as pessoas não se comunicam por meio de palavras isoladas, mas sim por meio de textos.

## ENTÃO, AFINAL, O QUE É TEXTO?

Por muito tempo, a palavra texto foi relacionada fundamentalmente ao domínio pedagógico e literário, vinculando-se apenas à escrita. Hoje em dia, amplia-se o conceito de texto, que passa a ser compreendido como produto da atividade discursiva, na qual estão implicados tanto quem o produz quanto quem o recebe.

Assim, nas palavras de Azeredo (2000, p. 39):

O texto é um produto da atividade discursiva. Em um texto circulam, interagem e se integram informações várias, explícitas ou implícitas, evidentes por si mesmas ou dependentes de interpretação. Por isso, um texto é necessariamente fruto de uma construção de sentido em que cooperam quem o enuncia e quem o recebe.

O texto – considerado, pois, como um todo organizado de sentido, produzido/recebido por sujeitos, num dado espaço e num dado tempo – pode ser verbal (um conto, por exemplo), visual (um quadro), verbal e visual (um filme).

A partir das últimas décadas do século XX, com o aparecimento de novos gêneros textuais (por exemplo, no *e-mail*, no Orkut, no msn) impulsionados pela linguagem dos computadores e da internet, abre-se ainda mais o conceito de texto. É nesse sentido que o texto pode ser considerado, conforme Beaugrande (um estudioso da **LINGÜÍSTICA TEXTUAL**), um “evento comunicativo para o qual convergem ações linguísticas sociais e cognitivas”.

A palavra texto provém do latim (*textu*) e significa “tecido, entrelaçamento”. Assim, há uma razão etimológica para nunca nos esquecermos de que o texto resulta da ação de tecer, de entrelaçar unidades a fim de criar um todo interrelacionado. Dessa forma, podemos falar em textura ou tessitura de um texto, isto é, em rede de relações que garantem a sua unidade – a **TEXTUALIDADE**.

As frases que compõem um texto formam, portanto, uma trama. Dessa forma, não se pode isolar uma frase de um texto e tentar dar-lhe significado; precisamente porque, no texto, o sentido de uma frase depende do sentido das demais com que se relaciona, isto é, o sentido de qualquer passagem de um texto é dado pelo todo. Além disso, para se fazer uma boa leitura de um texto, não se deve perder de vista o contexto em que está inserido, pois uma simples frase pode ter significados distintos, dependendo do contexto em que se encontra.

### LINGÜÍSTICA TEXTUAL

É uma corrente teórica – criada na Europa, na segunda metade do século XX – que concentra suas atenções no processo comunicativo estabelecido entre o autor, o leitor e o texto, em determinado contexto.

### TEXTUALIDADE

É o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto, e não apenas uma sequência de frases (VAL, 2000).



Finalizando esta seção, convém lembrar, ainda, que nem sempre o contexto vem explicitado; os elementos da situação em que se produz o texto podem estar implícitos, por se considerar que se dispensam maiores esclarecimentos sobre eles.

## CONCLUSÃO

Como seria a vida do homem no mundo sem a possibilidade de comunicação?

A comunicação dinamiza as relações humanas e se concretiza por meio da linguagem. Dessa forma, o homem interage com seu semelhante, ao mesmo tempo em que significa esse mundo que o rodeia, a partir de suas experiências pessoais e culturais.

Podemos nos comunicar por múltiplas linguagens, mas a linguagem das palavras, que formam os textos, é, com certeza, a mais significativa. Daí a importância deste curso, cujo objetivo principal é mostrar como as palavras – ditas, escritas ou subentendidas – se organizam para formar os textos.

## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 2, 5, 6, 7 e 8

Observe a sequência de frases a seguir e imagine a situação comunicativa em que essa sequência ocorre.

Chutou. Driblou. Tocou. Correu. Caiu. Reclamou. Chutou. Correu.  
Chutou. Driblou. Chutou. Gritou. Vibrou. Abraçou. Comemorou.

a) Podemos afirmar que essa sequência de frases forma um texto? Por quê?

---

---

---

---

b) Que contexto é suscitado pela escolha dos verbos?

---

---

c) Nesse contexto, está explícito o texto verbal (palavra escrita) e sugerido o não verbal (imagens, sons, gestos), por meio da possibilidade de contextualização da situação comunicativa. Explique.

---

---

---

d) Dentre as funções da linguagem – referencial, emotiva, poética, conativa, fática e metalinguística –, qual é utilizada na seguinte sequência: “Gritou. Vibrou. Abraçou. Comemorou”?

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

a) A sequência de frases “Chutou. Driblou. Tocou. Correu. Caiu. Reclamou. Chutou. Correu. Chutou. Driblou. Chutou. Gritou. Vibrou. Abraçou. Comemorou” forma um texto, porque as frases não estão soltas, desconexas. Pelo contrário, estão numa sequência que produz sentido. À medida que você lê, pela escolha das palavras (nesse caso, os verbos), mentaliza um contexto e constrói uma narrativa.

b) Os verbos lembram as ações próprias de um jogador em uma partida de futebol: “chutou, driblou”.

c) O texto verbal constitui-se dos verbos em sequência que relatam os lances de uma partida de futebol. Em um jogo de futebol, os gestos, as apitadas do juiz, os cartões vermelho e amarelo, o colorido das faixas das torcidas são exemplos de texto não verbal.

d) Apesar de ser um texto em que um emissor narra as ações de um jogador em uma partida de futebol (função referencial), na sequência de verbos em questão, há o predomínio da função emotiva, pois a escolha dos verbos reflete a “empolgação” de quem narra.

## RESUMO

A *comunicação* entre os seres se dá por intermédio da *linguagem*, que pode ser verbal (palavras) ou não verbal, esta última expressa por outras formas de comunicação, como cores, gestos, sinais. Assim, o homem se comunica com seu semelhante (*função social*) e representa o mundo que o cerca (*função simbólica*) por meio da linguagem.

A linguagem verbal se atualiza por meio de funções – referencial, emotiva e conativa – que permitem ao indivíduo se integrar à vida social. Mas o homem fala numa determinada *língua*, que, por ser histórica, é fato de cultura, sendo, portanto, de uso coletivo. No plano individual, no entanto, é sempre um indivíduo que fala, por meio de uma *língua*, segundo uma circunstância determinada. Essa atividade que envolve a comunicação numa circunstância específica é denominada *discurso*. Por meio do discurso produzem-se textos.

O texto – produto da atividade discursiva – é um todo organizado de sentido produzido/recebido por sujeitos, num dado espaço e num dado tempo. Pode ser verbal, visual e verbal e visual. A *textualidade* é a trama textual, a rede de relações que garante a sua unidade, isto é, o conjunto de fatores que fazem do texto UM texto, e não um amontoado de frases soltas.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos retomar o conceito de “textualidade” e começar a estudar quais são os fatores responsáveis pela textualidade.

## LEITURAS RECOMENDADAS

AQUELE abraço, Gilberto Gil. YouTube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=62IXNYZ57Uw>>. Acesso em: 24 ago. 2010.

JACOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix, 2001.

PALAVRA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Palavra>>. Acesso em: 24 ago. 2010.

PESSOA, Fernando. Disponível em: <<http://www.dominipublico.gov.br/download/texto/jp0000001.pdf>>.

PETRÓLEO. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Petr%C3%B3leo>>. Acesso em: 24 ago. 2010.

PLATÃO, F. S.; FIORIN, José Luiz. *Para entender o texto: leitura e redação*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998. cap. 1-2.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. cap. 1.



# Afinal, o que é textualidade?

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

AULA

2

## Metas da aula

Apresentar a textualidade como elemento responsável pela estruturação semântica de qualquer texto e estabelecer os fatores da textualidade.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir textos e não textos;
2. identificar os fatores da textualidade responsáveis pela trama semântica;
3. relacionar os fatores de textualidade ao texto, aos interlocutores e ao contexto.

## INTRODUÇÃO

Em nossa primeira aula, falamos de linguagem, língua, discurso e texto, e vimos que os falantes se comunicam por meio de textos e não de frases, não importando se a comunicação se estabelece com textos extensos (livros, artigos etc.) ou breves (bilhetes, recados, anúncios de classificados etc.), verbais (jornais, *e-mails* etc.) ou não verbais (placas, cores, sinais etc.).

A relevância do texto é posta em destaque com os estudos da Linguística do Texto, ou Linguística Textual. Como já vimos, essa área de estudos, tal como é conhecida hoje, surgiu na década de 1960, na Europa, começando a ser cultivada no Brasil, no meio acadêmico, a partir dos anos 1980, por linguistas como Luiz Antônio Marcuschi e Ingedore Villaça Koch.

Na Europa, destacam-se, dentre muitos linguistas, Robert de Beaugrande e W. Dressler, que, em 1981, publicam o livro *Introduction to text linguistics (Introdução à Linguística do texto)*. Nele os autores apontam a textualidade como trama semântica indispensável ao texto, ou seja, é a textualidade que distingue o texto do não texto.

Qualquer um de nós é capaz de, intuitivamente, distinguir um texto de um não texto, sabendo que o texto não é uma unidade construída por uma soma de sentenças, mas pelo encadeamento semântico delas. Esse encadeamento ou trama semântica constitui, como sabemos, a textualidade.

Observe:

- (1) O menino chutou a bola.
- (2) O chutou menino bola a.

Com certeza, você reconhece o exemplo (1) como texto, e o (2), como não texto. Por quê? Em (1), as palavras fazem sentido entre si, por estarem estruturadas numa determinada ordem, em que são identificados um agente, uma ação e o objeto afetado por essa ação, o que não ocorre em (2), caso em que as palavras não se apresentam organizadas num todo significativo. Um falante de língua portuguesa, que conheça minimamente as regras básicas da língua, jamais estruturaria um enunciado como o (2).

Agora você vai analisar mais alguns exemplos, a fim de verificar se todos são textos, ou seja, se apresentam textualidade.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

1. Por intuição, você é capaz de distinguir um texto de um não texto. A textualidade é o que faz de uma sequência linguística um texto e não uma sequência ou um amontoado de frases e palavras desconexas. Observe os exemplos a seguir:

#### EXEMPLO A



Celal Teber

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1287062>

#### Como se conjuga um empresário

Acordou. Levantou-se. Aprontou-se. Lavou-se. Barbeou-se. Enxugou-se. Perfumou-se. Lanchou. Escovou. Abraçou. Beijou. Saiu. Entrou. Cumprimentou. Orientou. Controlou. Advertiu. Chegou. Desceu. Subiu. Entrou. Cumprimentou. Assentou-se. Preparou-se. Examinou. Leu. Convocou. Leu. Comentou. Interrompeu. Leu. Despachou. Conferiu. Vendeu. Vendeu. Ganhou. Ganhou. Ganhou. Lucrou. Lucrou. Lucrou. Lesou. Explorou. Escondeu. Burlou. Safou-se. Comprou. Vendeu. Assinou. Sacou. Depositou. (...)

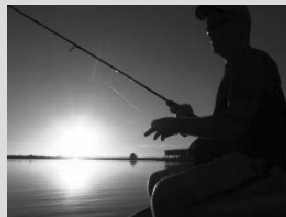
(Fonte: <http://micropoema.blogspot.com/2006/04/como-se-conjuga-um-empresario.html>)

#### EXEMPLO B

##### A PESCA

o anil  
o anzol  
o azul  
o silêncio  
o tempo  
o peixe  
(...)

(Affonso Romano de Sant'anna)



Samuel Ducroquet

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/848431>

#### EXEMPLO C



Bethany Carlson

Silêncio!

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/764088>

#### EXEMPLO D

cama o menino na joga



Após a leitura dos exemplos acima, você pode afirmar que todos são textos? Justifique sua resposta, comentando cada exemplo.

---

---

---

---

---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

*Os exemplos A, B e C são textos.*

*Os exemplos A e B não apresentam elementos de coesão (ligação) entre as frases, mas são vistos como textos, pois o sentido é dado pelo próprio título. Todas as frases verbais (frases que apresentam pelo menos um verbo) do texto A fazem referência a um dia de trabalho de um empresário, visto como uma pessoa extremamente voltada para o lado material da vida, preocupada com o “ter”. Já as frases nominais (frases sem verbo, constituídas só de nomes – substantivo, adjetivo e pronome) do texto B têm relação com a atividade de pescar.*

*O texto C, por sua vez, mesmo sendo constituído por apenas uma frase nominal (esta também formada por uma única palavra), transmite uma informação, ou seja, qualquer pessoa que lê ou ouve essa frase compreende que não pode fazer barulho ou que é para ficar quieto.*

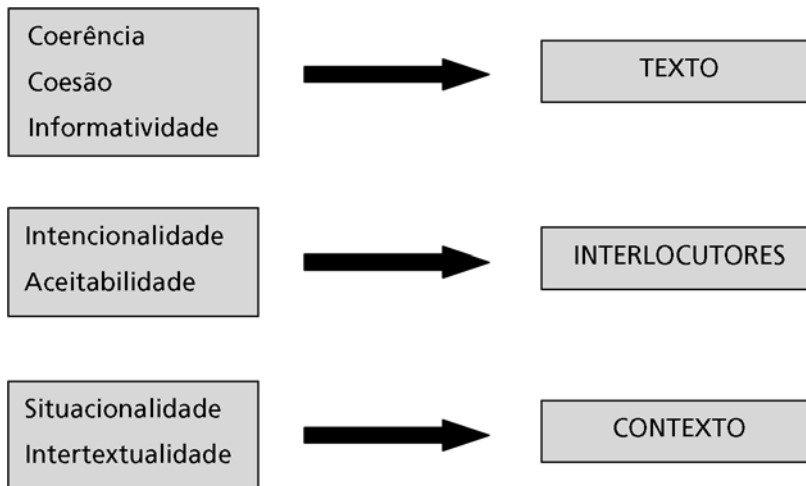
*Já o último exemplo, o D, não é texto, porque as palavras não fazem sentido entre si. Qualquer falante de língua portuguesa, que conheça minimamente as regras básicas da língua, jamais estruturaria um enunciado como o desse exemplo.*

Depois de ter realizado a atividade, você deve ter percebido que um enunciado para ser chamado de texto precisa, de alguma forma, fazer sentido, ou seja, os elementos que o compõem devem ter relação entre si e respeitar a estrutura básica da língua.

Beaugrande e Dressler (1981) selecionaram, então, sete fatores – que eles denominam *fatores pragmáticos da textualidade* – como responsáveis pela *textualidade* de um texto qualquer.

## FATORES DA TEXTUALIDADE

São fatores da textualidade: a coerência, a coesão e a informatividade (centrados no texto), a intencionalidade e a aceitabilidade (centrados nos interlocutores) e a situacionalidade e a intertextualidade (centrados no contexto).



**Figura 2.1:** Fatores responsáveis pela textualidade.

Estudaremos detalhadamente, nas próximas aulas, cada fator responsável pela textualidade. Hoje, porém, vamos adiantar para você apenas algumas características de cada fator, a fim de que possa realizar a Atividade 2.

**Quadro 2.1:** Fatores responsáveis pela textualidade centrados no texto

TEXTO	A <i>coerência</i> é a harmonia de sentido entre os enunciados que constituem um texto.
	A <i>coesão</i> é realizada por meio de marcas linguísticas, índices formais na estrutura de superfície da sequência linguística. Chamamos de índices formais os elementos que auxiliam na conexão entre as partes de um texto, como pronomes, advérbios, conjunções, sinônimos, antônimos etc.
	A <i>informatividade</i> está relacionada ao grau de previsibilidade do texto. Quanto mais previsível, menos informativo será o texto para determinado usuário, porque acrescentará poucas informações às que o receptor já tinha antes de processá-lo.

**Quadro 2.2:** Fatores responsáveis pela textualidade centrados nos interlocutores

INTERLOCUTORES	A <i>intencionalidade</i> diz respeito ao trabalho do produtor em construir um texto coerente, coeso, capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa determinada situação comunicativa.
	A <i>aceitabilidade</i> diz respeito à expectativa do sujeito interpretante de que o conjunto de ocorrências com que se defronta seja um texto coerente, coeso, útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor.

**Quadro 2.3:** Fatores responsáveis pela textualidade centrados no contexto

CONTEXTO	A <i>situacionalidade</i> diz respeito aos elementos responsáveis pela pertinência e relevância do texto quanto ao contexto em que ocorre a situação de comunicação.
	A <i>intertextualidade</i> compreende as diversas maneiras pelas quais a produção e a recepção de um determinado texto dependem do conhecimento de outros textos por parte dos interlocutores.

Você já deve ter percebido, com essa breve introdução sobre os fatores da textualidade, como eles devem estar bem articulados, a fim de que a mensagem atinja o leitor.

Agora faremos mais uma atividade, para que você identifique os fatores da textualidade responsáveis pela trama semântica, relacionando-os ao texto, aos interlocutores e ao contexto.

## ATIVIDADE



## Atende aos Objetivos 2 e 3

2. Observe a publicidade a seguir. Ao lado, reproduzimos o texto que se encontra na parte superior desta publicidade. Perceba que, para atingir o interlocutor (leitor da revista, do jornal...), o texto publicitário deve ter uma linguagem de fácil compreensão e com poucas informações novas, a fim de que seja facilitado o processamento da mensagem, por parte do leitor.



Uma tarde, um violão, pôr-do-sol, uma canção. Viajar é sempre assim, por mares, rotas e caminhos, vamos visitando os encantos do Brasil. Conheça o seu país. Sua natureza tropical, ecológica, aventureira. A natureza bronzeada, cultural, histórica, inesquecível nos sabores e temperos. Navegue no sonho de viajar, visitar, conhecer. Aproveite que você tem sobre a cabeça e sob os pés a beleza incomparável deste imenso país.

(Embratur/Ministério do Esporte e Turismo/Governo Federal)

Fonte: *Jornal do Brasil* (Revista Domingo) – 19/10/2000.

O texto que você acabou de ler é um anúncio publicitário. Esse gênero textual tem por objetivo principal convencer o leitor a praticar uma ação. Por isso, é centrado no interlocutor.

Além dessa intenção de “agir” sobre o interlocutor, em que se evidencia, então, claramente, o fator da *intencionalidade*, outros fatores também são utilizados na estruturação da mensagem e no encadeamento dos enunciados. Assim, pensando nos fatores da textualidade, responda as perguntas seguintes:

a) No texto publicitário, o título “Brasil. É bonito, é bonito, é bonito” está coerente com o texto da mensagem apresentada no alto da publicidade? Por quê?

---



---



---



---

b) Releia o seguinte trecho: “Uma tarde, um violão, pôr-do-sol, uma canção.” Esse enunciado apresenta elementos coesivos? É um enunciado coerente com o restante do texto publicitário? Justifique.

---

---

---

---

c) Em relação ao grau de informatividade, é comum um texto publicitário ser muito informativo? Justifique.

---

---

---

d) Copie do texto publicitário orações em que esteja explícito o fator da textualidade *intencionalidade*. Nessas orações, qual classe gramatical (substantivo, adjetivo, pronome, verbo, advérbio...) reforça a intenção do publicitário?

---

---

---

e) No título do texto publicitário: “Brasil. É bonito, é bonito, é bonito”, o publicitário utilizou a intertextualidade, ou seja, reproduziu um verso de uma música de Gonzaguinha. Você saberia dizer qual é essa música?

---

---

---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

a) No texto publicitário, o título “Brasil. É bonito, é bonito, é bonito” está coerente com o texto da mensagem apresentada no alto da publicidade, porque o publicitário procura convencer o leitor das belezas do Brasil, a fim de levá-lo a viajar, e o título, com a repetição do predicado “é bonito”, por três vezes, intensifica a mensagem, destacando o Brasil, de forma positiva.

b) No enunciado “Uma tarde, um violão, pôr-do-sol, uma canção”, a coesão é estabelecida pela própria sequência de elementos, os quais levam o leitor a imaginar uma cena. Além disso, podemos dizer que esse enunciado, constituído apenas de substantivos –

*tarde, violão, pôr-do-sol, canção – é coerente, pois os substantivos apresentam relação entre si e com o objetivo do texto publicitário – pôr em destaque as belezas do Brasil, incentivando o leitor a viajar.*

*c) Em relação ao grau de informatividade, não é comum um texto publicitário ser muito informativo. Saber aproveitar bem o tempo e o espaço em um meio de comunicação de massa é a chave para o sucesso na venda de um produto. A palavra deixa de ser meramente informativa, e é escolhida em função de sua força persuasiva. Assim, para atingir o leitor, o texto publicitário deve ter uma linguagem simples, de fácil compreensão e com poucas informações novas, a fim de que o processamento da mensagem, por parte do leitor, seja o mais rápido possível.*

*d) As orações que revelam a intenção do enunciador são: “Conheça o seu país”, “Navegue no sonho de viajar, visitar, conhecer” e “Aproveite que você tem sobre a cabeça e sob os pés a beleza incomparável deste imenso país”. Todas essas orações apresentam verbos no imperativo: “conheça”, “navegue” e “aproveite”, que induzem o leitor a praticar uma ação.*

*e) No título do texto publicitário: “Brasil. É bonito, é bonito, é bonito”, o publicitário utilizou a intertextualidade, ou seja, reproduziu um verso da letra da música “O que é, o que é?”, de Gonzaguinha, em que o compositor afirma que a vida “é bonita, é bonita, e é bonita”: “Eu fico/com a pureza/da resposta das crianças/é a vida, é bonita/e é bonita.../Viver!/E não ter a vergonha/de ser feliz/Cantar e cantar e cantar/a beleza de ser/um eterno aprendiz.../Ah, meu Deus!/Eu sei, eu sei/que a vida devia ser/bem melhor e será/mas isso não impede/que eu repita/é bonita, é bonita/e é bonita (...).”*



Você pode ouvir a canção “O que é, o que é?”, de Gonzaguinha, em <http://letras.terra.com.br/gonzaguinha/463845/>

## CONCLUSÃO

O falante, ao produzir um texto, numa situação comunicativa qualquer, leva em conta não só as informações sobre o contexto social em questão – o tema específico, as propriedades das posições sociais, funções e indivíduos que as preenchem – bem como as convenções que determinam as ações socialmente possíveis dos membros envolvidos. Deve estar atento, também, à textualidade – trama semântica –, que garantirá, por meio da observância a seus fatores, que se construa um TEXTO.

Os fatores responsáveis pela textualidade contribuem, portanto, para a produção e compreensão do texto, que se constitui, assim, de um conjunto de pistas destinadas a orientar o leitor na construção de sentidos.

Apresentamos, a seguir, uma atividade final, para verificarmos se você compreendeu realmente o que é a textualidade.

## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

A comunicação, em todos os meios da atividade humana, tem que ser eficaz, rápida, clara e precisa. Não se podem admitir entrelinhas e suposições.

O texto a seguir é um exemplo de como a comunicação pode ser “quebrada”, mal entendida, interpretada às avessas. Muitas vezes, o grau de informatividade é muito alto, o que faz com que o texto seja compreendido e repassado de forma incoerente.

"Certa vez, em um quartel militar, um capitão dá a seguinte ordem ao sargento-ajudante:

– Sargento! Dando-se amanhã um eclipse do sol, determino que a companhia esteja formada, com uniforme de campanha, no campo de exercício, onde darei explicações em torno do raro fenômeno que não acontece todos os dias – o eclipse do Sol. Se for chover, nada se poderá ver e, neste caso, fica a companhia dentro do quartel.

O sargento-ajudante, por sua vez, passou a seguinte informação para o sargento de dia:

– Sargento, de ordem de meu capitão, amanhã haverá um eclipse do sol, em uniforme de campanha. Toda a companhia terá de estar formada no campo de exercício, onde meu capitão dará as explicações necessárias, o que não acontece todos os dias. Se chover, o fenômeno será mesmo dentro do quartel!

O sargento de dia, após ouvir a ordem, repassa ao cabo:

– Cabo, o nosso capitão fará amanhã um eclipse do sol no campo de exercício. Se chover, o que não acontece todos os dias, nada se poderá ver. Em uniforme de campanha o capitão dará a explicação necessária, dentro do quartel.

Finalmente, a ordem chega aos soldados:

– Soldados, amanhã para receber o eclipse que dará a explicação necessária sobre o nosso capitão, o fenômeno será em uniforme de exercício. Isto, se chover dentro do quartel, o que não acontece todos os dias."

Fonte: Adaptado de *A técnica da comunicação humana*, de José Roberto W. Penteadó.



Damian Searles

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/885776>

No texto, uma mensagem transmitida corretamente pode ser mal interpretada por alguém que não conhece o assunto. No caso em pauta, o coronel e os militares subordinados não apresentavam conhecimentos comuns acerca do fenômeno chamado eclipse do sol.



a) Qual a intenção do coronel ao dar uma ordem ao sargento-ajudante?

---

---

---

---

b) À medida que a ordem foi sendo repassada aos militares, a informação foi sendo deturpada. Releia o que informou o sargento de dia ao cabo:

“– Cabo, o nosso capitão fará amanhã um eclipse do sol no campo de exercício. Se chover, o que não acontece todos os dias, nada se poderá ver. Em uniforme de campanha o capitão dará a explicação necessária, dentro do quartel.”

Qual a informação mais incoerente na mensagem do sargento de dia ao cabo?

---

---

---

c) Agora releia como o cabo passou a informação transmitida pelo sargento de dia aos soldados:

“– Soldados, amanhã para receber o eclipse que dará a explicação necessária sobre o nosso capitão, o fenômeno será em uniforme de exercício. Isto, se chover dentro do quartel, o que não acontece todos os dias.”

O texto apresenta elementos de coesão? A ordem dada pelo cabo aos soldados é coerente? Justifique.

---

---

---

---

---

d) Pensando nos fatores responsáveis pela textualidade, por que as ordens do capitão chegaram aos soldados tão deturpadas?

---

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

a) O coronel queria que a ordem chegasse a todos os militares do quartel: no dia seguinte, todos deveriam estar formados, com uniforme de campanha, no campo de exercício, para ouvirem explicações dadas pelo capitão sobre o eclipse do sol.

b) De acordo com a informação repassada pelo sargento de dia ao cabo, o capitão faria o eclipse do sol.

c) O texto apresenta elementos coesivos, como, por exemplo, as preposições “para”, “sobre”, “em”, “de”; os pronomes “que”, “nosso”, “isto”, “todos”; a conjunção “se” etc., mas não apresenta coerência. O cabo repassa aos soldados que o “eclipse” dará a explicação necessária sobre o capitão, ou seja, o fenômeno é “personificado”. O exemplo mostra que, para um texto ter coerência, precisa apresentar mais que simples elementos de coesão. Vimos no início desta aula que existem textos sem elementos explícitos de coesão e que, mesmo assim, são coerentes. Da mesma forma, existem textos que apresentam elementos de coesão, mas não são coerentes.

d) As ordens do capitão chegaram aos soldados tão deturpadas por causa do alto grau de informatividade da mensagem enviada pelo capitão a seus subordinados. O capitão passou muitas informações ao sargento-ajudante; e este, aos seus subordinados. Provavelmente, o sargento-ajudante e os outros militares não sabiam que o eclipse do sol é um fenômeno em que o sol deixa de ser visível total ou parcialmente, porque a lua fica entre o sol e os observadores terrestres, e que tal fenômeno não acontece todos os anos.

## RESUMO

A *textualidade* – trama semântica constituída pelo encadeamento semântico de frases – é o que diferencia um *texto* de um *não texto*. São sete os fatores responsáveis pela textualidade de um texto qualquer: a *informatividade*, a *coesão* e a *coerência*, fatores centrados no texto; a *intencionalidade* e a *aceitabilidade*, centrados nos interlocutores; e a *situacionalidade* e a *intertextualidade*, centrados no contexto.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Em nossa próxima aula, vamos começar a estudar em detalhes os fatores da textualidade, focalizando os que são centrados nos interlocutores – a intencionalidade e a aceitabilidade – e a informatividade (fator centrado no próprio texto).

## LEITURA RECOMENDADA

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

# Fatores da textualidade: intencionalidade/aceitabili- dade e informatividade

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

AULA

3

## Meta da aula

Apresentar os seguintes fatores da textualidade:  
intencionalidade/aceitabilidade e informatividade.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. caracterizar a intencionalidade;
2. analisar as "máximas conversacionais" em relação ao fator da aceitabilidade;
3. identificar "implicatura conversacional";
4. caracterizar a informatividade por meio do equilíbrio entre o dado e o novo;
5. distinguir meios quentes de meios frios.

## INTRODUÇÃO

Na segunda aula, começamos nosso estudo sobre o que é a textualidade. Vimos que um texto deve constituir um todo significativo (tanto para quem o produz quanto para quem o recebe), e não um amontoado de sentenças desconexas. Assim, produtor e receptor do texto são estrategistas, pois mobilizam uma série de conhecimentos com vistas à produção do sentido.

Os fatores responsáveis pela textualidade contribuem, então, para o processo de compreensão e interpretação do texto, levando o interlocutor a acionar conhecimentos que traz armazenados em sua memória.

A coesão e a coerência são os fatores da textualidade mais estudados nos livros didáticos e manuais de redação. São, portanto, mais conhecidos pelos alunos. Por isso, resolvemos começar nossa conversa pelos fatores menos focalizados.

Vamos iniciar, então, pelos fatores centrados nos interlocutores: a *intencionalidade* e a *aceitabilidade*.

## INTENCIONALIDADE: OS OBJETIVOS DO PRODUTOR DO TEXTO

A intencionalidade diz respeito ao autor do texto. Como já mencionado, é o empenho do produtor do texto em construir um discurso coerente, capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa dada situação comunicativa. A meta desse enunciador pode ser informar, impressionar, alarmar, convencer, pedir, ofender etc.

A intencionalidade está ligada ao que se costuma chamar, nos estudos da Pragmática, de valor ilocutório do discurso.

O uso do termo *Pragmática*, como ramo da Linguística – que é o estudo científico da linguagem verbal humana –, teve início com Charles Morris, em 1938, significando o estudo da linguagem em uso.

A Pragmática é, então, o ramo da Linguística que analisa a linguagem no contexto da comunicação. Estuda, portanto, os significados linguísticos que se deduzem a partir de um contexto extralinguístico: contexto discursivo, situacional etc. e se preocupa com os objetivos da comunicação.

A capacidade de se compreender a intenção do locutor se chama “competência pragmática”, e a intenção do locutor se chama “ato ilocucional”, que corresponde ao “valor ilocutório” do discurso.

Fonte: Adaptado de <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pragm%C3%A1tica>

Vamos dar um exemplo do que acabamos de falar para você entender melhor: suponha que uma pessoa queira fazer uma segunda pessoa parar de fumar. Pode simplesmente dizer, de forma direta: “Pode apagar o cigarro, por favor?”, ou pode dizer: “Hmm... esta sala está precisando de um purificador de ar”, sem que se mencione uma só vez sequer a palavra “fumar” ou “fumo”.

Para entender um texto, portanto, não é suficiente nos basearmos apenas no seu conteúdo semântico explícito, porque ouvir ou ler um texto é muito mais do que simplesmente entender o que está dito ou escrito na superfície textual. É conseguir, também, a partir de nosso conhecimento de mundo, perceber as intenções que o emissor teve quando elaborou o texto.

Mais um exemplo: se alguém entra numa sala em que as janelas estão fechadas e diz para uma pessoa sentada perto de uma janela: “Está quente aqui, não é?”, na verdade, essa pessoa não está interessada em fazer uma observação sobre o tempo, tampouco em fazer uma pergunta sobre o tempo a seu interlocutor. Sua intenção verdadeira é fazer um pedido ao outro para que abra a janela.



Para que você entenda ainda melhor o que é o ato ilocucional, vamos apresentar ainda mais um exemplo:

Um rapaz, atrasado para um compromisso, pergunta a um colega: “Você tem relógio?” É claro que ele não deseja saber se o outro “possui” um relógio. Ele quer, sim, saber as horas. Para que a comunicação se estabeleça, é necessário, então, que o outro perceba a intenção, na pergunta, para poder responder adequadamente, dizendo que horas são. A resposta, ao pé da letra – “sim, tenho” –, em nosso contexto cultural (em outros contextos culturais poderia ser uma resposta possível), seria interpretada pelo viés do humor.



#### ATIVIDADE



##### Atende ao Objetivo 1

1. O encadeamento semântico entre as sentenças de um texto constitui o que chamamos de textualidade.

Observe a frase: “Chega!”. Formada apenas por um verbo, isolada, fora de uma situação de comunicação, a frase parece incoerente. Agora, quando o contexto é explicitado – como, por exemplo, “A mãe que não aguenta mais ouvir reclamações do filho e grita: ‘Chega!’” –, a intencionalidade fica evidente.

A seguir, identifique a intencionalidade, ou seja, o que o produtor do texto tinha em mente quando produziu os enunciados nas situações de comunicação indicadas.

a) Na rua, uma pessoa pergunta para outra: "Você sabe onde fica a Biblioteca Nacional?"

---



---

b) Uma mãe fala para o filho que chega tarde a casa: "Isso são horas!?"

---



---

c) Um turista se perde em um safári na África e acaba frente a frente com um leão feroz. Ao vê-lo avançando em sua direção, faz a seguinte prece: "Deus, permita que um espírito cristão tome posse do leão."

---



---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

- a) A pessoa que fez a pergunta não espera um "sim" como resposta, mas que a outra pessoa indique onde fica a biblioteca.
- b) A mãe espera que o filho justifique por que está chegando tarde.
- c) O turista espera que o leão seja tomado por sentimentos de amor, fraternidade e compaixão e, assim, não o coma.

Assim, a produção de um texto envolve uma intenção, e o seu entendimento depende da decodificação da intenção de quem o produziu. Ao decodificarmos essa intenção, já estaremos (co)operando com o produtor do texto e, em princípio, aceitando a mensagem a nós destinada. Nesse sentido, podemos dizer que a intencionalidade é um fator ligado tanto à produção (enunciador, locutor), quanto à recepção (destinatário, receptor), e isso porque a mensagem só será completa quando recebida e aceita pelo receptor. Daí ser bastante comum se chamar o receptor de um texto de coautor desse texto.



## ACEITABILIDADE: A EXPECTATIVA DO RECEPTOR

A aceitabilidade, fator centrado no interlocutor, constitui a contraparte da intencionalidade.

A intencionalidade está, portanto, irremediavelmente ligada a outro fator da textualidade: a aceitabilidade, que diz respeito à nossa atitude receptiva em relação à mensagem a nós endereçada e que é, então, a expectativa do receptor de que o texto com que se defronta seja útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor (locutor, enunciador). Podemos falar, então, que entre locutor e interlocutor se estabelece um *contrato de cooperação*.

Nesse momento, vale a pena lembrar um conceito bastante interessante: o *Princípio da Cooperação* ou *Princípio Cooperativo*, elaborado por **H. P. GRICE**, segundo o qual, numa troca interativa, as pessoas fazem esforços cooperativos, com o objetivo de tornarem a comunicação efetiva.

No contrato cooperativo que se estabelece, então, entre emissor e receptor, certas “normas conversacionais” devem ser respeitadas. Trata-se do que Grice convencionou chamar de máximas conversacionais – estratégias normalmente adotadas pelos produtores para alcançar a aceitabilidade do receptor. São elas:

### H. PAUL GRICE (1913-1988)

Foi um filósofo inglês que desenvolveu teorias sobre linguagem e comunicação. É lembrado, principalmente, por sua contribuição na área da Pragmática.

**Quadro 3.1:** Máximas conversacionais

Máxima da Quantidade	“Não diga nem mais nem menos do que o necessário.”
Máxima da Qualidade	“Só diga coisas para as quais tem evidência adequada; não diga o que sabe não ser verdadeiro.”
Máxima da Relação (Relevância)	“Diga somente o que é relevante.”
Máxima de Modo	“Seja claro e conciso; evite a obscuridade, a prolixidade etc.”

Com frequência, acontece de o locutor (enunciador) intencionalmente desrespeitar alguma ou algumas dessas máximas, e essa intenção é percebida pelo receptor. Cabe, então, ao interlocutor interpretar essa “desobediência” do locutor. Nesse caso, ocorre o que Grice chama de *implicatura conversacional*.

O receptor prefere supor que a infração aos princípios conversacionais é intencional, voluntária e tem alguma significação a simplesmente aceitar que seu interlocutor possa produzir um discurso incoerente e sem sentido. Metáforas, ironias, mensagens subentendidas (conteúdos que serão estudados por nós, mais adiante) podem ser explicadas pela análise das implicaturas conversacionais.

Para explicar melhor o que é implicatura conversacional, vamos dar um exemplo apresentado pelo próprio Grice (1967), no artigo “Lógica e conversação”, que se encontra indicado nas referências deste livro.

Exemplo:

Um professor (A) escreve uma carta de recomendação a propósito de um aluno (X), que é candidato a professor de Filosofia. Nessa carta, lê-se:

Prezado senhor, o conhecimento de inglês do senhor X é excelente, ele tem participado regularmente de nossas aulas. Sem mais, etc. etc.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1094969>

Interpretação:

1. O professor A não pode estar querendo fugir do cumprimento das máximas, pois se desejasse não cooperar, por que escreveria a carta?
2. Ele não está incapacitado de dizer mais sobre o candidato, em função de desconhecimento, já que é seu aluno.
3. Ele sabe, também, que quem pediu a carta deseja mais informações do que está efetivamente prestando.

Observa-se, portanto, a transgressão de, pelo menos, duas máximas na resposta do professor A – a da *Quantidade* (disse menos do que o necessário) e a da *Relevância* (não disse o que era relevante para seu interlocutor).

O interlocutor, por sua vez, sabe que o seu colega – o professor A – não diria coisas sem propósito. E, então, ao aceitar o discurso de A, procurará justificá-lo de alguma forma e pensará: *o professor A só tem isso para dizer do candidato e não deseja colocar, por escrito, outras informações mais pontuais sobre ele.*

Conclusão: o senhor X (que pretende a vaga de professor na outra instituição) não é um bom filósofo.

Vamos, agora, realizar uma atividade, a fim de analisar as máximas conversacionais em relação ao fator da aceitabilidade.

### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 2 e 3

2. Imagine a seguinte situação:

Um homem chega ao trabalho e diz:

– Nasceu o meu primeiro filho! É homem! É a minha cara!

Um colega responde:

– Não fique triste não, rapaz. Não se preocupe. Nascendo com saúde é o que importa!

Normalmente, os usuários, numa situação comunicativa, sempre se assumem mutuamente cooperativos. O falante pressupõe, da parte do interlocutor, conhecimentos textuais, situacionais e enciclopédicos e, orientando-se pelas Máximas da Quantidade e da Qualidade, não diz coisas óbvias, isto é, informações consideradas redundantes, ou informações falsas. Com base nas Máximas da Relação e de Modo, o sujeito comunicante deve verbalizar somente as unidades necessárias à compreensão, com clareza e objetividade.

Assim, o que provoca o riso nas piadas é o desvio. Onde se esperava uma determinada resposta, tem-se outra, completamente diferente, equivocada. O pai deu a notícia do nascimento do filho aos colegas de trabalho e foi interpretado de uma forma inesperada.

a) Na piada, o interlocutor não levou em consideração o contexto. Que máximas conversacionais foram transgredidas, gerando a implicatura conversacional?

---

---

---

---

b) Qual foi a intenção do pai ao dizer: “Nasceu o meu primeiro filho! É homem! É a minha cara!” e como tal enunciado foi aceito (interpretado) pelo colega de trabalho?

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

a) Na piada, o interlocutor não levou em consideração o contexto. Se era o primeiro filho do rapaz, ele não poderia estar triste. O interlocutor infringiu a Máxima da Quantidade (disse mais do que era esperado) e da Qualidade (queria agradar e acabou dizendo coisas desnecessárias e falsas). Ao se desrespeitarem algumas Máximas, gera-se a implicatura conversacional e, conseqüentemente, o humor da piada.

b) Quando o pai diz que o filho tem a sua cara, o sentimento é de orgulho e não de tristeza. O comentário do colega de trabalho dá a entender que o pai se lamentou por seu filho ser feio como ele próprio.

Pudemos perceber, então, como os fatores da *intencionalidade* e da *aceitabilidade* – centrados nos interlocutores – estão imbricados e articulados no processo de produção/recepção textual.

Vamos direcionar nossa atenção agora para o próprio texto e veremos que há três fatores de textualidade nele centrados: a coesão e a coerência, de que falaremos em outra oportunidade, e a informatividade, que focalizaremos a seguir.

**INFORMATIVIDADE: O TEXTO EM FOCO**

A informatividade, como o próprio nome sugere, diz respeito ao grau de informação fornecida pelo texto.

A informatividade designa em que medida a informação que está no texto é esperada/não esperada; previsível/não previsível. Dessa forma, o texto mais previsível será menos informativo, do mesmo modo que o menos previsível será mais informativo.

Um texto menos previsível é mais informativo porque sua recepção (embora seja mais trabalhosa) deverá ser mais instigante, interessante. Da mesma forma, um texto muito previsível terá, provavelmente, recepção já esperada e, por conseguinte, sem grande interesse para o receptor.

Às vezes, a informatividade pode ser comprometida pela inadequação do uso da variedade linguística. Por exemplo, uma pessoa pode não ser compreendida se, em uma simples conversa, utilizar uma linguagem muito rebuscada, com palavras desconhecidas para o interlocutor.

O ideal, num texto, é o equilíbrio, isto é, um nível mediano de informatividade, no qual se alternam ocorrências que falam do conhecido (o *dado*, ou informações “velhas”), cujo processamento mental é imediato, e ocorrências que trazem a novidade (o *novo*), de processamento mental mais trabalhoso.

### ATIVIDADE



#### ESTEREOTIPAÇÃO

(s.f. estereótipo): ideia preconcebida, geralmente preconceituosa, sobre alguém ou algo.

#### AFICIONADOS

(adj.): que têm inclinação ou gosto por algo.

**RECESSO** (s. m.): recanto, retiro.

#### VATICINOU

(v. vaticinar): profetizou, prenunciou.

#### ESFÉRICO

(adj.): em forma de esfera, redondo.

#### PARCIMÔNIA

(s.f.): moderação, sobriedade.

#### REVERSÃO

(s.f.): ato ou efeito de reverter; mudança de direção.

#### Atende aos Objetivos 2 e 4

3. A seguir, reproduzimos um trecho do texto “Aí, galera”, de Luis Fernando Veríssimo. Observe a linguagem utilizada pelo jogador de futebol em algumas respostas dadas ao entrevistador.

Jogadores de futebol podem ser vítimas de **ESTEREOTIPAÇÃO**. Por exemplo, você pode imaginar um jogador de futebol dizendo ‘estereotipação’? E, no entanto, por que não?

– Aí, campeão. Uma palavrinha pra galera.

– Minha saudação aos **AFICIONADOS** do clube e aos demais esportistas, aqui presentes ou no **RECESSO** dos seus lares.

– Como é?

– Aí, galera.

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador **VATICINOU** que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o **ESFÉRICO**, concatenarmos um contragolpe agudo com **PARCIMÔNIA** de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela **REVERSÃO** inesperada do fluxo da ação.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

(...)



Fonte: VERÍSSIMO, Luis Fernando. Aí galera. 13 maio 1998.  
Disponível em: <http://luizverissimo.blogspot.com/2008/09/galera.html>  
Acesso em: 13 dez. 2010.

Luis Fernando Veríssimo constrói o humor por apresentar um jogador de futebol que não corresponde à imagem que normalmente se faz desse tipo de atleta.

a) Qual é essa imagem?

---

---

---

b) Que tipo de linguagem se esperaria que um jogador de futebol utilizasse?

---

---

c) Utilizando uma linguagem rebuscada, com palavras desconhecidas para o leitor, o jogador de futebol soube dosar o grau de informatividade, ou seja, a quantidade de informações novas em relação às informações “velhas”, nas respostas dadas ao entrevistador? Justifique.

---

---

---

d) Pensando nas máximas conversacionais, qual delas o jogador de futebol transgrediu? Por quê?

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

a) Luis Fernando Veríssimo constrói o humor por apresentar um jogador de futebol que não corresponde à imagem que normalmente se faz desse tipo de atleta, que seria a imagem de alguém com baixa escolaridade e que, portanto, não dominaria a norma culta da língua portuguesa.

b) De um jogador de futebol, a linguagem esperada seria a variedade popular, coloquial, do dia a dia.

c) Utilizando uma linguagem rebuscada, com palavras desconhecidas para o leitor, o jogador de futebol não soube dosar o grau de informatividade, isto é, equilibrar a quantidade de informações novas em relação às informações “velhas” nas respostas dadas ao entrevistador. O jogador utilizou uma linguagem muito formal,

*inadequada à situação da entrevista. Além disso, não levou em consideração o leitor.*

*d) O jogador de futebol transgrediu a “máxima de modo”, pois não foi claro, ou seja, não evitou a obscuridade na utilização da linguagem.*



#### **HERBERT MARSHALL MCLUHAN**

Filósofo e educador, nasceu em 1911, no Canadá. Formado pela Universidade de Manitoba, lecionou em diversas faculdades de seu país. Tornou-se professor titular de Literatura na Universidade de Toronto em 1952, cargo que exerceu durante toda a sua vida. Autor de inúmeros artigos para revistas científicas, ficou mundialmente famoso em 1964, ao publicar *Understanding Media*, em que expunha suas teses sobre a tecnologia e o conhecimento.

Fonte: <http://en.wikipedia.org/wiki/le:MarshallMcLuhan.png>

### **QUE SÃO MEIOS FRIOS E MEIOS QUENTES?**

Neste ponto de nossa conversa, será bastante interessante fazer uma relação entre o conceito de informatividade e a distinção que **MCLUHAN** faz entre os veículos de comunicação, separando-os em *meios frios* e *meios quentes*.

Os meios quentes são os que concentram a informação em alto grau de tensão, ou complexidade, isto é, aqueles que exigem do receptor, para decodificá-los, um grande esforço intelectual. Os frios, ao contrário, apresentam a informação já diluída, em baixo grau de tensão e complexidade.

Fica fácil, então, perceber que os meios quentes apresentam maior grau de informatividade que os meios frios. Por exemplo, um artigo científico é um meio quente porque, normalmente, exige do leitor um envolvimento intelectual maior; ao contrário, a televisão já se tornou um exemplo clássico de meio frio, tendo em vista que utiliza uma linguagem mais acessível, com auxílio de imagens.

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 5**

4. Dos exemplos a seguir, identifique quais são meios quentes e quais são meios frios, em relação ao grau de informação que veiculam:

- a) Uma conferência sobre conceitos avançados de Física para um público de estudantes de nível médio.
- b) Uma revista de entretenimento.
- c) Uma entrevista com uma atriz.

---



---



---



---

**RESPOSTA COMENTADA**

*Dos exemplos citados, apenas o (a) é um meio quente, porque utiliza uma linguagem técnica, em princípio, só entendida por um público específico.*

*Os exemplos (b) e (c) são meios frios, porque, geralmente, apresentam uma linguagem simples, com pouco grau de informatividade e de fácil compreensão pelo leitor.*

**CONCLUSÃO**

A interpretação de um texto não depende apenas das características textuais, mas também dos interlocutores, que colaboram na construção do sentido, já que, como coenunciadores da mensagem construída, nela imprimem as suas convicções, conhecimento de mundo e intencionalidade. Um mesmo texto pode ter sentido para um ouvinte/leitor e para outro, não.

O texto torna-se unidade de sentido na interação com o interlocutor. O entendimento de um texto deve ser considerado como uma “via de duas mãos”, possibilitando ao interlocutor posicionar-se diante do texto, perceber as intenções do produtor, fazer cálculos de sentidos possíveis e ultrapassar a simples informação explícita, ou seja, perceber além do que é dito ou escrito.

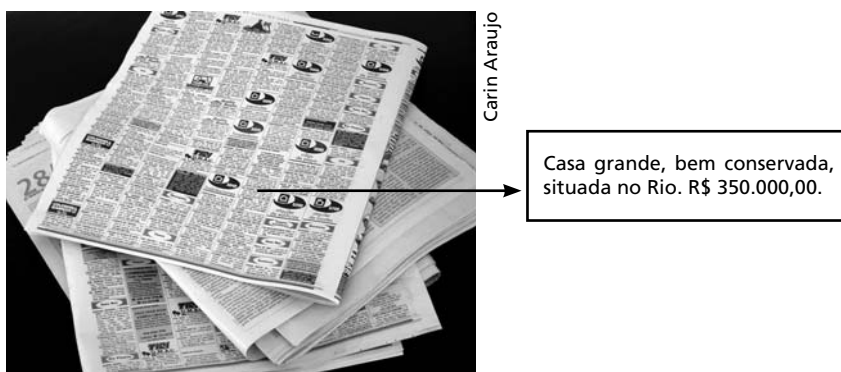


## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 1, 2, 3, 4 e 5

Vamos terminar esta aula analisando um texto:

Em um jornal, na seção dos classificados, lê-se o seguinte anúncio sobre uma determinada casa:



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/126593>

O anúncio é um gênero textual escrito para cumprir determinada finalidade: vender.

Um leitor do jornal liga para o proprietário da casa e pede informações sobre o imóvel. O dono da casa repete o que está escrito no anúncio.

a) O que esperava o leitor do jornal ao pedir informações sobre o imóvel?

---

---

---

b) Observa-se, no anúncio, a transgressão de, pelo menos, duas máximas ligadas diretamente aos fatores da informatividade e da aceitabilidade. Quais são? Justifique, apontando o efeito de sentido (implicatura conversacional) decorrente dessas transgressões.

---

---

---

---

---

---

c) Em relação ao grau de informatividade, o anúncio publicitário é um meio quente ou um meio frio? Por quê?

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

a) O leitor, possível comprador, esperava uma descrição completa do imóvel, ou seja, informações pertinentes e oportunas, já que o anúncio informava pouco ou quase nada sobre o produto anunciado.

b) Observa-se, no anúncio, a transgressão de, pelo menos, duas máximas: a da quantidade (disse menos do que o necessário – texto pouco ou nada informativo) e a da relevância (não disse o que era relevante para seu interlocutor). É gerada, portanto, uma implicatura conversacional e pode-se concluir que se o vendedor só tem isso para dizer sobre a casa, na verdade, a casa não deve ser boa.

c) Em relação ao grau de informatividade, o anúncio publicitário é um meio frio, porque apresenta uma linguagem simples, com poucas informações novas.

**RESUMO**

A intencionalidade e a aceitabilidade são os fatores da textualidade centrados nos interlocutores. A intencionalidade diz respeito ao autor do texto. É o empenho do produtor em construir um discurso coerente, capaz de satisfazer os objetivos que tem em mente numa dada situação comunicativa. A aceitabilidade, por sua vez, é a expectativa do receptor de que o texto com que se defronta seja útil e relevante, capaz de levá-lo a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor (locutor, enunciador).

Já a informatividade, como o próprio nome sugere, diz respeito ao grau de informação fornecida pelo texto. O ideal é o equilíbrio, isto é, um nível mediano de informatividade, no qual se alternam ocorrências que falam do conhecido (o dado) e ocorrências que trazem a novidade (o novo).

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Em nossa próxima aula, vamos continuar estudando os fatores da textualidade, focalizando os que são centrados no contexto: a situacionalidade e a intertextualidade. Até lá!

## LEITURAS RECOMENDADAS

KOCH, Ingedore V. Os postulados conversacionais de Grice. In: \_\_\_\_\_. *A inter-ação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992.

PRAGMÁTICA. In: WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Pragm%C3%A1tica>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Aí galera. 13 maio 1998. Disponível em: <<http://luizfverissimo.blogspot.com/2008/09/galera.html>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas, 1982.

# O contexto de produção textual: situacionalidade e intertextualidade

Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas

## AULA 4

### Meta da aula

Apresentar a importância do contexto na produção textual, com foco na situação de comunicação e na relação entre textos.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer que diferentes situações comunicativas exigem registros diversos no uso da linguagem;
2. identificar textos adequados em relação à situacionalidade;
3. determinar tipos de intertextualidade;
4. identificar o conhecimento de mundo e o conhecimento partilhado como indispensáveis à compreensão de textos;
5. reconhecer que nosso conhecimento de mundo pode ser armazenado em forma de *frames*, esquemas, planos ou *scripts*.

## INTRODUÇÃO

Como você já sabe, de acordo com Beaugrande e Dressler (1981), existem sete fatores responsáveis pela textualidade, ou seja, pela trama semântica dos textos. São eles: a *informatividade*, a *coesão* e a *coerência*, centrados no texto; a *intencionalidade* e a *aceitabilidade*, centrados nos interlocutores; e a *situacionalidade* e a *intertextualidade*, associados ao contexto de produção do texto.

Na Aula 3, focalizamos três fatores: a intencionalidade, a aceitabilidade e a informatividade. Agora, dando continuidade ao nosso estudo, vamos tratar dos fatores relacionados ao contexto: a situacionalidade e a intertextualidade.

## SITUACIONALIDADE: A ADEQUAÇÃO DO TEXTO À SITUAÇÃO

Cada situação comunicativa exige que se escreva ou fale de um modo. Por exemplo, numa conferência, espera-se um texto formal, com uma linguagem científica, diferentemente do texto esperado entre namorados ou, ainda, em uma bula de remédios.

A situacionalidade é a adequação do texto à situação, referindo-se ao conhecimento da situação comunicativa e às suas regras.

Um exemplo dessa adequação poderia ser dado pelas inscrições **LACÔNICAS** das placas de trânsito. Não caberiam, nessa situação, textos longos e complexos, já que o tempo para a leitura dessas placas pelos motoristas é muito reduzido. Eles veem as placas, de relance, ao passar por elas.

### LACÔNICAS

Breves, resumidas, sucintas.



<http://www.sxc.hu/photo/1182356>



<http://www.sxc.hu/photo/200984>



<http://www.sxc.hu/photo/1118215>

Figura 4.1: Placas de trânsito.

Vale lembrar também a adequação do uso da língua, por parte dos falantes, à situação social. Trata-se do que os linguistas chamam de “registro”.

Registro é um termo adotado pela Linguística para designar as mudanças no uso de uma língua, de acordo com a situação social. Dessa forma, o registro da conversação em família difere do de uma conversação mais cerimoniosa, o registro da língua escrita difere do da língua oral etc.

Você se lembra do texto “Aí, galera”, de Luis Fernando Verissimo, da Aula 3? Nesse texto, o jogador de futebol que estava sendo entrevistado não soube adequar a linguagem à situação de comunicação. Utilizou termos muito formais, rebuscados, dificultando o entendimento por parte do leitor. Só para você lembrar, reproduzimos um trecho:

"(...)

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

(...)"

Fonte: VERISSIMO, Luis Fernando. Aí galera. 13 maio 1998.  
Disponível em: <http://luizverissimo.blogspot.com/2008/09/galera.html>  
Acesso em: 13 dez. 2010.

Assim, da mesma forma que não é adequado ir à igreja usando trajes de banho e tomar banho de mar com terno e gravata, também precisamos adequar a linguagem à situação de comunicação.

## ATIVIDADES



### Atendem ao Objetivo 1

1. A comunicação se realiza com mais eficiência quando o produtor do texto (oral ou escrito) é capaz de adequar sua linguagem ao contexto, ou seja, à situação de comunicação. Identifique, nas situações a seguir, o(s) caso(s) em que ocorre inadequação linguística. Justifique.

a) Em um velório, uma pessoa, ao cumprimentar a viúva, diz:

– É muito triste, para mim, saber que o seu marido bateu as botas.

b) Um amigo diz ao outro, que costuma beber e depois dirigir com a moto em alta velocidade:

– Cuidado, a qualquer momento você bate as botas.

c) Um senador, em uma sessão do Congresso, diz a outro senador:

– Tá na cara que você tá querendo enrolar a gente.

2. Reescreva a fala do senador da situação (c), adequando-a à situação de comunicação.

3. Imagine a seguinte situação: Carlos e Hugo são amigos de infância e Carlos escreve a Hugo, desculpando-se por ter faltado à sua festa de aniversário.

Leia o *e-mail* seguinte e verifique se a linguagem está de acordo com a situação comunicativa, justificando.

Enviar Salvar Rascunho Reunião Cancelar

Para: hugo@gmail.com

Cópia | Cópia oculta

Assunto: Desculpas

Anexos: Escolher arquivo(s)...

Escrever sem formatação

Família(Fonte) 3 (12pt) B I U [ícones de alinhamento] [ícones de lista] [ícones de link/imagem]

**Prezado Hugo,**  
Em primeiro lugar, minhas cordiais saudações.  
Escrevo-lhe esta missiva para escusar-me por não haver comparecido à reunião festiva em comemoração a seu aniversário. Estava constipado e não me atrevi a sair do leito. Assim que meu quadro clínico se normalizar, irei visitá-lo.  
Amplexos,  
Carlos

**RESPOSTA COMENTADA**

1. As situações (a) e (c) são inadequadas à situação de comunicação. Na situação (a), não é educado dizer a uma viúva que o marido “bateu as botas”. O mais adequado seria dizer, por exemplo: “Sinto muito pela perda do seu marido” ou “Que Deus a ajude a superar essa perda”.

Na situação (c), espera-se que um senador, numa sessão do Congresso, utilize a norma culta da linguagem, ou seja, empregue a linguagem de maneira condizente com a situação formal de comunicação. A situação (b) é a única adequada, pois reproduz uma conversa entre dois amigos. Nesse tipo de situação, pode-se utilizar a forma coloquial da linguagem, ou seja, utilizar uma linguagem descontraída, inclusive com gírias e expressões populares.

2. O senador poderia dizer: “É evidente que Vossa Excelência está querendo ludibriar a todos” ou “É inquestionável que Vossa Excelência está tentando enganar a todos nós.”

3. A forma como Carlos se dirige a Hugo é totalmente inadequada, pois, se são amigos de infância, espera-se que Carlos escreva sua mensagem numa linguagem informal e descontraída.

## Sintonia entre o elemento visual e o verbal

Outro exemplo de adequação ao fator da situacionalidade poderia ser dado pelos *outdoors*.

Explicando melhor: as mensagens publicitárias veiculadas por *outdoors* têm características próprias. Devem ser concisas, objetivas, articulando o texto verbal ao visual e, principalmente, sem que se perca de vista o tempo de absorção dessa mensagem pelo destinatário, isto é, os *outdoors* são vistos, de passagem, em questão de alguns segundos, por pessoas que passam de carro, ônibus, moto etc.



### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

4. As mensagens publicitárias veiculadas por *outdoors* devem ser curtas e objetivas para que o receptor tenha condições de percebê-las por inteiro, no curto espaço de tempo em que essas mensagens lhe são apresentadas. Assim, a objetividade e a concisão são elementos importantes para que se estabeleça o fator da situacionalidade nesse tipo de texto.

Acessando o link <http://www.pixel2.com.br/bembolado/?p=177> você pode ver dois *outdoors* da Petrobras. Observe-os e veja se eles atendem às seguintes características: concisão, objetividade e articulação entre o texto verbal e o visual.

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

*A mensagem verbal é curta, direta, e a visual, bastante instigante, já que apresenta, concretamente, a energia anunciada pelo texto verbal: a energia, ou melhor, a impetuosidade do atleta é tanta que chega a rasgar o papel de fundo do outdoor, havendo, então, perfeita sintonia entre o elemento visual e o verbal. Podemos, então, confirmar a nossa hipótese anterior de que os outdoors, normalmente, são sensíveis ao fator da situacionalidade.*

### Um mesmo texto: contextos e significados diferentes

Ainda em relação à adequação à situação comunicativa, é importante não esquecer que um mesmo texto pode ter significados diferentes, dependendo da situação concreta em que está inserido. Vejamos um minúsculo texto como o seguinte:

“Meu cabelo está ressecado.”

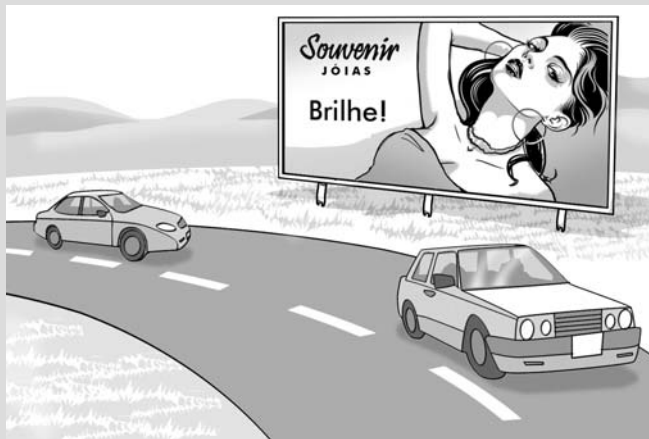
Dito à frente do espelho, no banheiro de minha casa, pode ter um efeito de desabafo, de constatação de um fato. Mas se for dito num salão de beleza, a um profissional, pode significar: "Como você pode me ajudar a tratar do meu cabelo?"

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

5. Observe com atenção o *outdoor* a seguir e responda se esse texto é adequado em relação à situacionalidade.



---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

Você deve ter percebido que a mensagem veiculada pelo outdoor respeita o fator da situacionalidade. Um outdoor, pela rapidez com que é apreendido por quem por ele passa, deve apresentar uma mensagem direta, curta. E é exatamente o que ocorre nessa mensagem publicitária constituída, apenas, da imagem de uma mulher sedutora e de um texto verbal mínimo: "Brilhe!", abaixo da marca do produto anunciado.

Por meio dos exemplos e exercícios, você deve ter percebido que precisamos adequar o nosso texto à situação de comunicação. Muitos textos, como os publicitários, fazem desse fator da textualidade uma estratégia de sedução.

O outro fator de textualidade centrado no contexto é a *intertextualidade*.

## INTERTEXTUALIDADE: A RELAÇÃO COM OUTROS TEXTOS

Muitos textos são criados a partir de outros. As obras de caráter científico remetem explicitamente a autores reconhecidos, garantindo, assim, a veracidade das afirmações. Nossas conversas são entrelaçadas de alusões a inúmeras considerações armazenadas em nossa mente. O jornal está repleto de referências já supostamente conhecidas pelo leitor. A leitura de um romance, de um conto, de uma novela, enfim, de qualquer texto, aponta, muitas vezes, de forma explícita ou implícita, para outros textos.



Etimologicamente, intertextualidade é um vocábulo formado pelo prefixo “inter” (do latim *inter*, que significa “entre”) e “textualidade” (relacionado ao texto), o que quer dizer, naturalmente, “entre textos”. Assim, a intertextualidade diz respeito à relação entre textos.

Vejamos o que diz a esse respeito o prof. André Valente (2002, p. 179-180):

Intertextualidade se refere às citações de outros textos feitas pelo autor do texto que, conscientemente, intenta fazer o destinatário perceber as conexões semânticas entre o texto por ele produzido e outros textos anteriormente produzidos.

Fica claro, portanto, que, ao produzirmos um texto, nele deixamos marcas de outras leituras. Não existe texto completamente original, porque toda escrita se apoia em leituras prévias. Mesmo que não aconteça de forma explícita, é da observação de outros fatos que criamos novas hipóteses. Nesse sentido, vale destacar a diferença entre intertextualidade *explícita* e intertextualidade *implícita*.

A *intertextualidade explícita* acontece quando a fonte é mencionada, ou quando o autor, ao elaborar o seu texto, cita uma frase, na íntegra, de outro texto. A *intertextualidade implícita*, por sua vez, ocorre quando não há menção da fonte.

Para identificar a intertextualidade, seja explícita ou implícita, o conhecimento de mundo do leitor é de suma importância. Falaremos melhor sobre isso mais adiante.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 3

6. Nos últimos tempos, uma famosa loja de hortifrutigranjeiros vem se destacando por utilizar, em suas mensagens publicitárias, referências a nomes de músicas e filmes.

Acessando o link

[http://midia.hortifruti.com.br/img/wallpaper\\_1024\\_768\\_20091110133712.jpg](http://midia.hortifruti.com.br/img/wallpaper_1024_768_20091110133712.jpg) você poderá ver uma dessas propagandas.

Nessa publicidade, há a imagem de um tomate com uma boina própria de um militar.

Você percebe alguma relação entre este texto e algum outro que você conheça, considerando tanto o aspecto verbal quanto o visual? Podemos dizer que esse é um caso de intertextualidade? De que tipo?

---



---



---



---

#### RESPOSTA COMENTADA

*E então? Essa publicidade lhe traz alguma lembrança?*

*Chama atenção, logo à primeira vista, a imagem do tomate com uma boina própria de um militar. A loja de hortifrutigranjeiros faz uma analogia com o filme Tropa de Elite, destacando a própria empresa como sendo a elite do mundo de hortaliças, frutos e frutas. Para os leigos, Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (Bope), retratado no filme, é o grupo de elite da polícia militar brasileira; somente os mais preparados conseguem passar na prova do Bope. Quem não aguenta os treinamentos, “pede pra sair”.*

*Nesse caso, a intertextualidade é explícita, já que há menção explícita à fonte. Por meio de nosso conhecimento de mundo, conseguimos correlacionar a publicidade – mais especificamente, os hortifrutigranjeiros – com os militares do Bope, retratados no filme Tropa de Elite.*

Vamos, agora, fazer outra atividade para ver se você entendeu bem esses novos conceitos.

#### ATIVIDADE



##### Atende ao Objetivo 3

7. O jornal *Folha de S. Paulo* de 11 de junho de 2001, época da Copa das Confederações, publica um comentário feito por Emerson Leão, então técnico da seleção brasileira de futebol, sobre o fracasso da equipe na Copa.

##### As uvas estavam verdes

“Quando saí do Brasil, o presidente [da CBF] disse que [a Copa das Confederações] não valia nada. Portanto seguimos no mesmo prisma.”

(Emerson Leão, técnico da seleção brasileira ao comentar o fracasso da equipe na Copa das Confederações, ontem na *Folha*.)”

Fonte: Folha de S. Paulo (2001).

Após a leitura, você compreendeu o título atribuído pelo jornal à fala de Emerson Leão? Leia a fábula a seguir e veja se fica mais fácil para entender.

**"A raposa e as uvas"**

Uma raposa, sentindo muita fome, foi até um vinhedo atrás de uvas. Chegando lá, encontrou uma parreira carregada de cachos enormes e maduros. Logo lambeu os beiços e começou a pular, na tentativa de alcançar as uvas. Porém, por mais que tentasse, não conseguia. A parreira era muito alta. Por fim, cansada de tantos esforços inúteis, resolveu ir embora, dizendo:

– Eu não queria mesmo... Além disso, estão verdes e não me servem!

Moral: Desprezar o que não se consegue conquistar é fácil."

Fonte: Adaptado da fábula de Esopo.



Agora não ficou mais fácil entender por que o título dado à fala de Emerson Leão foi "As uvas estavam verdes"?

a) Com base na leitura dos textos, explique agora qual é a relação entre a fábula e a fala de Emerson Leão.

---

---

---

---

---

b) Com que intenção o jornalista responsável pela seção "Frases", da *Folha de S. Paulo*, construiu uma relação intertextual entre a fala de Leão e a fábula de Esopo?

---

---

---

---

---

c) A intertextualidade utilizada pelo jornalista é explícita ou implícita? Justifique.

---

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

a) O sentido da fábula é evidente: a raposa desdenha das uvas que queria comer e não conseguiu alcançar. Como não conseguiu alcançá-las, prefere se convencer de que estavam verdes e, então, não serviam para o seu consumo.

Da mesma forma, ao retornar derrotado da Copa das Confederações, Leão sugere que aquela era uma competição menor, sem importância. Assim, o fato de a seleção brasileira não ter conquistado o título não deveria ser encarado como um fracasso.

b) O título funciona, no contexto da citação no jornal, como um comentário irônico à fala de Leão: as uvas estavam verdes, porque ele queria, sim, conquistar a Copa das Confederações, da mesma forma que a raposa queria alcançar as uvas. É o velho ditado: “Quem desdenha quer comprar.”

c) A intertextualidade utilizada pelo jornalista é implícita, já que não há menção explícita à fonte. Somente por meio de nosso conhecimento de mundo é que conseguiremos, após ler a fábula de Esopo, correlacioná-la com o título dado pelo jornalista à fala de Leão.

## O Conhecimento de mundo para a compreensão dos textos

Como já vimos, muitas vezes precisamos de nosso conhecimento de mundo para perceber a intertextualidade em um enunciado.

Esse conhecimento de mundo é também chamado de repertório. É esse repertório que nos torna capazes de fazer correlações entre os dados fornecidos por um determinado texto e aqueles armazenados em nossa memória, como “conhecimentos”. Por outro lado, se quisermos falar desse texto para outras pessoas – nossos interlocutores –, é preciso que essas pessoas partilhem do mesmo repertório que nós, sob pena de não alcançarem o sentido da mensagem que estamos lhes transmitindo. Nesse caso, trata-se do chamado conhecimento (com)partilhado.

Cada pessoa armazena conhecimentos na memória a partir de suas experiências pessoais, daí não ser possível que duas pessoas partilhem os mesmos conhecimentos de mundo. Mas é necessário que entre o produtor e o receptor do texto haja, pelo menos, uma parcela de conhecimentos comuns para que a comunicação possa se estabelecer. Quanto maior for essa parcela, menos necessidade haverá de que as informações sejam totalmente explícitas, porque o receptor será capaz de preencher as lacunas, inclusive, por meio de inferências (de que trataremos mais adiante).

Os elementos textuais referentes a esse conhecimento partilhado constituem a informação “velha” (dada), e o que for introduzido a partir dessa informação já conhecida irá constituir a informação nova.

Vimos, na aula anterior, que é necessário haver um equilíbrio entre a informação dada (velha) e a nova, para se chegar a um nível mediano de informatividade.

A seguir, reproduzimos um trecho do texto “O evento”, de Millôr Fernandes, publicado na revista *Veja* (maio de 1977), que é bastante elucidativo a esse respeito. Nesse texto, enquanto o pai lê as notícias do mundo em um jornal, o telefone toca e a filha dele atende. Observe a conversa:



Gilbert Tremblay

"(...) 'Alô. Dois quatro sete um dois cinco quatro. Mauro!!! Puxa, onde é que você andou? Há quanto tempo! Que coisa! Pensei que tinha morrido! Sumiu! Diz! Não!?! É mesmo? Que maravilha! Meus para-

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/121381>

béns!!! Homem ou mulher? Ah! Que bom!... Vem logo. Não vou sair não'. Desligou o telefone. O pai perguntou: 'Mauro teve um filho?' A mocinha respondeu: 'Não. Casou.'"

**Moral: JÁ NÃO SE ENTENDEM OS DIÁLOGOS COMO ANTIGAMENTE.**



Houve um mal-entendido, na recepção da mensagem, por parte do pai, exatamente por terem os dois – pai e filha – repertórios não compartilhados.

O conhecimento de mundo ou repertório não se armazena em nossa memória de forma isolada, mas se organiza na mente em conjuntos, blocos, chamados modelos cognitivos globais, de que falaremos um pouco agora.

Dentre os modelos cognitivos globais, podemos destacar os *frames*, esquemas, planos e *scripts*.

*Frames* são molduras nas quais encaixamos nossas experiências. Explicando melhor: são modelos que contêm o conhecimento de senso comum sobre um conceito central. Por exemplo, todos temos um *frame* sobre Carnaval, Natal, férias etc., isto é, pensamos em elementos que entram nesse todo significativo, mas esses elementos não se ordenam nem em sequências lógicas, nem em sequências temporais.

Os esquemas são diferentes dos *frames* porque são modelos em que os elementos são ordenados em sequências temporais ou de causalidade. Exemplo: pôr um carro em movimento; um dia na vida de uma pessoa comum etc.

Os planos são modelos globais de conhecimento cujos elementos têm uma ordem previsível e levam a um objetivo determinado. Por exemplo, um texto de instruções para montar um aparelho.

Finalmente, os *scripts* são conjuntos de conhecimentos para especificar os papéis sociais das pessoas, os modos de agir **ESTEREOTIPADOS** em determinada cultura. Exemplos: cerimônia religiosa de um casamento, batizado, fórmulas de cortesia, certas partes de uma sessão de júri etc.

Na sociedade em que vivemos, muitas pessoas formam opinião sobre os outros com base em ideias estereotipadas, muitas vezes preconceituosas, julgando essas outras pessoas pela maneira como se vestem e como falam.

#### **ESTEREOTIPADO**

Fixo, repetitivo.  
É o adjetivo relativo a “estereótipos”, que são representações sociais partilhadas, correspondentes a um modelo cultural; os estereótipos se adequam a um padrão fixo e geral formado de ideias preconcebidas sobre alguém ou algo.

## CONCLUSÃO

No decorrer desta aula, você deve ter percebido que, para compreendermos um texto, não basta conhecermos uma língua, mas precisamos ter também um conhecimento de mundo, armazenado em nossa memória em forma de *frames*, esquemas, planos ou *scripts*. Esse conhecimento, além de nos auxiliar no entendimento dos textos, ajuda-nos também a produzir textos adequados às situações de comunicação.

Qualquer texto pode, em princípio, propiciar um processo de relações entre textos lidos e o conhecimento de mundo que se espera do leitor. Vale a pena dizer que a constituição desse repertório cultural não decorre apenas da vontade do leitor, mas também daquilo que lhe é oferecido no processo de produção, circulação e consumo dos bens culturais.

## ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 2, 3, 4 e 5

Observe o texto publicitário, a seguir, do Greenpeace.



Fonte: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2008/gestar2/lingport/tp3\\_lingport.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/2008/gestar2/lingport/tp3_lingport.pdf) (p. 22)

1. O texto publicitário vale-se do recurso da intertextualidade para identificar um problema ambiental. Que problema é esse?

---

---

---

2. A relação intertextual é estabelecida com qual texto? Trata-se da intertextualidade implícita ou explícita?

---

---

3. Como se estabelece essa relação intertextual?

---

---

---

---

4. Este texto publicitário foi veiculado para promover a conscientização dos leitores de diversas revistas sobre problemas na relação entre o homem e o ambiente. Observando o texto verbal e o não verbal, o anúncio é adequado à situação comunicativa, ou seja, atende aos objetivos do publicitário?

---

---

---

---

---

5. O título do anúncio é: "Você não quer contar esta história para seus filhos, quer?". Ativando o seu conhecimento de mundo e observando o texto não verbal do anúncio, você foi capaz de identificar uma relação com a história "Chapeuzinho Vermelho". Quando se pensa nessa história, qual *frame* é buscado pela sua memória?

---

---

6. Estabelecendo uma relação entre a história infantil e o texto publicitário do *Greenpeace*, que elemento do primeiro texto não poderia mais ser evocado no segundo?

---

---

7. Nosso conhecimento de mundo pode ser armazenado em forma de *frames*, esquemas, planos ou *scripts*. No texto publicitário, a organização *Greenpeace* propõe um *plano* de combate à destruição do meio ambiente. Qual é esse plano?

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

1. O problema ambiental identificado nesse texto publicitário é a derrubada das florestas pelo homem.
2. A relação intertextual é estabelecida com a conhecida história infantil: “Chapeuzinho Vermelho”. E a intertextualidade é explícita.
3. A relação intertextual é estabelecida não só por meio da imagem – uma criança, vestida com uma capa vermelha e levando uma cesta passeia por uma floresta desmatada –, como também pelo texto: “Você não quer contar essa história para seus filhos, quer?”. Sugere-se, com o pronome “essa”, a existência de uma outra história a ser contada, diferente dessa, ou seja, a história da Chapeuzinho Vermelho.
4. Você deve ter percebido que o texto publicitário foi veiculado para promover a conscientização dos leitores de diversas revistas sobre problemas na relação entre o homem e o ambiente. Observando o texto verbal e o não verbal, o anúncio é adequado à situação comunicativa, porque mostra uma floresta totalmente destruída pela ação do homem. O bosque repleto de árvores, onde Chapeuzinho Vermelho passeava na história, foi transformado em um deserto.
5. Ativando o seu conhecimento de mundo e observando o texto não verbal do anúncio, você foi capaz de identificar uma relação com a história Chapeuzinho Vermelho. Quando se pensa nessa história, pensamos nos seguintes elementos: floresta, árvores, menina, doces, vovó, lobo...
6. Estabelecendo uma relação entre a história infantil e o texto publicitário do *Greenpeace*, as árvores, do primeiro texto, não podem mais ser evocadas no segundo, porque, no texto publicitário, elas estão destruídas. O bosque virou um deserto.
7. A organização *Greenpeace* pede ao leitor para se associar à organização para, assim, ajudar no combate ao desmatamento da Amazônia.

## RESUMO

A situacionalidade e a intertextualidade são os fatores da textualidade associados ao contexto de produção do texto. A situacionalidade é a adequação do texto à situação, referindo-se ao conhecimento da situação comunicativa e às suas regras. A intertextualidade diz respeito à relação entre os textos. A intertextualidade pode ser explícita – quando a fonte é mencionada, ou quando o autor, ao elaborar seu texto, cita uma frase, na íntegra, de outro texto – ou implícita, quando não há menção da fonte. É o conhecimento de mundo que nos torna capazes de fazer correlações entre os dados fornecidos por um determinado texto e aqueles armazenados em nossa memória. Esses conhecimentos que se armazenam em nossa mente são chamados de blocos cognitivos, que podem ser *frames*, esquemas, planos e *scripts*. Há necessidade, porém, de que nosso interlocutor partilhe dos mesmos conhecimentos para que alcance o sentido da mensagem que lhe transmitimos. Nesse caso, fala-se de conhecimento (com)partilhado.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, continuaremos a estudar os fatores da textualidade e vamos nos deter na coesão, um dos fatores centrados no texto. Até lá!

## LEITURAS RECOMENDADAS

ANTUNES, Laura. Outdoors nas estradas provocam polêmica. *O Globo*, Rio de Janeiro, 27 set.2009.

FOLHA DE São PAULO. São Paulo: [s.n.], 11 jun. 2001.

KOCH, Ingedore G. V. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Aí galera. 13 maio 1998. Disponível em: <<http://luizfverissimo.blogspot.com/2008/09/galera.html>>. Acesso em: 13 dez. 2010.

# A coesão – aspectos gramaticais (a coesão frásica e a coesão temporal)

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

## AULA 5

### Meta da aula

Apresentar como se estabelece a coesão textual por meio de mecanismos gramaticais.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar textos que apresentam coesão textual;
2. reconhecer os mecanismos linguísticos de coesão textual;
3. exemplificar a coesão frásica;
4. estabelecer o encadeamento de enunciados em relação à sua localização/ordenação temporal, articulando conectores e tempos/modos verbais.

## INTRODUÇÃO

Já sabemos que os fatores centrados no texto são: *informatividade*, *coesão* e *coerência*.

Os livros didáticos e manuais de redação têm concentrado a atenção em dois desses fatores – a coesão e a coerência –, esquecendo-se, um pouco, dos outros. No entanto, muitas vezes, se perguntarmos a um estudante, ou a uma pessoa qualquer, o que realmente são coesão e coerência, provavelmente, não serão capazes de responder com precisão. Pensando nisso, vamos começar a analisar a coesão e a coerência textuais, ou, segundo Duarte (2003), a *conectividade sequencial* e a *conectividade conceitual*, respectivamente.



Maarten Uilenbroek



Kriss Szkurlatowski

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/734189>

<http://www.sxc.hu/photo/1102207>

Na aula de hoje, vamos falar da coesão, fator da textualidade centrado no texto, ou seja, relacionado ao material conceitual e linguístico do texto.

## ENTÃO, O QUE É COESÃO TEXTUAL?



A coesão é a unidade formal do texto, isto é, a conexão interna entre os enunciados de um texto.

Pense nas peças de um quebra-cabeça. Soltas, as peças não fazem o menor sentido. Elas precisam ser unidas para produzirem um todo significativo. Da mesma forma acontece com um texto. Os segmentos de um texto precisam estar articulados por meio de pronomes, advérbios, conjunções, preposições etc., para possibilitar as relações de sentido.

Além disso, dependendo dos elementos escolhidos para ligar as partes de um texto, podem-se comunicar diferentes ideias.



Marcio Luiz Ingenito

**Figura 5.1:** Peças de um quebra-cabeça.

Fontes: <http://www.sxc.hu/photo/329710>; <http://www.sxc.hu/photo/329709>; <http://www.sxc.hu/photo/329708>; <http://www.sxc.hu/photo/329707>

Ainda não ficou muito claro para você? Você entenderá melhor ao realizar a atividade a seguir:

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

1. Leia o texto seguinte:



Hans Peta

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1125755>



No início do século passado, o Brasil enriqueceu devido ao crescimento de negócios, principalmente da indústria. Essa expansão industrial foi impulsionada pela força de produção dos imigrantes, que, no período de 1887 a 1934, chegaram ao país, num total de 3,8 milhões, sendo 2,3 milhões apenas em São Paulo.

Esses imigrantes são aqueles excluídos em seus próprios países por falta de emprego e pela escassez de trabalho rural substituído pelo trabalho industrial.

A vinda dos imigrantes foi ao encontro não só da necessidade que o Brasil tinha de mão de obra mais qualificada para as fábricas, como também da substituição dos negros nas lavouras, não se descartando, ainda, certo desejo de embranquecimento da “raça brasileira”.

Consequentemente, os imigrantes trazem ao país novos padrões de comportamento, estilos de viver, hábitos, formando uma grande massa de consumidores que irá interferir no consumo existente, modificando-o.

Imagine se esse texto fosse escrito da seguinte forma:

Início século passado, Brasil enriqueceu crescimento negócios indústria. Expansão industrial foi impulsionada força produção imigrantes, período 1887 1934, chegaram país, total 3,8 milhões, 2,3 milhões São Paulo...

Com certeza, nós teríamos muita dificuldade para compreendê-lo, porque as palavras estão soltas, sem elementos de conexão.

Agora, responda: ao ler o texto original, você percebeu elementos de conexão entre seus segmentos, formando uma noção de conjunto significativo? Explique.

---

---

---

---

---

---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

*Você deve ter conseguido fazer uma leitura global tranquila, sem se perder entre os enunciados desse texto, porque eles não se amontoam caoticamente (o que configuraria, como vimos na Aula 2, um não texto). Percebe-se que há conexão entre as partes, isto é, os segmentos estão articulados por meio de pronomes, advérbios, conjunções, preposições etc., pois se trata de um texto bem construído, por meio da coesão textual, que é a conexão interna entre os enunciados, responsável pela relação de sentido entre suas partes.*

*Agora, você já deve entender melhor por que nos referimos à coesão como “conectividade sequencial”, já que, no texto que leu, pôde perceber que os enunciados estão articulados entre si, conectados na superfície textual, possibilitando as relações de sentido. Daí se poder dizer que a coesão provém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual. E, ainda mais, que a coesão é a manifestação linguística da coerência, que vamos estudar mais adiante.*

As relações de sentido se manifestam por meio de mecanismos linguísticos, que podem ser relacionados a dois grupos: o *gramatical* e o *lexical*.

No grupo dos mecanismos gramaticais, as relações de sentido se manifestam por certas categorias ligadas a um *sistema fechado*, que diz respeito à gramática da língua. Assim, entre esses elementos de coesão, podemos citar, por exemplo, dentre outros, os pronomes, os advérbios, as conjunções. Dizemos que esse sistema é fechado porque nenhum falante pode acrescentar outros elementos diferentes, de acordo com a sua vontade própria, a esse grupo de palavras gramaticais.

Já o grupo dos mecanismos lexicais, como o próprio nome aponta, manifesta-se por intermédio do *sistema aberto* do léxico, como, por exemplo, por meio de reiteraões (repetições), substituições (sinônimos, antônimos etc.). Esse sistema é aberto porque é constantemente enriquecido por novas palavras, formadas dentro da língua, ou a ela acrescentadas por empréstimos a outras línguas.

Agora, vamos falar mais um pouco sobre coesão, mostrando os seus tipos, que estudaremos em detalhes nas aulas seguintes.

Observe o esquema a seguir:

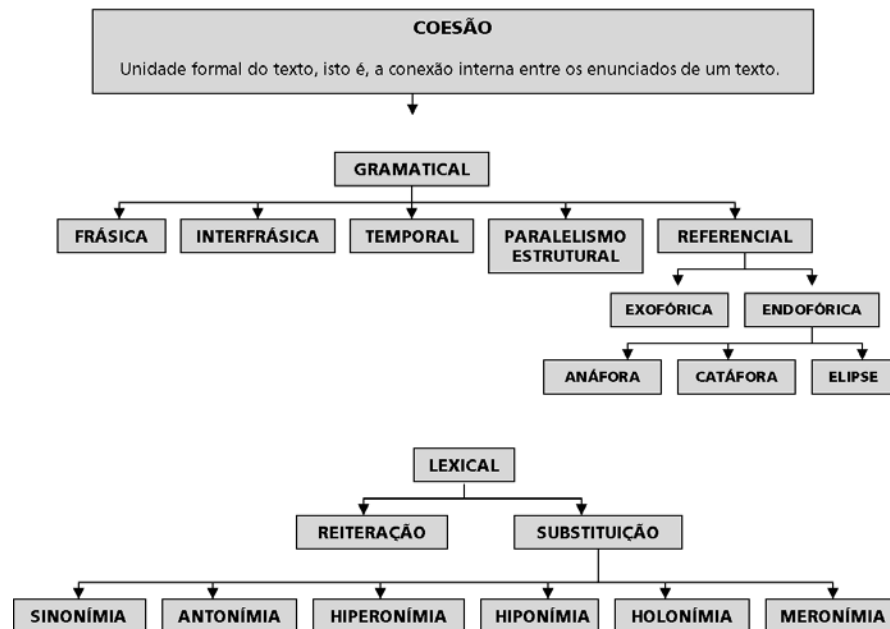


Figura 5.2: Mecanismos linguísticos de coesão textual.

Nesta aula, não vamos entrar em detalhes sobre cada tipo de coesão. Abordaremos apenas a coesão frásica e a temporal. Nas aulas seguintes, estudaremos os outros tipos de coesão.

Agora, faremos uma atividade, a fim de que você identifique alguns mecanismos linguísticos de coesão textual.

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 2**

2. Identifique, nos enunciados a seguir, os elementos que retomam coesivamente o termo em destaque.

a) O *aluno* saiu, mas ele e sua mãe voltaram logo a seguir.

b) Encontrei *Ana* no cinema, mas não falei com ela.

c) Foi à *Espanha* e lá conheceu vários lugares diferentes.

d) *Chuvas fortes* causaram alagamentos na região metropolitana de Curitiba (PR). A tempestade deixou vários desabrigados.

**RESPOSTA COMENTADA**

a) O pronome “ele”.

b) O pronome “ela”.

c) O advérbio de lugar “lá”.

d) O substantivo “tempestade”.

Na atividade que você acabou de realizar, a coesão foi estabelecida por meio de mecanismos gramaticais e lexicais. Por exemplo, os pronomes “ele” e “ela” e o advérbio de lugar “lá” são elementos gramaticais. Esses elementos foram utilizados para retomar termos já mencionados na primeira oração. Já o substantivo “tempestade” é um elemento lexical que retoma o sintagma nominal “chuvas fortes”.

Hoje, vamos começar a estudar os *mecanismos gramaticais de coesão textual*.

**MECANISMOS GRAMATICAIS DE COESÃO TEXTUAL**

São eles: a coesão frásica, a interfrástica, a temporal, a referencial e o paralelismo estrutural.

Voltaremos nossa atenção, na aula de hoje, para a coesão frásica e a coesão temporal.

## A coesão frásica

A coesão frásica se processa no nível da oração e diz respeito à ordem das palavras, ao emprego adequado dos pronomes e das preposições, à concordância entre sujeito e predicado relativa à pessoa, ao gênero e ao número.

Só para você recordar alguns conceitos de análise sintática:

*Oração*: é a frase (enunciado de sentido completo) que apresenta uma forma verbal, esteja ela clara ou subentendida.

*Sujeito*: Numa oração, o sujeito é o elemento acerca do qual se declara alguma coisa. O *predicado* é o que se declara do sujeito.

### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 2 e 3

3. Vamos retomar o primeiro parágrafo do texto apresentado na Atividade 1:

No início do século passado, o Brasil enriqueceu devido ao crescimento de negócios, principalmente da indústria. Essa expansão industrial foi impulsionada pela força de produção dos imigrantes, que, no período de 1887 a 1934, chegaram ao país, num total de 3,8 milhões, sendo 2,3 milhões apenas em São Paulo.

Já vimos que a coesão lexical não se manifesta por meio de palavras gramaticais, mas sim, é aberta a mecanismos de substituição por meio do léxico. Por exemplo, no enunciado: “Pedro não quis torta de chocolate. Ele não gosta muito de doce”, a expressão “torta de chocolate” é retomada, na segunda oração, coesivamente, por meio da substituição lexical, pela palavra “doce”.

a) No texto sobre imigrantes, logo na primeira oração, há uma referência ao enriquecimento do Brasil. Esse tema é retomado, na segunda oração, coesivamente, por meio da substituição lexical. Identifique o elemento que estabelece essa coesão lexical.

---

---

---

b) Lembrando o que já foi dito, a *coesão frásica* engloba os processos de ordenação linear que estabelecem ligações significativas entre os elementos linguísticos em um enunciado como, por exemplo, o emprego adequado dos pronomes e das preposições, a concordância entre *sujeito* e *predicado* relativa à pessoa, ao gênero e ao número. Você reconhece algum exemplo de coesão gramatical frásica no primeiro parágrafo do texto sobre imigrantes?

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

a) Como você já sabe, a *coesão lexical* não se manifesta por meio de palavras gramaticais, mas sim, é aberta a mecanismos de substituição por meio do léxico. Assim, logo na primeira oração do fragmento em destaque, há uma referência ao enriquecimento do Brasil, no início do século, motivado pelo crescimento industrial. Esse tema é retomado na segunda oração, coesivamente, por meio de substituição lexical: "(Essa) expansão industrial."

b) Em relação à *coesão frásica*, podemos destacar, dentre outros mecanismos, a ordem das palavras na frase, a concordância do sujeito, por exemplo, "Brasil", na primeira oração, com o verbo "enriqueceu", o uso adequado dos pronomes. Como exemplo, na segunda oração, "imigrantes" é retomado pelo pronome relativo "que" (imigrantes = que): "Essa expansão industrial foi impulsionada pela força de produção dos imigrantes, que, no período de 1887 a 1934, chegaram ao país..."

O próximo mecanismo de coesão gramatical de que trataremos hoje é a *coesão temporal*.

### A coesão temporal

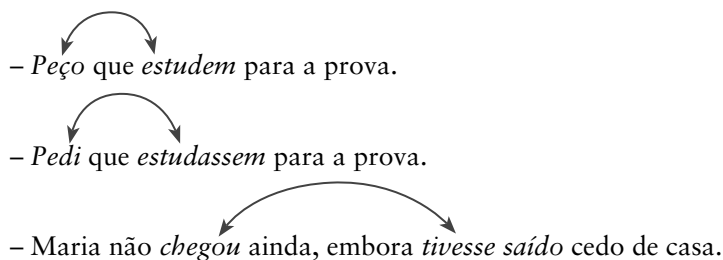
A coesão temporal, também um mecanismo gramatical, consiste no encadeamento dos enunciados em relação à localização temporal, de modo que seja satisfeita a ordenação natural dos estados de coisas, segundo nossa concepção de mundo.

### CONECTORES

São elementos de coesão, ou seja, palavras ou expressões que se utilizam para especificar as relações entre vários segmentos de um texto. Esses elementos sequencializam as ideias e estabelecem ligações entre elas. Os conectores podem ser representados pelo que se chama, na Gramática Tradicional, de “conectivos” – conjunções, pronomes relativos e preposições – ou, ainda, por outros articuladores textuais, como advérbios, ou outras palavras de ligação que estabeleçam conexão entre porções de texto.

Dessa forma, a coesão temporal realiza-se por meio da descrição, em ordem, dos fatos e das coisas, pela utilização em correlação dos tempos verbais e, ainda, pelo emprego de **CONECTORES** ou de advérbios de valor temporal.

Por exemplo, no enunciado: “Se chover amanhã, não vamos (iremos) à praia”, o verbo da primeira parte – chover – no futuro do subjuntivo implica o da segunda – vamos (iremos) – no presente ou futuro do indicativo ou, ainda, a correlação temporal em frases, como:



Diz respeito à coesão temporal, também, o emprego de partículas temporais, como em:

- Venha aqui *amanhã*!
- Eles chegarão *amanhã à noite*.

### ATIVIDADES



#### Atendem ao Objetivo 4

4. Complete as frases, empregando corretamente os verbos entre parênteses e, assim, estabelecendo a coesão temporal:

- a) Pedia que o colega \_\_\_\_\_ (*comprar*) o ingresso para mim.
- b) Carlos não fez uma boa prova, embora \_\_\_\_\_ muito. (*estudar*)
- c) Ana estudava quando o telefone \_\_\_\_\_ (*tocar*).
- d) Se eu conseguir o dinheiro, \_\_\_\_\_ (*ir*) viajar.
- e) Se chovesse, nós não \_\_\_\_\_ (*ir*) à festa.
- f) Choveu tanto que o riacho \_\_\_\_\_. (*transbordar*).

5. Reescreva o fragmento de texto seguinte, corrigindo a falha de *coesão temporal*:

*A existência da propaganda está ligada às necessidades sociais. Não existirá lugar para a propaganda caso o aparelho de produção de uma sociedade não estiver suficientemente desenvolvido para satisfazer mais que as necessidades materiais da sua população.*

---

---

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

4.

- a) Comprasse: pretérito imperfeito do subjuntivo.
- b) Tivesse estudado: pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo.
- c) Tocou: pretérito perfeito do indicativo.
- d) Vou: presente do indicativo ou irei: futuro do presente.
- e) Iríamos: futuro do pretérito do indicativo.
- f) Transbordou: pretérito perfeito do indicativo.

5. Você deve ter “sentido” que o enunciado apresenta falhas na articulação entre o conector utilizado “caso” e o tempo/modo verbal “estiver”, no futuro do subjuntivo. Haveria duas possibilidades de reescritura:

1ª A existência da propaganda está ligada às necessidades sociais. Não existirá lugar para a propaganda se o aparelho de produção de uma sociedade não estiver suficientemente desenvolvido para satisfazer mais que as necessidades materiais da sua população. (Articulou-se o conector “se” ao verbo “estiver”).

2ª A existência da propaganda está ligada às necessidades sociais. Não existirá lugar para a propaganda caso o aparelho de produção de uma sociedade não esteja suficientemente desenvolvido para satisfazer mais que as necessidades materiais da sua população. (Articulou-se o verbo “esteja” ao conector “caso”).



## CONCLUSÃO

A coesão responde pela conectividade textual, constituindo, então, fator importante da textualidade. É realizada por meio de marcas linguísticas, índices formais na estrutura da sequência linguística e superfície do texto, sendo, portanto, de caráter linear, já que se manifesta na organização sequencial do texto, daí ser chamada também de conectividade sequencial (DUARTE, 2003).

Você se lembra da relação que fizemos entre coesão e peças de um quebra-cabeça? Só conseguimos montar a imagem do quebra-cabeça quando encaixamos corretamente uma peça na outra. Assim também acontece com os nossos textos. Os segmentos precisam estar “encaixados”, ligados, e tal tarefa cabe aos elementos de coesão, que estudamos no decorrer desta aula e vamos continuar estudando em mais algumas aulas.

Agora, para termos certeza de que você entendeu bem os mecanismos analisados na aula de hoje, vamos fazer mais uma atividade.

## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 2, 3 e 4

Leia a seguir alguns trechos de uma reportagem publicada no jornal g1.globo.com, no dia 8 de abril de 2009. A reportagem tem como título “Lei antifumo divide opiniões em São Paulo” e é assinada pelo repórter Sérgio Lorena.



Michał Zacharzewski

<http://www.sxc.hu/photo/1151676>

1 A aprovação da lei antifumo pela Assembléia Legislativa de São Paulo  
2 divide opiniões e já provoca debates, especialmente nos bares da capital.  
3 É *nesses estabelecimentos* que o fumante vira importante filão na car-  
4 teira de clientes e é recebido de braços abertos. De uma forma geral, as  
5 pessoas acham que a lei vai pegar, porém, *ela* está longe de ser uma  
6 unanimidade. Tem gente que entende que o cigarro é um mal, mas  
7 mata menos do que trânsito.

8 A lei de tolerância zero ao cigarro – e derivados como charutos ou  
9 cachimbos – em recintos de uso coletivo foi aprovada na noite desta terça-  
10 feira (7). O projeto será enviado ao governador José Serra, que deve  
11 sancionar e regulamentar a lei. *Ele* terá 10 dias para fazer a sanção.  
12 Depois disso, o prazo de entrada em vigor é de 90 dias.

13 O G1 foi a alguns bares para registrar as primeiras impressões de fuman-  
14 tes e não fumantes. Não se trata de uma pesquisa científica, porém,  
15 serve para compreender como parte das pessoas vai se comportar daqui  
16 para frente.

17 "Bêbado ao volante é mais perigoso"

18 "O trânsito mata mais do que o cigarro", alerta Antônio Miranda, de 28  
19 anos. Fumante, ele não é contra a nova medida. No entanto, ele diz que o  
20 governo deveria se preocupar com assuntos mais importantes. "Para não  
21 prejudicar ninguém, eu concordo que não pode fumar em ambientes  
22 fechados. Mas acho que antes de pegar no pé do fumante se deveria, por  
23 exemplo, fiscalizar melhor o trânsito. Um bêbado ao volante é mais  
24 perigoso do que um fumante", afirma.

25 (...)

26 A inglesa e produtora de TV Polly, 29, já está acostumada ao clima que  
27 vai ser criado em São Paulo em breve, e gostou. Ela lembrou que em  
28 Londres o cigarro foi banido dos lugares públicos em 2007. "Alguns pubs  
29 fecharam, mas as pessoas se acostumaram e a vida continuou. Outros  
30 lugares permitem que você saia do estabelecimento, fume e volte. Mas  
31 dentro, ficou um ambiente melhor", contou.

(...)

(Fonte: <http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1077562-5605,00-LEI+ANTIFUMO+DIVIDE+OPINIOES+EM+SP.html>)

1. Identifique o(s) termo(s) a que fazem referência os elementos gramaticais e lexicais abaixo:

a) “nesses estabelecimentos” (linha 3):

---

b) “ela” (linha 5):

---

c) “ele” (linha 11):

---

2. Tomando como exemplo a oração “De uma forma geral, as pessoas acham (...)” (linhas 4 e 5), explique como se estabelece a coesão frásica.

---

---

---

---

---

3. No segundo parágrafo, como foi chamada a “lei antifumo”? Que tipo de coesão foi utilizado?

---

---

4. Nesta aula, estudamos que a coesão temporal consiste no encadeamento dos enunciados em relação à localização temporal, de modo que seja satisfeita a ordenação natural dos estados de coisas, segundo nossa concepção de mundo. Observe o enunciado “Ela lembrou que em Londres o cigarro foi banido dos lugares públicos em 2007” (linhas 27 e 28). Se substituíssemos a locução verbal “foi banido” por “está banido” ou “é banido” o enunciado continuaria apresentando coesão temporal? Justifique.

---

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

1. Na letra a, “nesses estabelecimentos” retoma, por meio da coesão lexical (substituição), o sintagma “bares da capital”. Na letra b, o pronome pessoal “ela” retoma, por meio da coesão gramatical referencial, o substantivo “lei”, e na letra c, a coesão também é gramatical referencial, pois o pronome pessoal “ele” retoma “o governador José Serra”.

Nas letras b e c, a coesão gramatical referencial é anafórica. Estudaremos esse tipo de coesão nas próximas aulas.

2. Como estudamos no decorrer desta aula, a coesão frásica se processa no nível da oração e diz respeito à ordem das palavras, ao emprego adequado dos pronomes e das preposições, à concordância entre sujeito e predicado relativa à pessoa, ao gênero e ao número. No exemplo em questão, o núcleo do predicado verbal – o verbo “acham” – concorda com o sujeito “as pessoas”.

3. Por meio da coesão lexical (substituição), o sintagma “lei antifumo” foi retomado por “lei de tolerância zero ao cigarro – e derivados como charutos ou cachimbos”.

4. No enunciado “Ela lembrou que em Londres o cigarro foi banido dos lugares públicos em 2007” (linhas 27 e 28), se substituíssemos a locução verbal “foi banido” por “está banido” ou “é banido”, o enunciado NÃO continuaria apresentando coesão temporal, porque o adjunto adverbial de tempo “em 2007” evidencia uma ação já acabada, concluída, daí a utilização do verbo no passado.

**RESUMO**

Os fatores da textualidade centrados no texto são: a informatividade, a coesão e a coerência. A coesão é a unidade formal do texto, isto é, a conexão interna entre os enunciados de um texto. Provém da maneira como os conceitos e relações subjacentes são expressos na superfície textual e pode ser focalizada tanto do ponto de vista gramatical, quanto do lexical.

Os mecanismos gramaticais de coesão textual são: a coesão frásica, a interfrásica, a temporal, a referencial e o paralelismo estrutural. A coesão frásica se processa no nível da oração e diz respeito à ordem das palavras, ao emprego adequado dos pronomes e das preposições, à concordância entre sujeito e predicado relativa à pessoa, ao gênero e ao número. A coesão temporal consiste no encadeamento dos enunciados em relação à localização temporal, de modo que seja satisfeita a ordenação natural dos estados de coisas, segundo a nossa concepção de mundo. Realiza-se por meio da descrição em ordem dos fatos e das coisas, pela utilização em correlação dos tempos verbais e, ainda, pelo emprego de conectores ou de advérbios de valor temporal.

### INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos tratar da coesão interfrástica, também chamada de interfrásica. Como o próprio nome sugere, a coesão interfrástica estabelece, por meio de conectores e pausas, relações entre frases, ou seja, permite a junção entre porções de texto, ao mesmo tempo em que evidencia as relações semânticas que se estabelecem por meio dessas junções. Sem dúvida, será mais uma aula que ajudará você, aluno, a escrever melhor.

### LEITURAS RECOMENDADAS

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

LORENA, Sergio. *Lei antifumo divide opiniões em SP*: lei foi aprovada na noite de terça-feira pela assembleia legislativa: comerciante prevê queda no movimento e fechamento de bares. 08 maio 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL1077562-5605,00-LEI+ANTIFUMO+DIVIDE+OPINIOES+EM+SP.html>>. Acesso em: 15 dez. 2010.

# Como ligar porções maiores de texto?

## A coesão interfrásica

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

# AULA 6

### Meta da aula

Apresentar como se estabelece a coesão textual por meio de mecanismos gramaticais que permitem unir frases, com ênfase às relações lógicas.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar mecanismos linguísticos gramaticais de coesão textual;
2. reconhecer as principais relações lógicas, tais como as de condicionalidade, causalidade, mediação, temporalidade, modo, conformidade e disjunção;
3. distinguir as relações semânticas expressas por conectores lógicos na coesão interfrásica;
4. identificar as relações semânticas expressas por pausas na coesão interfrásica.

## INTRODUÇÃO

Na aula passada, falamos sobre coesão textual, que é a conexão entre os elementos da superfície textual, correspondendo, portanto, à unidade formal do texto. Vimos que a coesão pode ser estabelecida por meio de mecanismos gramaticais e lexicais e focalizamos, dentre os mecanismos gramaticais, a coesão frásica e a coesão temporal.

Hoje vamos estudar a coesão interfrásica, também chamada de coesão interfrástica.

## COESÃO INTERFRÁSICA

A coesão interfrásica, como o próprio nome sugere – entre frases – vai revelar, então, interdependência semântica entre as frases, expressa por meio de conectores e de pausas, que também podem exprimir essa relação. Já vimos, na aula passada, o que são conectores, mas vamos repetir o conceito para você entender melhor:

Conectores são elementos de coesão, ou seja, palavras ou expressões que criam elos, relações semânticas entre segmentos de texto. Podem ser representados pelo que se chama, na Gramática Tradicional, de “conectivos” – conjunções, pronomes relativos e preposições – ou, ainda, por outros articuladores textuais, como advérbios, ou outras palavras de ligação que estabeleçam conexão entre porções de texto.

Por exemplo, em “João estudou muito, *mas* foi reprovado”, o “mas” é um conectivo, uma conjunção coordenativa adversativa. Essa mesma frase poderia ser expressa por meio de outros elementos de conexão: “João estudou muito, *infelizmente*, foi reprovado.” Dizemos, então, que “infelizmente” não é um conectivo, mas um *conector*.

Além de ligarem porções de textos, cada um desses elementos de conexão tem um valor típico, ou seja, estabelecem entre as partes de texto por eles conectadas certo tipo de relação semântica: causa, adição, finalidade, conclusão, condição etc.

**ATIVIDADE****Atende aos Objetivos 1 e 2**

1. Vamos voltar ao texto da primeira atividade da Aula 5 e observar o fragmento seguinte:



Nino Satria

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1125238>

(...)

A vinda dos imigrantes foi ao encontro *não só* da necessidade que o Brasil tinha de mão de obra mais qualificada para as fábricas *como também* da substituição dos negros nas lavouras, não se descartando, ainda, certo desejo de embranquecimento da “raça brasileira”.

*Consequentemente*, os imigrantes trazem ao país novos padrões de comportamento, estilos de viver, hábitos, formando uma grande massa de consumidores que irá interferir no consumo existente, modificando-o.

Agora responda:

Que relações semânticas os conectores destacados em *itálico* expressam, ao unir segmentos de texto?

---



---



---



---



---

**RESPOSTA COMENTADA**

*Você não deve ter tido dificuldade em perceber que a coesão foi estabelecida por meio dos conectores interfrásticos. E mais, eles agregam valores semânticos ao enunciado. Assim, em “não só... como também”, observamos uma relação de acréscimo, de adição de informações. O vocábulo “consequentemente”, que liga o primeiro bloco de texto ao segundo, obviamente, exprime uma relação de consequência entre os enunciados.*



Para estabelecer a conexão entre as partes de um texto, são utilizados conectores, ou seja, articuladores textuais. Há dois grupos de *articuladores textuais*. O primeiro, constituído pelos *conectores lógicos*; e o segundo, constituído pelos chamados *encadeadores discursivos*.

Na aula de hoje, focalizaremos os conectores lógicos e, na próxima aula, os encadeadores discursivos.

## OS CONECTORES LÓGICOS

Os *conectores lógicos* têm por função apontar o tipo de relação lógica que se estabelece entre enunciados. Vejamos as principais:

a) *Relação de condicionalidade*: expressa pela conexão de duas orações, uma introduzida pelo conector *se*, e outra, por *então* (que pode estar implícito):

Ex.: *Se* chover muito (*então*), a rua ficará alagada.

A relação de condicionalidade também pode ser expressa por meio de outros conectores.

Ex.: *Caso* faça bom tempo, (*então*) iremos à praia.



Luiz Careli

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1287765>

b) *Relação de causalidade*: expressa pela combinação de duas orações, uma das quais encerra a *causa* que acarreta a consequência da outra.

Ex.: Passou mal *porque* bebeu demais.



Gregor Buir

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/531484>

Nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos, as orações que estabelecem essa relação de causalidade são chamadas de “causais” – como no exemplo acima – e de “consecutivas”, como no exemplo seguinte: “Bebeu tanto *que* passou mal.”

Comparando os dois exemplos, você deve ter observado que, nesse último caso, o das orações consecutivas, a estrutura das orações foi alterada, mas o sentido da frase permaneceu o mesmo nos dois exemplos: houve uma causa (“beber demais”) e uma consequência (“passar mal”).

c) *Relação de mediação*: expressa por duas orações, numa das quais estão explicitados os meios para atingir a finalidade expressa na outra.

Ex.: Ele estudou muito *para* passar de ano.

Nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos, as orações que estabelecem essa relação de mediação são chamadas de “finais”.

d) *Relação de temporalidade*: é a relação por meio da qual se localizam no tempo, por meio de duas orações, ações e acontecimentos. O relacionamento temporal pode ser de vários tipos:

– *Tempo simultâneo* (exato, pontual):

Ex.: *Assim que* (*quando, mal, nem bem, logo que* etc.) chegou, telefonou para a mãe.

– *Tempo anterior/Tempo posterior:*

Ex.: *Antes que* ela reclamasse, ele justificou a demora. *Depois que* a professora saiu da sala, os alunos começaram a fazer bagunça.

– *Tempo contínuo, progressivo:*

Ex.: *À medida que* estuda, aprende.

e) *Relação de conformidade:* expressa por meio de duas orações em que se mostra a conformidade do conteúdo de uma em relação à outra.

Ex.: O menino agiu *conforme* o pai havia aconselhado.

f) *Relação de modo:* expressa-se numa oração o modo como se realizou a ação contida na outra oração.

Ex.: Obedeceu à mãe *como* um cordeirinho.

Nas gramáticas tradicionais e nos livros didáticos, as orações que estabelecem essa relação de modo são chamadas de “comparativas”.

#### DISJUNÇÃO

É uma relação lógica de que a gramática tradicional não trata. As gramáticas costumam se referir à relação de alternância, expressa linguisticamente pelas conjunções adversativas alternativas.

g) *Relação de DISJUNÇÃO:* expressa por duas orações ligadas por “ou”, que pode ter dois significados (chama-se de *disjunção lógica*):

– O “ou” inclusivo (ou fraco), que significa “um ou outro”.

Ex.: Podem fazer a prova com tinta azul *ou* preta (ou seja: com tinta azul, preta, ou com as duas).

– O “ou” exclusivo (ou forte), que exclui uma das proposições.

Ex.: Você vai viajar de avião *ou* de carro (uma opção exclui a possibilidade da outra).

As gramáticas tradicionais e os livros didáticos, normalmente, não fazem essa distinção entre “ou” inclusivo e “ou” exclusivo. As orações que estabelecem essa relação de disjunção são chamadas de “alternativas”.

## ATIVIDADES



## Atendem aos Objetivos 2 e 3

2. Aponte as relações lógicas marcadas pelos diferentes conectores assinalados nos enunciados a seguir:

a) Choveu tanto *que* o rio transbordou.

---

b) Carlos montou o aparelho *conforme* o manual indicava.

---

c) Para o desfile cívico, a diretora pediu aos alunos que usassem roupas brancas *ou* trouxessem bandeiras da mesma cor.

---

d) Fez o possível *para* comprar a casa.

---

e) *Quando* chegou à praia, encontrou alguns amigos que não via há alguns anos.

---

f) Para vencer no trabalho, Carlos age *como* um leão.

---

g) *Caso* faça bom tempo, iremos para o litoral.

---

h) Você prefere ir, hoje à noite, ao cinema *ou* prefere assistir ao jogo pela televisão?

---

3. Os enunciados a seguir apresentam o conector “ou” estabelecendo uma relação de disjunção. Identifique em qual enunciado tal conector é inclusivo e em qual enunciado é exclusivo. Justifique.

a) Precisa-se de moças *ou* rapazes com experiência em hotelaria.

b) Luiz, a esta hora, está em casa *ou* no bar da esquina.

---

---

---

---

---

4. Os enunciados seguintes apresentam conectores que expressam relação de temporalidade. Identifique se o tempo é simultâneo, anterior, posterior ou contínuo.

a) *Depois que* almoçou, saiu para a escola.

---

b) *Mal* chega à praia, corre para a água.

---

c) *Quanto mais* estuda, mais aprende.

---

d) *Antes que* os pacientes começassem a reclamar, a enfermeira distribuiu as senhas.

---

#### RESPOSTA COMENTADA

2.

- (a) *Relação de causalidade.*
- (b) *Relação de conformidade.*
- (c) *Relação de disjunção ("ou" inclusivo).*
- (d) *Relação de mediação.*
- (e) *Relação de temporalidade.*
- (f) *Relação de modo (ou comparação).*
- (g) *Relação de condicionalidade.*
- (h) *Relação de disjunção ("ou" exclusivo).*

3. No enunciado (a), o conector "ou" é inclusivo, ou seja, significa que tanto moças como rapazes podem ser contratados. Já no enunciado (b), o conector é exclusivo, porque Luiz não pode estar em dois lugares ao mesmo tempo. Assim, a disjunção inclusiva só é verdade se um dos enunciados ou ambos forem verdadeiros. Ao contrário, a disjunção exclusiva indica que somente um dos enunciados é verdadeiro, nunca ambos.

4.

- (a) *Tempo posterior.*
- (b) *Tempo simultâneo.*
- (c) *Tempo contínuo, progressivo.*
- (d) *Tempo anterior.*

## RELAÇÕES SEMÂNTICAS EXPRESSAS POR PAUSAS

Outro aspecto que merece destaque é o fato de que nem sempre as relações semânticas entre enunciados são expressas por meio de conectores. As pausas também têm significado. Pode ocorrer de nenhum elemento de ligação estar expresso na superfície do texto, mas o nexo é facilmente recuperável pelo leitor, ao se fazer a pausa entre um e outro segmento textual:

(1) "Perdi o ônibus. Cheguei atrasado à rodoviária."

Pode-se perceber facilmente que a relação de causa e consequência entre os dois enunciados já existe, independentemente da explicitação do conector de causa "porque":

(2) "Perdi o ônibus *porque* cheguei atrasado à rodoviária."

Os conectores, portanto, evidenciam ou explicitam uma relação semântica já implícita. No entanto, às vezes, a ausência do conector pode prejudicar o entendimento da mensagem pelo receptor, isto é, levar à não percepção da intencionalidade do locutor. Nesses casos, se a relação pretendida não vier expressa, o receptor poderá atribuir ao enunciado sentido diferente daquele que o autor queria, sobretudo se, em caso de não se tratar de produção oral, não for possível depreender as intenções do produtor por meio da entonação.

Observemos a frase seguinte:

(3) "Paulo saiu. Maria chegou."

É possível perceber o significado real dessa frase sem a explicitação de conector? Parece-nos que não. Vejamos quantas possibilidades se oferecem ao interlocutor:

(3a) "Paulo saiu *assim que* Maria chegou."

(3b) "Paulo saiu, *mas* Maria chegou."

(3c) "Paulo saiu, *porque* Maria chegou."

(3d) "Paulo saiu, *apesar de* Maria ter chegado."

(3e) "*Se* Paulo saiu, Maria deve ter chegado."

Para cada uma dessas alternativas, haveria a possibilidade de ancoragem a uma determinada situação comunicativa que traria sustentação semântica ao enunciado.

Por exemplo: em (3a) Paulo estava esperando Maria para sair; em (3b), Paulo e Maria não poderiam sair ao mesmo tempo (talvez por não poderem deixar sozinha uma criança pequena ou por outro motivo qualquer); daí, Paulo saiu, *mas* Maria chegou; em (3c), a justificativa poderia ser a mesma de (3b) ou então outra justificativa qualquer: Paulo e Maria não se dão bem: um saiu porque o outro chegou. Já em (3d), a situação poderia ser inversa à de (3c): apesar de gostar muito da visita de Maria, Paulo saiu; também não é difícil enquadrar o exemplo (3e) numa situação comunicativa: poderia ser a justificativa de (3a) ou de (3b).

#### ATIVIDADES



##### Atendem ao Objetivo 4

5. Identifique a relação semântica (causa, explicação, condição, contrariedade, conclusão) que se estabelece entre os dois enunciados em contato.

a) O dia estava lindo. Fomos à praia.

---

b) Fomos à praia. O dia estava lindo.

---

c) O dia estava lindo. Não fomos à praia.

---

d) Mate aula. Verá o que lhe acontece.

---

e) Não fale alto. Você acorda todo mundo.

---

6. No enunciado: “O carro quebrou. Não viajamos”, percebe-se entre as duas partes do texto uma relação de causa/consequência não marcada por conectores. Explícite essa relação, empregando conectores diferentes, como no exemplo a seguir:

"Não foi à aula. Estava com dor de cabeça."  
 Não foi à aula, *porque* estava com dor de cabeça.  
 Como estava com dor de cabeça, não foi à aula.

Agora, você vai explicitar a relação de causa/consequência do enunciado: "O carro quebrou. Não viajamos", utilizando diferentes conectores: porque, como, logo, se...

---

---

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

5.

- a) *Relação de conclusão.*
- b) *Relação de causalidade.*
- c) *Relação de contrariedade.*
- d) *Relação de condição.*
- e) *Relação de explicação.*

6. Você poderia reescrever o enunciado, empregando conectivos distintos, mas mantendo a relação semântica de causa/consequência de várias maneiras, dentre as quais selecionamos as seguintes:

*Não viajamos porque o carro quebrou.*

*O carro quebrou, logo, não viajamos.*

*Como o carro quebrou, não viajamos.*

*Se o carro quebrou, não viajamos.*



Nancy Brown

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/574461>



## CONCLUSÃO

Chegamos ao final de mais uma aula e, com certeza, você deve ter percebido que a coesão de um texto depende da estreita ligação semântica entre as frases que o constituem, e que tal ligação pode ser estabelecida por meio de diferentes conectores que, por sua vez, funcionam como pistas linguísticas que guiam a interpretação do leitor ou ouvinte.

Nesta aula, conhecemos os conectores lógicos que têm por função apontar o tipo de relação lógica que se estabelece entre enunciados, tais como as de condicionalidade, causalidade, mediação, temporalidade, modo, conformidade e disjunção. Além disso, vimos que as relações semânticas também podem ser expressas por pausas.

Antes de terminarmos esta aula, faremos mais uma atividade, a fim de que você pratique bem os conceitos estudados.

## ATIVIDADES FINAIS

### Atendem aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

1. Una os dois blocos de texto, utilizando o conector adequado, e, a seguir, explicita a relação semântica, conforme o modelo:

*Choveu muito. A rua ficou alagada.*  
*Choveu tanto que a rua ficou alagada.*  
Relação de causa/consequência

- a) Acordei atrasado. Perdi o ônibus.

---

- b) Você quer torta de chocolate. Você quer torta de morango?

---

2. Leia o texto a seguir:

"Você fica nervoso *quando* vê sangue? Muita gente morre *porque* não vê.

Doe sangue. Não dói nada. Ao contrário, ajuda a salvar a vida de muitas pessoas."



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/835666>

a) Que relações semânticas os conectores em destaque expressam, ao unir segmentos de texto?

---

---

---

b) Nem sempre as relações semânticas entre enunciados são expressas por meio de conectores. As pausas também têm significado. No segmento "Doe sangue. Não dói nada", qual relação semântica se estabelece entre os dois enunciados em contato?

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

1.

a) *Acordei atrasado*, portanto (logo, assim, desta forma ou correlatos), *perdi o ônibus*.

*Relação de conclusão.*

b) *Você quer torta de chocolate ou de morango?*

*Relação de disjunção (alternância).*

2.

a) *Você não deve ter tido dificuldade em perceber que a coesão foi estabelecida por meio de conectores interfrásicos. Assim, em “quando vê sangue”, o conector “quando” marca uma relação de temporalidade (tempo simultâneo), e em “porque não vê”, o conector “porque” introduz uma causa.*

b) *No segmento: “Doe sangue. Não dói nada.”, é estabelecida uma relação de explicação entre os dois enunciados em contato.*

A coesão *interfrásica*, como o próprio nome sugere – entre frases –, vai revelar interdependência

## RESUMO

semântica entre as frases, expressa por meio de *conectores (lógicos ou discursivos)* e de pausas, que também podem exprimir essa relação.

Os *conectores lógicos*, estudados nesta aula, têm por função apontar o tipo de relação lógica que se estabelece entre enunciados, tais como a de *condicionalidade* (expressa pela conexão de duas orações, uma das quais encerra a condição para a realização do que vem expresso na outra), *causalidade* (expressa pela combinação de duas orações, uma das quais encerra a causa que acarreta a consequência da outra), *mediação* (expressa por duas orações, numa das quais estão explicitados os meios para atingir a finalidade apontada na outra), *temporalidade* (que expressa a localização no tempo de ações e acontecimentos), *modo* (expressa-se numa oração o modo como se realizou a ação contida na outra oração), *conformidade* (expressa por meio de duas orações em que se mostra a conformidade do conteúdo de uma em relação à outra) e a de *disjunção* (expressa por duas orações ligadas por “ou”). Na *disjunção*, o “ou” pode ser inclusivo (ou fraco), que significa “um ou outro”, ou exclusivo (ou forte), que exclui uma das proposições.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos tratar da coesão gramatical interfrástica expressa pelos encadeadores argumentativos. Até lá!

## LEITURAS RECOMENDADAS

Se você quiser se aprofundar mais neste assunto, poderá ler:

FÁVERO, Leonor. O processo de coordenação e subordinação – uma proposta de revisão. In: \_\_\_\_\_. *Linguística aplicada ao ensino do Português*. 2 ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

KOCH, Ingedore V. A articulação entre orações no texto. Campinas: Unicamp, Jan./Jun., 1995 (Cadernos de estudos lingüísticos, 28). p. 9-1.



# O papel semântico dos elementos de coesão

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

AULA

7

## Meta da aula

Apresentar as principais relações semânticas estabelecidas por meio de encadeadores discursivos.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a importância do estudo dos encadeadores discursivos para a leitura/produção de textos;
2. explicar os diferentes tipos de relações semânticas e argumentativas estabelecidas pelos encadeadores (ou operadores) discursivos;
3. apontar a função dos operadores argumentativos e de sequenciação;
4. distinguir operadores lógicos de operadores argumentativos.

## INTRODUÇÃO

Hoje vamos continuar falando da coesão interfrásica (ou interfrástica). Esse mecanismo gramatical de coesão também é conhecido como “junção” ou “conexão”. E isso não é à toa, pois, na verdade, trata-se da *junção* de enunciados, de blocos de texto.

Conforme vimos na Aula 6, essa junção pode ser marcada por simples pausas, ou por elementos de coesão, responsáveis por estabelecer elos entre segmentos de texto. Chamamos esses elementos de ligação de *conectores*. Vimos que há também dois tipos de conectores: os que expressam relações naturais, lógicas e os encadeadores discursivos.

Na aula passada, estudamos os *relatores lógicos* e, na de hoje, vamos focalizar os *encadeadores* (ou *operadores*) *discursivos*.

## IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DOS ENCADEADORES DISCURSIVOS

Antes de refletirmos sobre a importância do estudo dos encadeadores discursivos, vamos recordar a diferença básica entre *relatores lógicos* e *encadeadores* (ou *operadores*) *discursivos*.

Enquanto os primeiros – os relatores lógicos – marcam relações lógicas, naturais, os segundos – os encadeadores discursivos – são responsáveis pelo encadeamento sucessivo dos enunciados (daí o nome ENCADEADORES), articulando um enunciado a outro (esses articuladores textuais podem ocorrer, inclusive, ligando parágrafos), dando-lhes uma orientação argumentativa e estruturando-os em textos.

Agora, qual a importância desse estudo para nós?

Muito mais do que decorar listas de conectivos em ordem alfabética – uma velha prática do ensino tradicional, procedimento que consideramos ultrapassado – o estudo dos *encadeadores discursivos*, na articulação de segmentos de texto, abre novas perspectivas para o processo da produção textual, pois coloca em evidência o processo da “tessitura” do texto, o qual permite ao aprendiz não só observar as relações de sentido que unem as partes do texto, como também fazer a escolha deste ou daquele conector que preencha a lacuna semântica.

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 1**

1. Decorar listas de conjunções não ajuda a perceber as relações de sentido que os conectores estabelecem entre as partes do texto. Por exemplo, o “e”, que, normalmente, é classificado como “conjunção aditiva”, em determinados contextos, adquire os matizes semânticos de conclusão, consequência, contraste, concessão etc. Leia os enunciados a seguir e verifique em qual(is) o “e” não é aditivo, identificando a relação semântica.

- a) Pedro é estudioso e Carlos é vadio.
- b) Carlos foi à biblioteca e fez uma ótima pesquisa sobre as antigas civilizações.
- c) Cumpra as suas tarefas e será liberado antes do término do expediente.
- d) Este texto se destina a alunos do primeiro semestre do curso e não pretendo incluir nele informações excessivamente técnicas.
- e) Ele abriu a porta e entrou.
- f) Ela se esforçou muito e não conseguiu o aumento de salário.

---



---



---



---



---



---

**RESPOSTA COMENTADA**

Nos enunciados apresentados, apenas em (b) e em (e) o “e” expressa relação de adição, de acréscimo.

Em (a), a relação é de contraste (= ao passo que: “Pedro é estudioso, ao passo que Carlos é vadio”); em (c), a relação é de consequência (= então: “Cumpra as suas tarefas; então, será liberado antes do término do expediente”) ou de condição (= se: “Se cumprir suas tarefas, será liberado antes do término do expediente”); em (d), a relação é de conclusão (= por isso: “Este texto se destina a alunos do primeiro semestre do curso, por isso não pretendo incluir nele informações excessivamente técnicas”) e, em (f), a relação é de concessão (= embora: “Embora tenha se esforçado muito, não conseguiu o aumento de salário”).



Após a realização da Atividade 1, você deve ter percebido que é mais importante entender as relações semânticas que podem ser estabelecidas pelos conectores em diferentes enunciados do que decorar classificações para os mesmos. E agora você já sabe que um mesmo conector pode apresentar diferentes significados de acordo com o contexto em que é empregado.

Você deve ter notado como é rico o universo das conexões. Por isso, vamos saber mais um pouco sobre ele.

## ELEMENTOS DE COESÃO: OS ENCADEADORES DISCURSIVOS

Os encadeadores discursivos são de dois tipos: os operadores argumentativos e os operadores de sequencialização.

Começaremos focalizando os operadores argumentativos, que, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe uma orientação argumentativa, daí o nome.

### Os operadores argumentativos

São operadores argumentativos:

1) Os que ligam argumentos em favor de uma mesma conclusão: *e; também; ainda; não só... mas também; tanto... como.*

Ex.: O nível de vida dos brasileiros é baixo porque os salários não atingem um patamar aceitável. *Também*, as condições de saúde e os serviços públicos são extremamente deficientes.

“Também” inclui mais um argumento para provar como as condições de vida do povo brasileiro são insatisfatórias.

Os conectores que ligam argumentos em favor de uma mesma conclusão indicam o desenvolvimento do discurso, e não a repetição do que foi dito antes. Por isso, só devem ser usados quando a sequência introduzida por eles indicar uma progressão discursiva, quando acrescentar um dado novo ao conjunto argumentativo, como ocorre no exemplo seguinte:

Ex.: Todos estavam desconcertados e ficaram calados.

Não teria o menor sentido uma sequência introduzida por um elemento desse tipo que repetisse o já dito:

\* Não falaram e ficaram de boca fechada.

2) Os que envolvem a noção de uma escala argumentativa. Marcam uma gradação numa série de argumentos orientada no sentido de uma determinada conclusão. Alguns marcam o argumento mais forte, no topo da escala: *inclusive, mesmo, até (mesmo)*; outros, o mais fraco, na base da escala: *no mínimo, ao menos, pelo menos, no máximo, quando muito*.

Ex.: Ele é muito ambicioso.

Ele quer ser	↑ ↓	até	secretário de Educação
			diretor da escola
		pelo menos	coordenador

Ou:

Ele é muito ambicioso. Ele quer ser *pelo menos* coordenador.

“*Pelo menos*” introduz um argumento na mesma direção de “ele é muito ambicioso” e pressupõe uma escala com outros argumentos mais fortes. Esse tipo de conector só se combina com argumentos de valor positivo.

Ou ainda:

Ele não é esforçado. Nunca chegará a diretor. *No máximo*, a chefe de seção.

“*No máximo*” introduz um argumento na mesma direção de “não ser esforçado”. Usando-se o argumento menos forte, pressupõe-se que há outros mais fortes. Esse tipo de conector combina-se com argumentos de valor depreciativo.

3) Os que introduzem argumentos que têm orientações argumentativas contrárias, levando a conclusões opostas: *ou... ou; ou então; seja... seja; quer... quer; caso contrário*.

Ex.: Temos que confiar na justiça divina. *Caso contrário*, não restará mais nenhuma esperança.

A primeira parte do enunciado está orientada no sentido de que há esperança, de que nem tudo está perdido; a segunda, no sentido de que não há mais esperança.

Um caso particular dentre esses operadores corresponde àqueles que indicam uma disjunção argumentativa. Trata-se de enunciados introduzidos por *ou*.

Ex.: Vá estudar para a prova! *Ou* prefere perder a mesada?

Esse tipo de disjunção é diferente daquela que estudamos na aula anterior, a disjunção *lógica*, que pode ser inclusiva e exclusiva. Agora, trata-se da disjunção *argumentativa*, que veicula uma alternância, mas com um efeito de provocação.

4) Os que marcam uma relação de conclusão, ou seja, introduzem uma conclusão em relação a dois ou mais enunciados anteriores (um geralmente permanece implícito por ser verdade universalmente aceita – *vox populi*): *portanto; logo; por conseguinte; assim; dessa forma; pois* (após o verbo).

Ex.: Ela é uma boa funcionária. Será, *pois*, promovida.

Piotr Bizior



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/721767>

“*Pois*” introduz uma conclusão a duas afirmações anteriores: ela é uma boa funcionária (explícita) e os bons funcionários merecem promoção – implícita, porque é consensual.

5) Os que introduzem explicação ou justificativa do que foi dito no enunciado anterior: *porque; já que; visto que; uma vez que; pois; que*.

Ex.: Ele deve estar em casa, *porque* as luzes estão acesas.

(As luzes estarem acesas é a justificativa para eu dizer que ele está em casa.)

6) Os que contrapõem enunciados de orientações discursivas opostas: *mas; porém; contudo; todavia; entretanto; no entanto* (conjunções adversativas); e *embora; ainda que; mesmo que; apesar de* (conjunções concessivas). São chamados de conectores de contraexpectativa, porque contrariam uma expectativa.

Nessa relação, há sempre uma terceira asserção implícita, conclusão óbvia da primeira.

Ex.: Ela estudou demais para o concurso, *no entanto* não foi classificada.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/815492>

(Se ela estudou demais, a conclusão esperada, implícita, é que conseguisse a classificação. “*No entanto*” introduz o enunciado que contraria essa expectativa.)

Vale observar, com relação às conjunções adversativas, que, com exceção do *mas*, que tem uma posição fixa, todos os outros articuladores são móveis dentro da oração em que se encontram:

Ex.: Estudou demais para o concurso; não foi classificada, *no entanto*.

Ou:

Estudou demais para o concurso; não foi, *no entanto*, classificada.

Mas, se tanto as conjunções adversativas quanto as concessivas expressam contraexpectativa, você já parou para pensar qual será a diferença entre elas?

A diferença se baseia em estratégias de relação:

– a *estratégia do suspense* para as adversativas, em enunciados cuja primeira parte nada revela em relação à segunda;

– a *estratégia da antecipação*, para as concessivas, em que se anuncia previamente que o argumento não será mantido, preparando, com antecedência, o destinatário para a conclusão contrária ao inicialmente esperado.

Exemplos:

Suponhamos que um funcionário se dirija a seu chefe para lhe pedir um aumento de salário. Ele pode receber dois tipos de resposta:

*Fizemos o possível para aumentar seu salário, mas não poderemos dar-lhe o aumento pretendido.*

Estratégia do *suspense*: a primeira parte do enunciado – *Fizemos o possível para aumentar seu salário* – pode evoluir para uma conclusão positiva (“*portanto*, a partir do próximo mês, terá seu salário aumentado”), ou para a contrariedade (“*mas* não poderemos dar-lhe o aumento pretendido”). Daí o nome de estratégia de *suspense*, já que a primeira parte do enunciado nada adianta sobre o resultado na segunda, introduzida pelo “*mas*”.

Vejamos agora a outra opção de resposta:

*Embora tenhamos feito o possível para aumentar seu salário, você não terá direito a aumento nesse ano.*

Estratégia de *antecipação*: a oração iniciada por “*embora*” já revela que o argumento será negado, contrariado.

Vale a pena destacar, ainda, que as orações introduzidas pelo “*mas*” se encontram sempre no modo indicativo, que exprime certeza, ao passo que as introduzidas por “*embora*”, as chamadas orações concessivas, apresentam-se no modo subjuntivo, exatamente em função da estratégia preventiva que veiculam. Ao dizermos, por exemplo, “Embora você seja inteligente, não passou no teste”, concedemos razão ao adversário, retomando o seu argumento (“*ser inteligente*”) para manifestar, em seguida, contrariedade. Portanto, a articulação sintática de concessão prepara, com antecedência, o interlocutor para uma conclusão inicialmente contrária à esperada por ele.

Nas orações iniciadas por “mas”, o argumento mais forte (entre as duas orações envolvidas) será sempre o da oração iniciada pelo “mas”. Vamos explicar isso melhor, com um exemplo:

Imaginemos uma situação de uma pessoa que concorre a uma vaga de emprego para a qual há uma condição fundamental: a de falar inglês com fluência. Ao analisar os currículos de duas candidatas, a diretora diz:



Ok! Ok!

1º Ela tem um ótimo currículo, *mas* não fala inglês.

2º Ela não fala inglês, *mas* tem um ótimo currículo.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/944443>

Qual candidata terá mais chances de conseguir o emprego? A do enunciado 1? Ou a do enunciado 2?

Você deve ter percebido que é a do enunciado 2, e isso ocorre exatamente pela força argumentativa do “mas”.

A força argumentativa do “mas” se evidencia também em outros contextos. Ao se estabelecer uma relação de contradição entre dois segmentos que normalmente não são vistos como contraditórios, cria-se um enunciado, aparentemente sem nexos, por meio do qual se obtém efeito de humor, de ironia ou se revela preconceito.

Ex.: Ela é mulher, *mas* dirige bem.  
Ele é português, *mas* é inteligente.

7) Os que introduzem um argumento decisivo, como um acréscimo, para dar o golpe final no argumento do adversário: *além disso; além do mais; aliás; além de tudo; ademais*.

Ex.: Os bancos diminuem o horário de atendimento ao público, aumentam juros. *Além disso*, cobram tarifas elevadas por qualquer serviço.

8) Os que exemplificam o que foi dito anteriormente: *por exemplo; como*.

Ex.: As cidades mais desenvolvidas, *como* São Paulo e Rio de Janeiro, apresentam sérios problemas de poluição.

9) Os que estabelecem uma relação de retificação, redefinição do conteúdo expresso na primeira parte do enunciado: *ou melhor; de fato; isto é; quer dizer; ou seja; em outras palavras.*

Ex.: Vou viajar para a Europa, *ou melhor*, vou tentar juntar dinheiro para realizar esse sonho.

Antes de continuarmos o nosso estudo, faremos uma atividade sobre os operadores argumentativos.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

2.

1. Na Aula 6, estudamos a *disjunção lógica*, cuja relação é expressa por duas orações ligadas por “ou”, que pode ter dois significados – o “ou” inclusivo (ou fraco), que significa “um ou outro”, e o “ou” exclusivo (ou forte), que exclui uma das proposições.

Na aula de hoje, estudamos outro tipo de disjunção – a *argumentativa*, que veicula uma alternância, mas com efeito de provocação.

Leia o texto a seguir e escreva se a disjunção é lógica ou argumentativa. Justifique.

Na sua lista de presentes, não se esqueça de incluir um lindo porta-retrato.  
Ou você não pretende continuar viajando e tirando fotos?



John Ridley

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1082584>



---

---

---

---

---

2. A partir dos enunciados a seguir, explique a diferença entre as conjunções adversativas e as concessivas, já que ambas expressam contraexpectativa.

- a) Maria é a melhor aluna da turma, mas não foi bem nas últimas provas.
- b) Embora Maria seja uma excelente aluna, não foi bem nas últimas provas.

---

---

---

---

---

3. Imaginemos uma situação de duas moças – Carla e Ana – que concorrem a uma vaga de emprego numa creche. Após entrevistar as candidatas, a diretora da creche conclui:

- a) Carla tem experiência nesse tipo de trabalho, mas não tem paciência com crianças.
- b) É o primeiro emprego de Ana, mas ela é paciente e amorosa com as crianças.

Qual candidata terá chance de conseguir o emprego na creche: Carla ou Ana? Por quê?

---

---

---

---

---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

1. No texto “Na sua lista de presentes, não se esqueça de incluir um lindo porta-retrato. Ou você não pretende continuar viajando e tirando fotos?”, a conjunção “ou” estabelece uma relação de disjunção argumentativa. Nesse tipo de disjunção, os enunciados são resultantes de dois atos de fala distintos (1º: “Na sua lista de presentes, não se esqueça de incluir um lindo porta-retrato”; 2º: “Ou você não pretende continuar viajando e tirando fotos?”), em que o segundo procura provocar o leitor/ouvinte para levá-lo a modificar sua opinião ou, simplesmente, a aceitar a opinião expressa no primeiro.

2. As *conjunções adversativas* e as *concessivas* expressam uma relação de *contraexpectativa*. A diferença entre elas se baseia em *estratégias de relação: suspense ou antecipação*. A estratégia do suspense ocorre com as *conjunções adversativas*, como em (a) “Maria é a melhor aluna da turma” – em que o enunciado pode evoluir para uma conclusão positiva (“portanto, foi bem nas últimas provas”), ou para a contrariedade (“mas não foi bem nas últimas provas”). Daí o nome de estratégia de suspense, já que a primeira parte do enunciado nada adianta sobre o resultado na segunda, introduzida pelo “mas”. Já a estratégia da antecipação ocorre com as *conjunções concessivas*, como em (b) “Embora Maria seja uma excelente aluna, não foi bem nas últimas provas”. A oração iniciada por “embora” já revela que o argumento será negado, contrariado.

3. Nas orações iniciadas por “mas”, o argumento mais forte (entre as duas orações envolvidas) será sempre o da oração iniciada pelo “mas”. Assim, Ana tem mais chances que Carla de conseguir o emprego.

Dando continuidade ao nosso estudo, agora veremos o que são operadores de sequencialização.

## Os operadores de sequencialização

Também são encadeadores discursivos os operadores de sequencialização, isto é, os que marcam as sequências temporais, espaciais, textuais e conversacionais. São operadores de sequencialização:

1) Os que marcam sequência temporal: *daqui a um ano; uma semana depois; dois meses antes* etc.

2) Os que marcam sequência espacial (comuns em descrições): *à frente; mais atrás; à direita* etc.

3) Os que estabelecem o “mapeamento” do texto: *primeiramente; a seguir; em seguida; finalmente; por último* etc.

4) Os marcadores conversacionais, aqueles que, na conversação, servem para introduzir um tema, ou mudar de assunto: *por falar nisso; a propósito; voltando ao assunto* etc.

Não pretendemos esgotar o assunto, porque a quantidade de conectores e sequenciadores é grande. Apontamos os principais, destacando sua função coesiva.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 3

3. Leia o texto seguinte:

Primeiro, a polícia dá uma explicação imediata para o elevado índice de violência nos grandes centros urbanos: a quantidade de armas comercializadas ilegalmente e o fácil acesso à bebida e às drogas. Segundo, há também a velha explicação de fundo socioeconômico: quanto maiores a pobreza e o desemprego, mais intensas a violência e a criminalidade.

Nesse texto, qual a função dos operadores “primeiro”, “segundo”?

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

Os operadores – primeiro, segundo – organizam o texto.

## CONCLUSÃO

Chegamos ao final da sétima aula e você já deve ter percebido como podemos estruturar o nosso texto a fim de que ele possa constituir um todo bem articulado e cumpra a sua função – informar, convencer, entreter etc.

Diferentemente dos conectores lógicos, os encadeadores discursivos ligam enunciados resultantes de atos de fala diferentes. Esses encadeadores podem ser os operadores argumentativos (aqueles que conferem um papel argumentativo às unidades que relacionam) e os operadores de sequencialização (aqueles que marcam as sequências temporais, espaciais, textuais e conversacionais).

Antes de fecharmos esta aula, faremos mais uma atividade a fim de fixarmos os conceitos trabalhados.

## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

1. Em 2003, foi veiculada uma publicidade de um conhecido cartão de crédito que falava sobre a vida e da necessidade de aproveitarmos o nosso tempo. Atualmente, o texto dessa publicidade encontra-se em vários sites da internet. Acesse, então, um dos links a seguir e leia o texto.

<http://www.olhosdebastet.com.br/textos/tributoaotempo.htm>

<http://www.flaviocosta.com/novamensagem/tributo.htm>

Agora responda: que relações semânticas os conectores destacados nos trechos a seguir expressam, ao unir segmentos de texto?

(a) "Dizem que a vida é curta, *mas* não é verdade."

(b) "E como ela é feita de instantes, não pode *nem* deve ser medida em anos ou meses, mas em minutos e segundos."

(c) "Esta mensagem é um tributo ao tempo. Tanto àquele tempo que você soube aproveitar no passado quanto àquele tempo que você não vai desperdiçar no futuro. *Porque* a vida é agora..."

---

---

---

---

---

2. Nem sempre a conexão é estabelecida por meio de conectivos: conjunções, pronomes relativos e preposições, mas por meio de outros elementos de conexão, como os advérbios. Por isso, chamamos esses elementos de conectores, e não de conectivos, o que significa dizer que todo conectivo é um conector, mas nem todo conector é um conectivo. Releia o trecho a seguir:

“E essa tal felicidade anda por aí, disfarçada, como uma criança traquina brincando de esconde-esconde. *Infelizmente* às vezes não percebemos isso e passamos nossa existência colecionando não: (...).”

a) No segmento destacado, explicita a relação estabelecida pelo conector “infelizmente”.

---

---

---

b) Ainda no segmento destacado acima, explicita também a relação estabelecida pelo conectivo “e”.

---

---

---

3. Nos segmentos a seguir, os conectores destacados em itálico são operadores lógicos ou argumentativos? Justifique.

a) “E essa tal felicidade anda por aí, disfarçada, *como* uma criança traquina brincando de esconde-esconde.”

b) "A vida é mais emocionante *quando* se é ator e não espectador; (...)."

---

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

1. Você não deve ter tido dificuldade em perceber que a coesão foi estabelecida por meio dos conectores interfrásicos. Assim, em "mas não é verdade", observamos uma relação de contrariedade marcada pelo conector "mas"; em "e como ela é feita de instantes, não pode nem deve ser medida em anos ou meses", o conector "nem" (= como também) introduz argumentos em favor de uma mesma conclusão e, por último, em "Porque a vida é agora", o conector "porque" introduz uma explicação.

2. (a) No segmento destacado, o advérbio de modo "infelizmente" faz a conexão interfrásica. A relação estabelecida é de contrariedade. O advérbio poderia ser substituído, por exemplo, por "porém", "mas".

(b) No segmento "Infelizmente às vezes não percebemos isso e passamos nossa existência colecionando nãoos", a relação semântica estabelecida pelo conector "e" é de consequência (= então: "Infelizmente às vezes não percebemos isso; então, passamos nossa existência colecionando nãoos:").

3. (a) O vocábulo "como" marca uma relação de modo (ou comparação) em "E essa tal felicidade anda por aí, disfarçada, como uma criança tranquina brincando de esconde-esconde".

(b) em "quando se é ator", o conector "quando" marca uma relação de temporalidade. Nesses dois segmentos extraídos do texto, os conectores "como" e "quando" são operadores lógicos, porque apontam o tipo de relação lógica, natural que se estabelece entre os enunciados.

## RESUMO

A coesão interfrástica também é conhecida como “junção” ou “conexão”. Essa junção pode ser marcada por simples pausas, ou por elementos de coesão, responsáveis por estabelecer elos entre segmentos de texto. Esses elementos de coesão ou articuladores textuais podem ser de dois tipos: os que expressam relações naturais, lógicas e os *encadeadores discursivos*. Enquanto os primeiros marcam relações lógicas, naturais, os segundos são responsáveis pelo encadeamento sucessivo dos enunciados (daí o nome ENCADEADORES), articulando um enunciado a outro, dando-lhes uma orientação argumentativa e estruturando-os em textos. Os encadeadores discursivos, por sua vez, são de dois tipos: os *operadores argumentativos* (os que, ao introduzirem um enunciado, determinam-lhe uma orientação argumentativa) e os *operadores de sequencialização* (que marcam as sequências temporais, espaciais, textuais e conversacionais).

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos dar continuidade ao nosso estudo dos mecanismos gramaticais da coesão, focalizando o *paralelismo estrutural* e a *coesão referencial*.

# Ainda a coesão gramatical: a coesão referencial e o paralelismo estrutural

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

## AULA 8

### Meta da aula

Apresentar como se estabelece a coesão textual  
por meio de mecanismos gramaticais.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. identificar o mecanismo "gramatical" de coesão referencial;
2. distinguir coesão exofórica de coesão endofórica;
3. reconhecer as palavras gramaticais responsáveis pela coesão referencial;
4. identificar os tipos de coesão endofórica;
5. reconhecer a importância do paralelismo estrutural para o entendimento do enunciado.



## INTRODUÇÃO

Já sabemos que um texto não é uma unidade construída por uma soma de sentenças, mas pelo encadeamento delas, criando uma trama semântica – a *textualidade*. Sabemos, também, que o encadeamento semântico que produz a textualidade se chama *coesão*. Vimos que a coesão pode ser focalizada tanto do ponto de vista da gramática (sistema fechado), quanto do ponto de vista do léxico (sistema aberto).

Se quisermos definir mais especificamente a coesão, poderemos dizer que se trata de uma maneira de recuperar, em uma sentença B, um termo presente em uma sentença A. Por exemplo, tomemos a frase:

“Comprei *dois livros*. Guardei-os na estante.”

Se perguntarmos a um falante de língua portuguesa se existe algo na segunda frase que a ligue à primeira, com certeza, ele nos indicará o pronome “os”. E isso porque o “os” recupera semanticamente, na segunda sentença, o nome “livros”, que está na primeira. Aí está um exemplo do mecanismo gramatical de coesão, chamado *referência*.

Assim, a coesão referencial assinala, por meio da utilização de formas linguísticas apropriadas, elementos já mencionados anteriormente no texto.

## A COESÃO REFERENCIAL

Quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, a coesão se chama *exofórica*. Ao contrário, quando a remissão se faz a elementos presentes no texto, ela se chama *endofórica* (ou *coreferência*). A coesão endofórica se realiza por meio dos mecanismos da anáfora, da catáfora e da elipse, que estudaremos a seguir.

Observe o esquema seguinte:

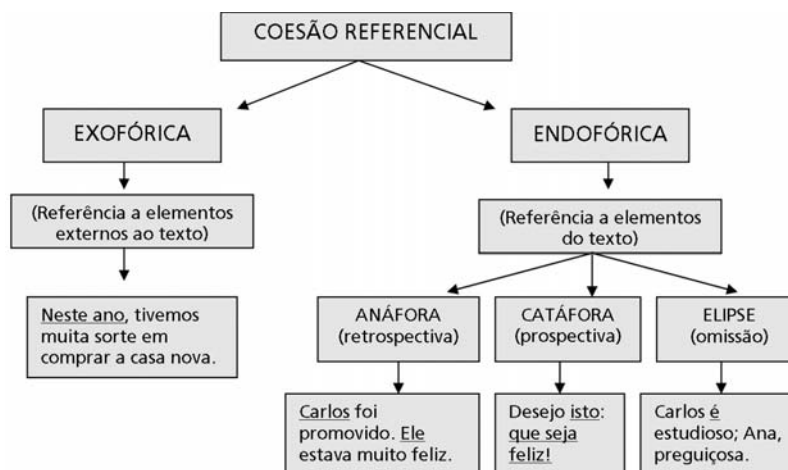
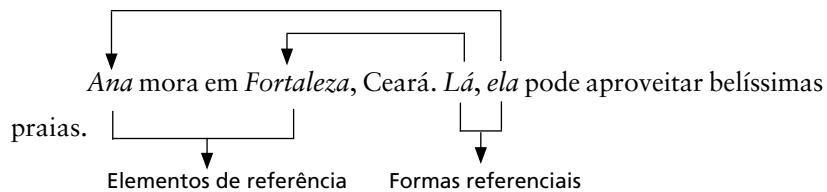


Figura 8.1: A coesão referencial e seus subtipos.

As palavras responsáveis pela coesão referencial são os pronomes, que podem ser pessoais (*ele, ela, o, a, lhe, nós* etc.), possessivos (*meu, minha, teu, tua, seu, sua* etc.), demonstrativos (*este, esse, aquele* etc.), indefinidos (*tudo, nenhum, cada um* etc.) e relativos (*que, o qual, a qual, cujo, onde* etc.). Além dos pronomes, os advérbios de lugar (*lá, ali* etc.) e os artigos (*o, a, um, uma* etc.) também são vocábulos responsáveis pela coesão referencial.

A coesão referencial, ou por referência, envolve, portanto, dois termos: o primeiro, a que denominamos “forma referencial, ou remissiva”, que faz remissão a outro(s) do universo textual, e o segundo, denominado “elemento de referência ou referente textual”.



Maurício Uchôa

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/799030>

Vamos iniciar o nosso estudo sobre a coesão referencial por meio de uma atividade em que focalizaremos os casos em que o referente não se encontra no texto, mas fora dele.

### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Vamos observar o texto seguinte, extraído de uma publicidade:

*"Ele transformou água em vinho. Se fosse São Lourenço, transformava em champanhe."*

(Água mineral São Lourenço)



Hajnalka Ardai Mrs.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1225271>

Você seria capaz de relacionar o pronome "Ele" a alguém? A referência é endofórica ou exofórica?

#### RESPOSTA COMENTADA

*Com certeza, você não teria dificuldade em associar esse "Ele" a Jesus Cristo. No entanto, essa informação não nos foi dada pelo texto da publicidade. Conseguimos recuperá-la em função de nosso conhecimento de mundo e do conhecimento partilhado. É um exemplo de coesão exofórica, pois o referente não se encontra no texto, mas fora dele.*

## A anáfora e a catáfora

A remissão pode ser feita *para trás*, constituindo uma *anáfora*, ou *para a frente*, constituindo uma *catáfora*.

Vejam os exemplos:

a) A *moça* saiu correndo de casa. Na rua, *ela* viu que havia esquecido os documentos em casa. (Anáfora)

b) O *livro que* ganhei de presente é muito bom! (Anáfora)

c) Foi *tudo* em vão. *As flores, os elogios e os aplausos*. (Catáfora)

Em (a), o pronome pessoal “ela” recupera “moça”; em (b), o pronome relativo “que” substitui “livro”, na segunda oração; e, em (c), o pronome indefinido “tudo” antecipa “as flores, os elogios e os aplausos”.

Mais alguns exemplos ajudarão você a entender melhor os mecanismos da *anáfora* e da *catáfora*.

Observe o seguinte enunciado:

d) A modelo viajou para a *Holanda* na manhã de sábado. *Lá*, cercada de seguranças, tirou fotos para uma campanha publicitária.

No exemplo (d), a palavra “Holanda” é recuperada pelo advérbio de lugar “lá”. Assim, tem-se a anáfora, pois um termo já mencionado foi retomado.

Agora observe outro exemplo:

e) Só desejo *isto: que me deixem em paz!*

No exemplo (e), tem-se a catáfora, pois o pronome demonstrativo “isto” aponta para a frente – “que me deixem em paz!”.

Observando os exemplos dados, pode-se concluir que, na coesão anafórica, os elementos linguísticos – pronomes, artigos, advérbios etc. – retomam elementos já mencionados em um enunciado. Já na coesão catafórica, os elementos linguísticos “antecipam” o que ainda vai ser enunciado.

Além da coesão anafórica e catafórica, existe também a elipse.

## A elipse

Há um terceiro tipo de coesão endofórica. É a substituição por zero. Explicando melhor: omite-se um termo ou todo um enunciado, recuperáveis pelo contexto. É o que se chama elipse. Vejamos o exemplo:

*As crianças* saíram correndo para o pátio. (Ø) Estavam felizes.

A elipse nos ajuda a produzir um texto menos redundante. Imagine se escrevêssemos assim:

“As *crianças* saíram correndo para o pátio e as *crianças* estavam felizes. As *crianças* brincaram durante toda a tarde. À noite, as *crianças* assistiram televisão, mas as *crianças* acabaram dormindo durante o filme.”

Dessa forma, a elipse nos permite omitir determinados elementos que são facilmente recuperáveis pelo contexto:

“As *crianças* saíram correndo para o pátio e estavam felizes. Brincaram durante toda a tarde. À noite, assistiram televisão, mas acabaram dormindo durante o filme.”

Veja mais um exemplo: “João é um rapaz trabalhador; mas Pedro, preguiçoso.” Na segunda oração: “mas Pedro, preguiçoso”, subentende-se a estrutura: “é um rapaz”.

**ATIVIDADES****Atendem aos Objetivos 3 e 4**

2. Identifique os referentes textuais e suas respectivas formas remissivas, reconhecendo, a seguir, o tipo de coesão referencial:

a) Viajaremos cedo para *São Paulo* amanhã. *Lá*, teremos uma reunião de trabalho antes do almoço.

---



---

b) *A casa de Maria* é a da esquina. *A minha* fica do outro lado da rua.

---



---

c) *Este* sempre foi o meu lema: fazer o bem e não olhar a quem.

---



---

3. Leia o texto abaixo:



Daniel West

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/861766>

**Diálogo:**

– Você acha que esta experiência, de morarmos juntos, vai dar certo?

– Arrã.

(...)

– Nós não vamos começar a nos desentender?

– Ahn-ahn.

– “Ahn-ahn” é “sim”?

– “Ahn-ahn” é “não”. “Sim” é “arrã”.

(...)

– Isso é língua de casado?

– Arrã.

Fonte: VERÍSSIMO, Luís Fernando. *O Globo*, Rio de Janeiro, 11 nov. 2007.



Quer ler na íntegra o texto de Veríssimo? Então acesse o link:  
[www.ceperj.rj.gov.br/concursos/saogoncalo/Portugues.pdf](http://www.ceperj.rj.gov.br/concursos/saogoncalo/Portugues.pdf)

Na passagem “– Isso é língua de casado?”, o pronome demonstrativo é anafórico ou catafórico?

---

---

---

4. Em todos os enunciados a seguir há elipses de termos. Identifique os termos omitidos, escrevendo-os na linha de resposta.

a) Carlos é educado; mas João, abusado.

---

b) “As ciências aplicadas não existem, só as aplicações da ciência.” (Pasteur)

---

c) “Compreender é o primeiro passo; viver, o segundo.” (Victor Hugo)

---

#### RESPOSTA COMENTADA

2. Em (a), “São Paulo” é recuperado pelo advérbio “lá”, assim como “A minha”, em (b), remete à “A casa de Maria”. Dois casos, portanto, de anáfora. Em (c), o pronome demonstrativo “este” funciona como catafórico (isto é, aponta para a informação seguinte).

3. Nessa passagem, o pronome demonstrativo “isso” é anafórico, pois faz referência ao diálogo monossilábico (“Arrã”, “Ahn-ahn”, “ahn”) entre o casal.

4. Em (a), o verbo “é” não está explícito na segunda oração: “Carlos é educado; mas João (é) abusado.” E, nesse caso, costuma-se usar a vírgula para marcar a elipse.

Em (b), omite-se o verbo “existem” também na segunda oração: “As ciências aplicadas não existem, só as aplicações da ciência (existem).”

E, por último, em (c), o verbo “é” e o substantivo “passo” são omitidos: “Compreender é o primeiro passo; viver (é), o segundo (passo).” Novamente, a vírgula é utilizada para marcar a elipse.

Começamos esta aula estudando um tipo de coesão gramatical – a coesão referencial. Agora, vamos dar continuidade ao nosso estudo abordando outro tipo de coesão gramatical – o paralelismo estrutural.

## O PARALELISMO ESTRUTURAL

Ocorre o paralelismo estrutural quando há a presença de traços gramaticais comuns, a mesma ordem das palavras ou a mesma estrutura frásica em segmentos textuais contínuos.

Exemplo:

*O condomínio decidiu pintar a fachada das lojas, rever todas as instalações elétricas, consertar os portões de entrada e manter o valor da taxa de adesão dos condôminos.*

Observe que todas as decisões atribuídas ao condomínio se apresentam com a mesma estrutura: são introduzidas por uma sequência de verbos no infinitivo (*pintar, rever, consertar, manter*).

Muitas vezes, as falhas no paralelismo estrutural acarretam dificuldade na compreensão do enunciado, pois há uma quebra na sequência da estrutura esperada (ainda que inconscientemente por parte do leitor), o que retarda ou atrapalha o processo de entendimento da mensagem pelo receptor.



Já aconteceu com você ter de voltar, uma, duas ou mais vezes, a alguma passagem de um texto que está lendo, por se confundir com o encaminhamento das ideias ou, como se diz, por “perder o fio da meada”? Isso ocorre frequentemente em decorrência de falhas no *paralelismo estrutural*.

Vejamos este exemplo:

*Os ministros negaram estar o governo atacando a assembleia e que ele tem feito tudo para prolongar a votação do projeto.*

Você teve facilidade para entender o enunciado que acabou de ler? Não? É difícil perceber, com clareza, a mensagem que se pretendeu passar. E isso ocorreu, justamente, por problemas no paralelismo estrutural.

Vamos analisar o caso:

1°. A primeira parte do enunciado relata que “*os ministros negaram estar o governo atacando a assembleia*”.

2°. Segue-se um “e”; espera-se, então, a continuação do que “os ministros negaram”, com uma estrutura paralela à anterior. Só que há uma quebra nessa expectativa, com a introdução de outro enunciado, com outra estrutura, que atrapalha a sequência natural da mensagem. A impressão que se tem é de que vai ser introduzido um novo assunto, o que não é verdade, já que a segunda parte da frase ainda diz respeito “ao que os ministros negaram” (*e que ele – o governo – tem feito tudo para prolongar a votação*). Essa nova estrutura desvia a atenção do leitor, comprometendo o entendimento da mensagem.

3°. Uma sugestão de reescritura do enunciado, atendendo ao paralelismo estrutural, resolveria o problema:

*“Os ministros negaram estar o governo atacando a assembleia e ter feito tudo para prolongar a votação do projeto.”*

## ATIVIDADE



## Atende ao Objetivo 5

5. Nos enunciados a seguir há quebra no paralelismo estrutural. Reescreva-os, corrigindo as falhas.

a) Ana já tem vários planos para o próximo semestre: reformar a casa, trocar o carro e espera uma viagem.

---



---



---

b) Os filhos de Carlos gostam não só de doces e também de salgados.

---



---



---

## RESPOSTA COMENTADA

5. Em (a), os dois primeiros enunciados (planos de Ana) – “reformar a casa, trocar o carro” se apresentam com a mesma estrutura: são introduzidos por uma sequência de verbos no infinitivo (reformar, trocar). Porém, na última oração: “e espera uma viagem” há uma quebra no paralelismo, com a introdução de outro enunciado (mais um plano de Ana), com outra estrutura, que atrapalha a sequência natural da mensagem. O correto seria: “Ana já tem vários planos para o próximo semestre: reformar a casa, trocar o carro e viajar.” Em (b), a estrutura “não só” exige o correspondente “mas também”: “Os filhos de Carlos gostam não só de doces, mas também de salgados.”

Antes de terminarmos esta aula, vale a pena lembrar que, às vezes, a coesão textual se processa de maneira indireta, apelando para o conhecimento de mundo do leitor:

Houve um INCÊNDIO num grande shopping da cidade. Os bombeiros logo chegaram. Muitas ambulâncias transportavam para os hospitais os feridos e as pessoas intoxicadas pela fumaça.

As palavras destacadas com *itálico* são responsáveis pela coesão entre as frases, mas não se retoma nem se antecipa nenhum termo. Trata-se do que os teóricos da Linguística Textual costumam chamar de *anáfora associativa*. Todos esses elementos em destaque compõem um conjunto de ideias pertencentes ao *frame* INCÊNDIO.

A coesão textual se fez, então, com ideias contidas no *frame*. A propósito, você se lembra da Aula 4, quando estudamos o conceito de *frame*?

Recordando:

*Frames* são modelos que contêm o conhecimento de senso comum sobre um conceito central.

Quando a coesão é obtida com o uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo, já estamos nos afastando das retomadas por palavras gramaticais e nos aproximando das remissões feitas por intermédio do vocabulário, do léxico. Esse será o tema da nossa próxima aula: a COESÃO LEXICAL.

## CONCLUSÃO

Você deve ter percebido como a coesão é importante para articular as diversas partes de um texto. Para que as ideias estejam bem relacionadas, também é preciso que estejam bem interligadas, bem “unidas” por meio de vocábulos que têm a finalidade de retomar ou antecipar palavras, locuções, orações e períodos, evitando assim, que o texto fique repetitivo. Quando a remissão é feita a algum elemento fora do texto, ou seja, da situação comunicativa, a coesão se chama exofórica. Ao contrário, quando a remissão se faz a elementos presentes no texto, ela se chama de endofórica (ou correferência).

Para finalizar esta aula, faremos mais uma atividade, a fim de fixarmos os dois tipos de coesão gramatical estudados aqui: coesão referencial e paralelismo estrutural.

## ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, 3, 4 e 5

8

AULA

Leia o texto a seguir:

### Tropeços

#### *A graça e a lógica de certos enganos da fala*

O compenetrado pintor de paredes olhou as grandes manchas que se expandiam por todo o teto do banheiro do nosso apartamento, as mais antigas já negras, *umas* amarronzadas, outras esverdeadas, pediu uma escada, subiu, desceu, subiu, apalpou em vários pontos e deu seu diagnóstico:

– Não adianta pintar. Aqui tem muita "humildade".

Levei segundos para compreender que ele queria dizer "umidade".

(...)

Há palavras que são armadilhas para os ouvidos, mesmo de pessoas menos humildes.

(...)

Resultam muitas vezes formas hilárias. O zelador do nosso prédio deu *esta explicação* por não estar o elevador automático parando em determinados andares:

– O computador entrou em "pânico".

Não sei se ele conhece a palavra "pane". Deve ter sido daquela forma que a ouviu e gravou. (...) Tropeço também é linguagem.

O cheque bancário é frequentemente vítima de um tropicão desses. Muita gente diz, no final de uma história de esperteza ou de desacordo comercial, que mandou "assustar" um cheque. Pois outro dia encontrei alguém que mandou "desbronquear" o cheque.

(...)

Já ouvi de um mecânico que o motor do carro estava "rastreando", em vez de "rateando". Talvez a palavra correta *lhe* lembrasse rato e a descartara como improvável. (...) Há algum tempo, quando eu procurava um lugar pequeno para morar, o zelador mostrou-me um quarto-e-sala "conjugal". Tem lógica, não?

(...)

Muitos erros são elaborações. Não teriam graça se não tivessem lógica.

A personagem Magda, da televisão, nasceu *deles*. Muito antes, *nos anos 70*, um grupo de jornalistas, escritores e atores criou o Pônzio, personagem de mesa de bar que misturava os sentidos das palavras pela semelhança dos sons. Há celebridades da televisão que fazem *isso* a sério (...).

(...)

Fonte: ANGELO, Ivan. Tropeços. *Veja*, São Paulo, abril, 2003.



Quer ler na íntegra o texto "Tropeços", de Ivan Angelo? Então acesse o link <http://veja.abril.com.br/vejasp/230403/cronica.html>.

1. Na construção de um texto, a fim de garantir a coesão textual, ocorre a substituição de termos por outros, que referenciam o que foi dito anteriormente, ou apontam para o que ainda vai ser dito.

Identifique os referentes das palavras em destaque e o tipo de coesão: exofórica ou endofórica (anáfora ou catáfora).

a) "...as mais antigas já negras, *umas* amarronzadas..."

---

b) "...O zelador do nosso prédio deu *esta explicação* por não estar o elevador automático parando em determinados andares: – O computador entrou em 'pânico'".

---

c) "Talvez a palavra correta *lhe* lembrasse rato..."

---

d) "A personagem Magda, da televisão, nasceu *deles*."

---

e) "Muito antes, *nos anos 70*, um grupo de jornalistas, escritores e atores criou o Pônzio..."

---

f) Há celebridades da televisão que fazem *isso* a sério.

---

2. Em todo o texto, vários termos são omitidos. Então, identifique, do primeiro parágrafo, as palavras que foram omitidas. Em seguida, escreva como é chamado esse tipo de coesão e qual a sua função.

---

---

---

---

---

3. "Ocorre o paralelismo estrutural quando há a presença de traços gramaticais comuns, a mesma ordem das palavras ou a mesma estrutura frásica em segmentos textuais contínuos." Agora, explique se nos enunciados a seguir há o paralelismo estrutural e por quê.

a) "Estudantes candidatos à universidade também tropeçam nos ouvidos. *E não apenas falam, mas registram seus equívocos...*"

---

---

---

---

---

b) "...O processo é o mesmo: *ouvir, reelaborar, inserir em uma lógica própria e falar...*"

---

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

1.

em (a), o artigo "umas" substitui a palavra "manchas" (coesão endofórica: anáfora);

em (b), a expressão "esta explicação" faz referência ao que ainda vai ser dito: "O computador entrou em 'pânico'" (coesão endofórica: catáfora);

em (c), o pronome pessoal oblíquo "lhe" faz referência à palavra "mecânico" (coesão endofórica: anáfora);

em (d), a preposição "de" + o pronome pessoal "eles" (deles) substitui todo o enunciado "Muitos erros são elaborações" (coesão endofórica: anáfora);

em (e), a locução adverbial de tempo "nos anos 70" faz referência a uma situação fora do texto (coesão exofórica); e, por último,

em (f), o pronome demonstrativo "isso" substitui toda a oração: "misturava os sentidos das palavras pela semelhança dos sons" (coesão endofórica: anáfora).

2. No primeiro parágrafo, foram omitidos por meio de um tipo de coesão endofórica – a elipse – os termos: manchas e compenetrado pintor: "O compenetrado pintor de paredes olhou as grandes manchas que se expandiam por todo o teto do banheiro do nosso apartamento, as (manchas) mais antigas já negras, umas (manchas) amarronzadas, outras (manchas) esverdeadas, (compenetrado pintor) pediu uma escada, (compenetrado pintor) subiu, (compenetrado pintor) desceu, (compenetrado pintor) subiu, (compenetrado pintor) apalpou em vários pontos e (compenetrado pintor) deu seu diagnóstico".

A elipse é um tipo de coesão endofórica que tem por função não deixar o texto redundante, prolixo, pois os termos omitidos são facilmente recuperáveis pelo contexto. Ser "prolixo" é abusar da escrita, repetir termos que podem ser omitidos, exagerar nos argumentos... Isso não é bom, pois o texto fica confuso, monótono e entediante.

3. Nos dois enunciados – (a) e (b) – ocorre o paralelismo estrutural. Em (a), tem-se a estrutura "não apenas...mas", que indica retificação do que foi dito; e em (b), todos os verbos estão no infinitivo: "ouvir, reelaborar, inserir e falar".

**RESUMO**

A coesão pode ser focalizada tanto do ponto de vista da gramática (sistema fechado), quanto do ponto de vista do léxico (sistema aberto). A coesão referencial, como mecanismo gramatical, assinala, por meio da utilização de formas linguísticas apropriadas, elementos já mencionados anteriormente no texto. Quando a remissão é feita a algum elemento da situação comunicativa, a coesão se chama exofórica. Ao contrário, quando a remissão se faz a elementos presentes no texto, ela se chama de endofórica (ou correferência). A coesão referencial, ou por referência, envolve dois termos: o primeiro, a que denominamos “forma referencial, ou remissiva”, que faz remissão a outro(s) do universo textual, e o segundo, denominado “elemento de referência ou referente textual”. A remissão pode ser feita para trás, constituindo uma anáfora, ou para a frente, constituindo uma catáfora. Há, ainda, outro tipo de coesão endofórica. É a substituição por zero: omite-se um termo, ou todo um enunciado, recuperáveis pelo contexto. É o que se chama elipse. O paralelismo estrutural, também mecanismo gramatical de coesão, ocorre quando há a presença de traços gramaticais comuns, a mesma ordem das palavras ou a mesma estrutura frásica em segmentos textuais contínuos.

**INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA**

Na próxima aula, estudaremos a coesão lexical, ou seja, a coesão obtida com o uso de termos pertencentes a um mesmo campo significativo, por intermédio do vocabulário, do léxico.

**LEITURA RECOMENDADA**

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.





# O léxico a serviço da coesão: a coesão lexical

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

## AULA 9

### Meta da aula

Apresentar como se estabelece a coesão textual por meio de mecanismos lexicais.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os mecanismos lexicais de coesão textual;
2. corrigir falhas de coesão lexical;
3. identificar os tipos de coesão lexical;
4. diferenciar os mecanismos de substituição na coesão lexical;
5. reconhecer a progressão tópica nas renomeações de itens lexicais.

## INTRODUÇÃO

### LÉXICO

Vocábulo de uma língua, dicionário.

Nas aulas passadas, aprendemos bastante sobre a *coesão textual* – um dos fatores da textualidade, que é centrado no texto.

Vimos que a coesão pode-se manifestar por meio de mecanismos gramaticais e estudamos a coesão frásica, a interfrásica, a temporal, a referencial e o paralelismo estrutural.

Na aula de hoje, vamos mudar o foco: vamos passar da gramática para o **LÉXICO**. Veremos, então, que as retomadas ou remissões podem ser feitas por meio de palavras que guardam entre si relações semânticas. A textualidade, nesse caso, é obtida por meio da *coesão lexical*.

## A COESÃO LEXICAL

### CONTIGUIDADE

Estado do que é contínuo, próximo, adjacente.

A coesão lexical relaciona os mecanismos lexicais que se configuram pela **CONTIGUIDADE** semântica das unidades linguísticas caracterizadas tanto pela copresença de traços semânticos (parcial ou totalmente), quanto pela oposição desses traços semânticos.

Realiza-se por meio dos mecanismos de REITERAÇÃO e de SUBSTITUIÇÃO, este último representado pela *sinonímia/antonímia*; *hiperonímia/hiponímia*; *holonímia/meronímia*.

O esquema seguinte vai ajudá-lo a visualizar esses mecanismos:



Figura 9.1: A coesão lexical e os seus subtipos.

Vamos começar a falar, agora, de cada um desses mecanismos.

## A reiteração

A reiteração, como o próprio nome sugere, consiste na repetição do item lexical. Geralmente é empregada quando se quer enfatizar uma ideia.

Ex.: O *presidente* viajou para a Holanda. O *presidente* levou uma grande comitiva.

Devemos prestar atenção ao usar a reiteração, pois a repetição descuidada pode levar à quebra da coesão textual. Veja o exemplo seguinte:

*Muitas pessoas têm preferido comprar livros pela internet. As livrarias virtuais oferecem um catálogo com a lista dos livros mais vendidos e os clientes escolhem os livros que desejam, sem pagar mais pelos livros, já que o frete dos livros geralmente é grátis.*

Você deve ter achado esse texto engraçado. É claro que forçamos um exemplo para que você perceba o problema da repetição sem estilo. Mas não se assuste se qualquer dia encontrar um texto semelhante!

E, pensando nisso, vamos propor a você uma atividade. Você seria capaz de “consertar” esse texto?

### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Reescreva o texto que você acabou de ler, evitando as repetições desnecessárias.

---

---

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

*Uma sugestão de reescritura poderia ser:*

*"Muitas pessoas têm preferido comprar livros pela internet. As livrarias virtuais oferecem um catálogo com a lista dos mais vendidos e os clientes escolhem os que desejam, sem pagar mais pelos livros, já que o frete geralmente é grátis."*

*Que estratégias selecionamos na reescritura?*

*Na segunda oração, para não repetir "livros" – já havíamos empregado o local onde se vendem livros (as "livrarias") –, optamos pelo mecanismo da elipse, ao omitir "livros" após "catálogo", recuperando, mais à frente, os "livros" pelo pronome demonstrativo "os" (coesão gramatical referencial) em "a lista dos mais vendidos" e em "os clientes escolhem os...". O pronome relativo "que", em "os que desejam", recupera, por sua vez, o demonstrativo "os". O nome "livros" aparece na penúltima oração "sem pagar mais pelos livros", e é omitido na última, por elipse: "já que o frete é grátis".*

Já analisamos o primeiro mecanismo de coesão lexical – a *reiteração*. Vamos, então, passar para o segundo – a *substituição*.

### A substituição

Como o próprio nome indica, a substituição é a troca de um item lexical por outro, respeitando-se a **CONTIGUIDADE SEMÂNTICA**. Pode ser realizada pela sinonímia/antonímia; hiperonímia/hiponímia; holonímia/meronímia.

#### CONTIGUIDADE SEMÂNTICA

Copresença ou oposição de traços semânticos.

## Sinonímia e antonímia

No caso da sinonímia, há substituição de expressões que compartilham os mesmos traços semânticos (copresença); na antonímia, ao contrário, as expressões se relacionam opostamente.

Vejam os exemplos:



Figura 9.2: Exemplo de sinonímia.

Um *menino* se machucou no acidente. O *garoto* parecia assustado.  
(sinonímia)



Figura 9.3: Exemplo de antonímia.

Você falou a *verdade*? Parece que disse muita *mentira*. (antonímia)

## Hiperonímia e hiponímia

Quanto à substituição, ainda se podem considerar as relações classe/elemento e todo/parte, o que configura os mecanismos de substituição por hiperonímia/hiponímia e o de holonímia/meronímia, respectivamente.

Assim, ocorre a hiperonímia quando a primeira expressão mantém com a segunda uma relação classe/elemento; na hiponímia, a relação é inversa.

Assim, hiperônimos são palavras em seu sentido amplo, geral. Por exemplo, “móvel” é hiperônimo de “mesa”, de “guarda-roupa” etc. Podemos dizer que o hiperônimo é o nome da classe dos elementos. Já hipônimos são palavras que se relacionam pelo sentido, dentro de um conjunto. Por exemplo, “avião”, “moto” e “trem” são hipônimos de “meios de transporte”, seu hiperônimo.

Para você entender melhor, citaremos outro exemplo:

O professor mandou os alunos desenharem *figuras geométricas*. Os *losangos*, *retângulos*, *triângulos* e *quadriláteros* encheram as páginas dos cadernos.

O item lexical “figuras geométricas” é o *hiperônimo* de “losangos, retângulos, triângulos e quadriláteros”, seus *hipônimos*, porque são os elementos que fazem parte da classe “figuras geométricas”.

Observe a figura a seguir:

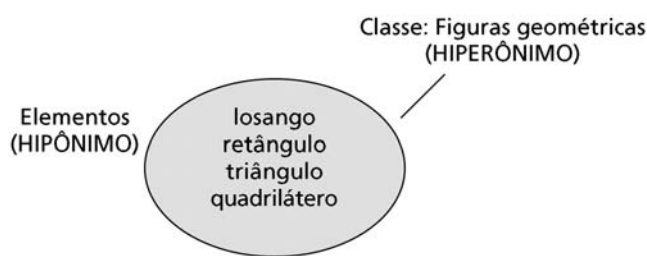


Figura 9.4: Classe (hiperônimo) e elementos (hipônimo).

### Holonímia e meronímia

A holonímia, por sua vez, mantém uma relação todo/parte entre a primeira e a segunda expressão, e a meronímia, uma relação parte/todo.

Exemplos:

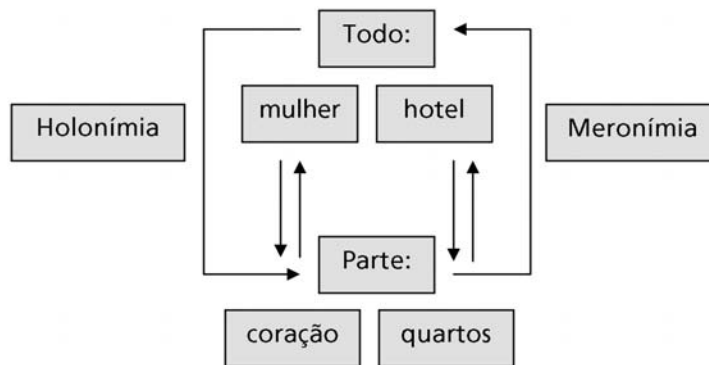
Um *coração* solidário que se compadecia dos mais fracos. Madre Teresa de Calcutá foi uma *mulher* inesquecível.

O “coração (solidário)” é parte da “mulher (inesquecível)”: relação de *meronímia*.

Ou, ainda:

O *hotel* foi todo reformado. Os *quartos* foram redecorados.

A relação entre “hotel” (todo) e “quartos” (parte) configura um caso de *holonímia*.



**Figura 9.5:** Todo (holonímia) e partes (meronímia).

Agora, faremos uma atividade a fim de que você identifique os tipos de coesão lexical e diferencie os mecanismos de substituição.



### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 3 e 4

2. Todos os seres do mundo têm um nome e fazem parte de determinadas classes. As palavras que dão nome a essas classes são chamadas de hiperônimos e os seus elementos, de hipônimos. Assim:

Hiperônimos são palavras em seu sentido amplo, geral. Ex.: “fruta” é hiperônimo de “abacaxi”.

Hipônimos são palavras que se relacionam pelo sentido dentro de um conjunto, ligando-se por afinidades ou por um ser parte do outro. Ex.: “violeta” é hipônimo de “flor”.



René de Cock

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/781413>



Ilker

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1228378>

2.1. Agora, pense em um hiperônimo que substitua as palavras destacadas com *itálico* nas frases a seguir:

a) Um *soldado da marinha* dirigia em alta velocidade, quando um policial o parou. O \_\_\_\_\_ justificou-se, dizendo que estava atrasado.

b) O *secretário* foi afastado do cargo, assim como todos os demais \_\_\_\_\_ da empresa.

c) Uma *palmeira* do Jardim Botânico tombou na noite de terça-feira. Como todas as demais \_\_\_\_\_, foi atacada por um fungo de origem desconhecida.

d) Quando faltou luz, tirei da tomada a *geladeira*, o *freezer*, a *máquina de lavar* e a *televisão*. Fiquei com medo de que a volta brusca da energia elétrica queimasse esses \_\_\_\_\_.

2.2. No dia a dia, você deve utilizar várias vezes a palavra *coisa*: “Pegue aquela coisa ali para mim?”, “Trouxe a coisa que você pediu”, “Já guardei as minhas coisas”...

"C O I S A"



Svilen Milev

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1009933>

"O que é uma coisa?"



Kristal Lindo

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/193044>

A palavra *coisa* também é um hiperônimo, pois tem um sentido geral. Nas frases a seguir, substitua essa palavra por um hipônimo, ou seja, por uma palavra de valor mais específico, fazendo as adaptações necessárias:

a) Passar roupa é uma *coisa* estressante.

---

b) Não foi à aula por uma série de *coisas*.

---

c) Já arrumei as minhas *coisas* para a mudança.

---

d) Trouxe da viagem muitas *coisas* para todos.

---

e) A revista publicou algumas *coisas* sem autorização.

---

f) A honestidade é *coisa* rara.

---

2.3. Em uma atividade, pedia-se que o aluno completasse os pares de palavras, prestando atenção na relação que era estabelecida.

a) assento – cadeira

b) \_\_\_\_\_/sistema respiratório

c) \_\_\_\_\_/banheiro

d) \_\_\_\_\_/carboidratos

Com essa atividade, o professor queria que, na primeira coluna, os alunos estabelecessem uma relação de holonímia ou meronímia? Justifique.

---

---

---

---

---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

2.

2.1. Na letra (a), você deve ter pensado em militar, motorista e, até mesmo, homem. Todas essas palavras poderiam ser utilizadas. Na letra (b), você poderia ter completado com a palavra funcionário, pois essa palavra engloba todas as pessoas que trabalham em uma empresa. Na letra (c), a palavra árvore é o hiperônimo que dá nome aos seres dessa mesma espécie: palmeira, figueira, cedro... E, na letra (d), todos os elementos citados são chamados de eletrodomésticos. Você também poderia ter utilizado a palavra aparelhos.

2.2. Você poderia substituir a palavra “coisa” nas frases da seguinte forma:

- a) Passar roupa é uma tarefa/atividade/um trabalho estressante.
- b) Não foi à aula por uma série de problemas/razões/dificuldades.
- c) Já arrumei os meus pertences para a mudança.
- d) Trouxe da viagem muitas lembranças/muitos presentes para todos.
- e) A revista publicou algumas matérias/notícias/fotos/alguns assuntos sem autorização.
- f) A honestidade é qualidade/característica rara.

2.3. Nessa atividade, o professor queria que, ao completar a primeira coluna, os alunos estabelecessem uma relação de meronímia, ou seja, da parte para o todo, como estabelecido na letra (a): o “assento” é parte da “cadeira”. Assim, em (b), o aluno poderia completar com: pulmão, brônquios, bronquíolos, alvéolos ou outro órgão do sistema respiratório; em (c), com vaso sanitário, pia, chuveiro ou outro elemento de um banheiro; e, por último, em (d), pão, massas, batatas etc.

## Informações suplementares e renomeações na substituição

A coesão lexical, por meio de seus mecanismos de substituição, pode trazer informações suplementares acerca dos itens lexicais que se vão substituindo no desenvolvimento temático do enunciado, criando, assim, uma fonte extra de informação.

A esse respeito, vejamos o exemplo seguinte:

Há mais ou menos dois anos, durante as filmagens da série *Amazônia*, da Rede Globo, os atores Cristiane Torloni e Victor Fasano, sensibilizados com os *problemas da Amazônia*, decidiram dar início a um projeto em prol da floresta – o “Amazônia para sempre”. Conscientes do nível atingido pelo *desmatamento da floresta amazônica*, pretendem sensibilizar os brasileiros não só sobre a importância da preservação das matas, como também sobre a *real situação da floresta*, a qual já apresenta *níveis preocupantes de devastação do ecossistema*.

Na terceira linha do texto, temos a informação de que existem “problemas” na Amazônia. Por meio da coesão lexical e como um canal extra de informação, esses “problemas” (o item lexical “problemas” funciona como um hiperônimo) vão sendo revelados, à medida que o texto evolui. Assim, as expressões linguísticas “desmatamento da floresta amazônica”, “real situação da floresta”, “níveis preocupantes de devastação do ecossistema” acrescentam, como *hipônimos*, dados novos à informação anterior.

Devemos destacar, ainda, que a substituição de itens lexicais possibilita renomeações dos referentes, ao se acrescentarem novos dados à sua descrição.

Observemos o exemplo seguinte:

*Uma jovem* suspeita de desviar uma linha telefônica foi interrogada, ontem, pela polícia. *A tagarela* utilizou a linha dos vizinhos para fazer ligações internacionais. Após o interrogatório, ela deixou a delegacia de polícia, xingando os repórteres que registravam o acontecimento. *A barraqueira* foi vaiada por um grupo de pessoas que estava à porta da delegacia.

Como vimos, o texto “progride”, evolui ao se acrescentarem novas informações à descrição da personagem (*Uma jovem/ a tagarela/ a barraqueira*), permitindo ao leitor uma compreensão mais afinada à real intenção do locutor.



Se você quiser saber mais sobre renomeações na substituição, você pode acessar o link <http://www.filologia.org.br/xicnlf/8/Cad08%20XICNLF.pdf> e ler o seguinte trabalho: “Nomear/qualificar: substantivos e adjetivos em perspectiva discursiva” (pp. 106 a 116), da professora Rosane Monnerat. Nesse trabalho, inclusive, há um texto interessantíssimo chamado “O Simpático”, de Sílvio Lach (publicado na revista *Domingo/IB*, de 25 de fevereiro de 2007).

## CONCLUSÃO

Um texto não é formado apenas de palavras e frases arrumadas em sequência. Há, no texto, elementos que têm a função de estabelecer ligações entre as palavras para que o mesmo faça sentido. Tais elementos fazem parte da gramática ou do léxico de uma língua.

Na aula de hoje, estudamos a coesão lexical, que é obtida pelas relações de sinônimos, hiperônimos, nomes genéricos etc. As repetições, ligadas à continuidade do texto, são, portanto, mais que meras retomadas, pois ensejam, quase sempre, acréscimos ou ampliações de algo previamente introduzido.

Quem produz um texto deve administrar essa espécie de equilíbrio da informação, de forma a promover a necessária harmonia entre *o mesmo* e *o novo* ativados pelos enunciados.

Antes de encerrarmos esta aula, faremos mais uma atividade, a fim de que você fixe os conceitos trabalhados.

## ATIVIDADES FINAIS

### Atendem ao Objetivo 5

Para fazer esta atividade, você precisa acessar o link <http://recantodasletras.uol.com.br/teorialiteraria/1967342>, para ler na íntegra o poema “Balada do amor através das idades”. Ao fazer isso, procure observar a caracterização dos personagens de acordo com a passagem do tempo.

A seguir, reproduzimos somente a primeira estrofe do poema:

#### Balada do amor através das idades

Eu te gosto, você me gosta  
desde tempos imemoriais.  
Eu era grego, você troiana,  
troiana mas não Helena.  
Saí do cavalo de pau  
para matar seu irmão.  
Matei, brigamos, morremos.  
(...)

(ANDRADE, 1969, p. 22.)

Nesse poema, um homem e uma mulher apaixonados encontram vários obstáculos para a realização do amor. Em tempos mais amenos, acontece a realização parcial desse amor; porém, os jovens não podem viver juntos. Só na última estrofe, ocorre, de fato, uma alteração na estrutura narrativa do poema: o amor parece realizar-se.

Os personagens no poema de Drummond passam por renomeações, ou seja, recebem diferentes denominações. Essas renomeações, em sequência, constituem as chamadas “cadeias lexicais” e é por meio delas que a identidade dos personagens é construída.

1. Identifique, agora, as renomeações por que passam os personagens do texto, isto é, os nomes que recategorizam o homem e a mulher do texto:

a) o homem: grego...

---

---

---

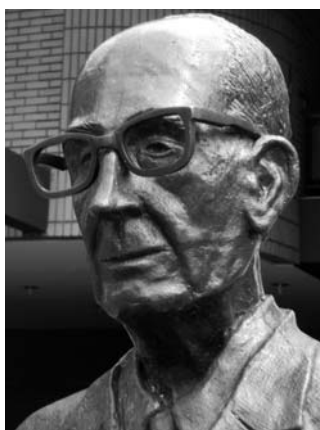
b) a mulher: troiana...

---

---

---

2. O poema “Balada do amor através das idades” foi escrito por Carlos Drummond de Andrade. A seguir, sintetizamos alguns dados da vida desse grande escritor. Nos espaços em branco, complete com uma palavra ou expressão que faça referência ao poeta.



**Figura 9.6:** Carlos Drummond de Andrade.

Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carlos\\_Drummond\\_de\\_Andrade,\\_kapo.jpg](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ficheiro:Carlos_Drummond_de_Andrade,_kapo.jpg)

*Carlos Drummond de Andrade* nasceu em Minas Gerais, em uma cidade cuja memória viria a permear parte de sua obra, Itabira. Posteriormente, foi estudar em Belo Horizonte e Nova Friburgo, com os jesuítas, no Colégio Anchieta. Formado em farmácia, com Emílio Moura e outros companheiros, \_\_\_\_\_ fundou *A revista*, para divulgar o modernismo no Brasil. Durante a maior parte da vida, \_\_\_\_\_ foi funcionário público, embora tenha começado a escrever cedo e prosseguido até seu falecimento, que se deu em 1987, no Rio de Janeiro, doze dias após a morte de sua única filha, a escritora Maria Julieta Drummond de Andrade. Além de poesia, \_\_\_\_\_ produziu livros infantis, contos e crônicas.

(Texto adaptado. Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos\\_Drummond\\_de\\_Andrade](http://pt.wikipedia.org/wiki/Carlos_Drummond_de_Andrade))

**RESPOSTA COMENTADA**

1.

a) O homem é grego (1ª estrofe), soldado romano e perseguidor de cristãos (2ª estrofe), pirata mouro (3ª estrofe), cortesão de Versailles (4ª estrofe), moço moderno e herói da Paramount (5ª estrofe).

b) A mulher é troiana (1ª estrofe), freira (4ª estrofe) e loira notável (5ª estrofe). Além dessas renomeações explícitas, na 3ª estrofe subentende-se que a mulher é não-moura ("Depois fui pirata mouro,/...)/Toquei fogo na fragata/onde você se escondia") e cristã ("você fez o sinal-da-cruz").

2. Algumas sugestões para a renomeação do poeta Carlos Drummond de Andrade: o escritor/Drummond/o poeta modernista/o poeta de Itabira/o prosador...



Se você quiser saber um pouco da história contada por meio dos versos desse poema de Carlos Drummond de Andrade, vale a pena ler o trabalho "A intertextualidade em 'Balada do amor através das idades'", disponível na internet em [http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2006\\_g/textos/36.htm](http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2006_g/textos/36.htm)

**RESUMO**

A coesão lexical relaciona os mecanismos lexicais que se configuram pela contiguidade semântica das unidades linguísticas caracterizadas tanto pela copresença de traços semânticos (parcial ou totalmente), quanto pela oposição desses traços semânticos. Realiza-se por meio dos mecanismos de REITERAÇÃO (repetição do item lexical) e de SUBSTITUIÇÃO (troca de um item lexical por outro). A substituição se faz pela sinonímia/antonímia; hiperonímia/hiponímia; holonímia/meronímia. Na sinonímia, há substituição de expressões que compartilham os mesmos traços semânticos; na antonímia, ao contrário, as expressões se relacionam opostamente; na hiperonímia, a primeira expressão mantém com a segunda uma relação classe/elemento; na hiponímia, a relação é inversa; e, finalmente, na holonímia, mantém-se uma relação todo/parte entre a primeira e a segunda expressão e, na meronímia, uma relação parte/todo. A substituição de itens lexicais possibilita renomeações dos referentes, ao se acrescentarem novos dados à sua descrição.



## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, começaremos a estudar os mecanismos da “coerência”, um fator de textualidade também centrado no texto. Até lá!

## LEITURAS RECOMENDADAS

KOCH, Ingedore V.; ELIAS, Vanda. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

ANDRADE, Carlos Drumond de. Balada do amor através das idades. 9 dez. 2008. Disponível em: <<http://www.citador.pt/poemas.php?op=10&refid=200809120218>>. Acesso em: 26 jan. 2011.

LEITE, Suely. A intertextualidade em "Balada do amor através das idades". Disponível em: <[http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2006\\_g/textos/36.htm](http://www.faccar.com.br/desletras/hist/2006_g/textos/36.htm)>. Acesso em: 26 jan. 2011.

MONERRAT, Rosane. “Nomear / qualificar: substantivos e adjetivos em perspectiva discursiva”. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xicnlf/8/Cad08%20XICNLF.pdf>. Acesso em: 26 jan. 2011.

# Que é um texto coerente?

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

AULA

10

## Meta da aula

Apresentar a coerência como fator de interpretabilidade do texto.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a coerência como fator de unidade do texto, sempre ancorada à situação comunicativa;
2. distinguir os fatores por meio dos quais a coerência é construída;
3. identificar as metarregras da coerência como fatores responsáveis pela progressão textual;
4. distinguir as diferentes situações em que ocorre a coerência.

## INTRODUÇÃO

Como vimos na Aula 2, são fatores da textualidade: a coerência, a coesão e a informatividade (centrados no texto), a intencionalidade e a aceitabilidade (centrados nos interlocutores) e a situacionalidade e a intertextualidade (centrados no contexto). Desses fatores, só falta falarmos sobre a coerência.

Você deve-se lembrar de que nos referimos, nas aulas anteriores, tanto à coesão quanto à coerência como fatores de CONECTIVIDADE, mas com uma diferença: a coesão é a CONECTIVIDADE SEQUENCIAL e a coerência, a CONECTIVIDADE CONCEITUAL.

Por que *conectividade*?

Porque há conexão (ligação) não só de estruturas linguísticas – palavras, orações, frases –, o que representa a coesão textual, ou conectividade sequencial (conexão na superfície do texto), como também há conexão de ideias (conexão conceitual), o que representa a *conectividade* conceitual, que caracteriza a *coerência*.

Mas como perceber a coerência num texto?

Percebemos a coerência de um texto se conseguimos entendê-lo, interpretá-lo. Portanto, estudar a coerência de um texto é estudar as condições de sua interpretabilidade.

## COERÊNCIA TEXTUAL

A coerência textual (ou conectividade conceitual) é considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto. Envolve não só aspectos lógicos e semânticos, mas também cognitivos, na medida em que depende do “partilhar” de conhecimentos entre os interlocutores. O texto é, então, compreendido como um conjunto harmônico, cujas partes se completam, sem que haja nada ilógico, contraditório.

A coerência de um texto depende ainda do contexto, da situação comunicativa em que está inserido.

O professor Luiz Antônio Marcuschi (1983) considera os “fatores de contextualização” – como data, local, assinatura, elementos gráficos etc., que “ancoram” um texto numa dada situação comunicativa – como elementos que também auxiliam na coerência do texto.

Para você entender melhor a importância dos fatores de contextualização no estabelecimento da coerência, vamos dar um exemplo.

Imagine o texto seguinte, com duas contextualizações diferentes:

CONVITE

*Estão todos convidados para o enforcamento de Saddam Hussein.*

1ª assinatura: Autoridades iraquianas, Iraque, 2006.

CONVITE

*Estão todos convidados para o enforcamento de Saddam Hussein.*

2ª assinatura: Turma do bar X, da Rua Y, Rio de Janeiro, 2009.

O conhecimento de mundo e o conhecimento compartilhado tornam coerente a primeira contextualização: “*CONVITE Estão todos convidados para o enforcamento de Saddam Hussein*. 1ª assinatura: Autoridades iraquianas, Iraque, 2006.”

Mas, sem uma explicação prévia, você seria capaz de entender a segunda contextualização? “*CONVITE Estão todos convidados para o enforcamento de Saddam Hussein*. 2ª assinatura: Turma do bar X, da Rua Y, Rio de Janeiro, 2009.”

Você deve ter achado que o convite com a segunda assinatura é incoerente, sem a articulação com um contexto preciso. Dessa forma, podemos perceber, com clareza, a importância dos *fatores de contextualização* para o entendimento do “convite”.

No primeiro caso, teríamos o convite um tanto tenebroso para um acontecimento que marcou a história do mundo – o enforcamento do ditador iraquiano; no segundo caso, haveria necessidade do *conhecimento compartilhado* entre os interlocutores para a identificação da sequência linguística.

Vamos, então, entender o contexto em que se insere o segundo convite:

Saddam Hussein é um cachorrinho de rua, adotado pelos frequentadores do bar X, na rua Y, no Rio de Janeiro. A turma do bar arranhou uma noiva, uma cadelinha para Saddam, e tudo é motivo para uma cerveja, uma comemoração. O “enforcamento” é, então, o casamento de Saddam com a cadelinha. É comum, em linguagem coloquial, referir-se a “casamento” como “forca”, “enforcamento”.

Agora que você já sabe o que é coerência e a importância da contextualização, vamos fazer a primeira atividade da aula.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

1. Imagine o texto a seguir, falado por meninas de idades diferentes – uma de 26 anos e a outra de apenas 10 – para a mãe:

– Mãe, vou me casar! Preciso que você providencie o meu vestido de noiva. O noivo já alugou a roupa. Vestirá um *smoking* preto lindo! Já convidei alguns amigos. Falta ver se você e o papai também vão querer convidar mais alguém.

RESPOSTA DA MÃE PARA A FILHA DE 26 ANOS:

– Você devia ter avisado antes. Eu e o seu pai teríamos mais tempo com os preparativos... Mas tudo bem! Vamos correr contra o tempo!

RESPOSTA DA MÃE PARA A FILHA DE 10 ANOS:

– Você só fala besteiras...



Sem dúvida, o conhecimento de mundo e o conhecimento compartilhado tornam coerente uma jovem de 26 anos dizer para a mãe que vai-se casar. Observe que a mãe nem se espantou. Concordou, com naturalidade, e só reclamou do pouco tempo que restava para preparar o casamento. O mesmo não aconteceu quando a resposta foi para a menina de 10 anos. Sem uma explicação prévia, você acha que a mãe entendeu a fala da filha de apenas 10 anos? Por quê? Que situação comunicativa tornaria a fala da menina de 10 anos coerente?

---

---

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

*Você deve ter achado que a fala da menina de 10 anos é incoerente, ou seja, que ela está brincando. Assim, o texto – a fala da menina – exemplifica bem que, em uma situação de comunicação, cada um dos interlocutores traz consigo uma bagagem cultural. No diálogo, a mãe contextualizou a fala da filha, tendo por base um modelo construído socialmente sobre casamento. Porém, se pensarmos em festa junina, por exemplo, a fala da menina de 10 anos é coerente.*

Essa situação de comunicação foi pensada a partir de um texto muito interessante extraído da Folhinha – suplemento da *Folha de S. Paulo*, de 21 de maio de 2005.

A seguir, reproduzimos alguns trechos:

**Conversa de mãe e filha**

– Manhê, eu vou me casar.

– Ah? O que foi? Agora não, Anabela. Não está vendo que eu estou no telefone?

– Por favor, por favooooooooor, me faz um lindo vestido de noiva, urgente?

(...)

– Mãe, presta atenção! O noivo já foi escolhido e a mãe dele já está fazendo a roupa. Com gravata e tudo!

– Só um minutinho, Carol. Vestido de... casar?! O que é isso, menina, você só tem dez anos. Alô, Carol?

– Me ouve, mãe! Os meus amigos também já foram convidados! E todos já confirmaram presença.

– Carol, tenho de desligar. Você está louca, Anabela? Vou já telefonar para o seu pai.

– Boa! Diz para ele que depois vai ter a maior festa. Ele precisa providenciar pipoca, bolo de aipim, pé de moleque, canjica, curau, milho na brasa, guaraná, quentão e, se puder, churrasco no espeto e cuscuz. E diz para ele não esquecer: quero fogueira e muito rojão pra soltar na hora do: “Sim, eu aceito”. Mãe? Mãe? Manhêêê!!! Caiu pra trás!

Vinte minutos depois.

– Acorda, mãe...

– Desculpa, eu me enganei, a escola vai providenciar os comes e bebes. O papai não vai ter de pagar nada, mãe, acoooooorda. Ô vida! Que noiva sofre eu já sabia. Mas até noiva de quadrilha?! (BRAS; BRAS, 2005, F8).

## Fatores de coerência

Segundo Koch e Travaglia (2002), a construção da coerência decorre de fatores de natureza distinta, como processos discursivos, cognitivos e culturais. Dentre esses fatores, destacam-se:

a) os *elementos linguísticos*, que dizem respeito não só à ordem de apresentação desses elementos, ao modo como se interrelacionam e às marcas para veicular os sentidos, bem como aos mecanismos que permitem retomar coisas já ditas, ou apontar para o que ainda vai ser mencionado. São importantes pistas para a ativação dos conhecimentos armazenados, considerados ponto de partida para as inferências;

Podemos observar que esses “elementos linguísticos”, de que falam Koch e Travaglia, apontam para o que estudamos como *coesão textual*, o que leva a crer que, para esses autores, a coesão seria um dos aspectos responsáveis pela coerência global do texto.

b) o *conhecimento de mundo*, que é adquirido, à medida que tomamos contato com o mundo que nos cerca. Como já sabemos, são armazenados em blocos semânticos, isto é, conjuntos significativos de informações, chamados *modelos cognitivos*, dentre os quais podemos citar:

(I) os *frames*: conjunto de conhecimentos armazenados na memória sob certo rótulo, porém sem ordenação;

(II) os *esquemas*: conjunto de conhecimentos armazenados em sequência temporal ou causal;

(III) os *planos*: conjunto de conhecimentos sobre como agir para atingir determinado objetivo;

(IV) os *scripts*: conjunto de conhecimentos sobre modos de agir estereotipados em dada cultura;

(V) as *superestruturas ou esquemas textuais*: conjunto de conhecimentos sobre os diversos tipos de textos adquiridos à proporção que se vai travando contato com eles, comparando-os;

c) o *conhecimento compartilhado*, que é armazenado conforme as experiências pessoais, formado por informações *velhas* (ou dadas) e *novas* (trazidas pelo texto);

d) as *inferências*, que ocorrem quando o leitor busca, fora do texto, informações e conhecimentos adquiridos por experiências pessoais;

e) *fatores de contextualização*, que ancoram o texto em uma situação comunicativa determinada. Podem ser de dois tipos: contextualizadores propriamente ditos (data, local, assinatura, elementos gráficos) e perspectivas (autor, título, início do texto);

É interessante comentar como os “contextualizadores perspectivos” auxiliam no estabelecimento da coerência.

Por exemplo, em relação ao autor, se antes de ler um texto, você olhar quem o escreveu e se você conhecer o autor, já poderá fazer uma estimativa do tipo de texto que tem em mãos. Se eu vou ler uma crônica de João Soares, por exemplo, já tenho a indicação de que haverá algum tipo de humor ou brincadeira no texto.

O mesmo ocorre em relação à maneira como um texto começa. Se o início do texto se apresenta como: “Era uma vez...”, já saberei, de antemão, que se trata de uma história, uma narrativa.



f) a *situacionalidade*, que pode atuar em duas direções: da situação para o texto (em que medida a situação comunicativa interfere na produção/recepção do texto) e do texto para a situação (o texto tem reflexos sobre a situação comunicativa, já que o mundo textual não é uma cópia fiel do mundo real);

g) a *informatividade*, que diz respeito ao grau de previsibilidade ou expectabilidade da informação veiculada pelo texto;

h) a *focalização*, que se refere ao foco de concentração dos usuários;

i) a *intertextualidade*, que é o recurso a outros textos para o processamento cognitivo (produção/recepção do texto). Pode ser de conteúdo ou de forma. Dizemos que a intertextualidade é de *conteúdo* quando, por exemplo, um texto faz referência a temas ou assuntos contidos em outros. Essas referências podem ser explícitas (com citações entre aspas, com ou sem indicação da fonte) ou implícitas (sem indicação da fonte, pois não se tem por objetivo identificar o texto em que consta a ideia original). Por outro lado, dizemos que a intertextualidade é de *forma* quando o autor “imita” a linguagem de outro texto ou o estilo de outro autor. Você já deve ter visto, por exemplo, publicidades que aparecem em forma de receita culinária, bula de remédio... São exemplos de intertextualidade de forma;

j) a *intencionalidade e a aceitabilidade*, relacionadas, respectivamente, ao locutor/produtor e ao interlocutor/receptor do texto;

l) e, por último, a *consistência* (com relação a enunciados anteriores) e a *relevância* (com referência ao **TÓPICO DISCURSIVO SUBJACENTE**).

Na verdade, você já conhece quase todos esses fatores, pelo menos, os sete apresentados como “fatores pragmáticos da textualidade” por Beaugrande e Dressler (1981), vistos na Aula 2: coesão, coerência, informatividade, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade e intertextualidade. Você talvez ainda não tenha ouvido falar nas inferências, na focalização, na consistência e na relevância.

Vamos tratar das *inferências*, que são conteúdos não explícitos na superfície textual, na Aula 12 e, agora, pretendemos falar um pouco mais sobre esses outros fatores que apareceram pela primeira vez e que, portanto, você ainda não conhece muito bem.

**TÓPICO DISCURSIVO SUBJACENTE**

Enunciados ou porções do texto que abordam o mesmo tema.

## Focalização, consistência e relevância

A *focalização*, a *consistência* e a *relevância* são fatores muito importantes para o estabelecimento da coerência no texto.

A *focalização* corresponde à concentração num determinado tópico por parte dos interlocutores, isto é, diz respeito à perspectiva ou ponto de vista a partir do qual é visto o mundo textual. O produtor fornece ao receptor pistas do que está focalizando, e o receptor, apoiado em conhecimentos partilhados, deverá perceber o foco do que está sendo tratado. É o conhecido *viés*, por meio do qual fatos e detalhes são enfatizados num texto.

Quando pedimos, por exemplo, a um aluno para delimitar o tema e os objetivos da redação que vai fazer, na verdade, estamos levando-o a *focalizar* o tema de uma determinada perspectiva. Diferenças de focalização podem acarretar problemas de compreensão.

Um exemplo bastante claro para evidenciar a focalização é o emprego das chamadas *expressões nominais definidas*, ou seja, aquelas introduzidas por artigos definidos ou pronomes demonstrativos. Essas expressões selecionam as características do referente que queremos destacar: “*essa* aluna”; “*a* melhor aluna” etc.

A *consistência* determina que cada enunciado de um texto seja consistente em relação aos anteriores, ou seja, não contraditório dentro do mundo representado no texto.

A *relevância* exige que os enunciados que compõem o texto digam respeito ao mesmo tema subjacente.

Vejamos um exemplo de texto inconsistente e irrelevante:

O garoto já tinha estudado toda a matéria para a prova, e, quando a professora entrou na sala, ainda estava estudando.  
(?) E a viagem de férias foi adiada para o final do ano.

O texto acima é incoerente por lhe faltar *consistência*: apresenta o processo verbal como acabado e não acabado ao mesmo tempo, o que não é viável. E é irrelevante porque não há uma continuidade temática: fala-se de estudar para prova e, sem nenhuma contextualização, introduz-se um novo tópico discursivo – viagem – estranho ao texto.

Assim, quando redigimos ou lemos um texto, não podemos perder de vista o foco do texto, ou seja, o que é relevante para a decodificação da mensagem. Além disso, devemos observar se as ideias e os conceitos se constroem harmoniosamente, se têm consistência em relação ao que foi dito antes e se são relevantes, também, em relação às informações que não estão explicitadas no texto.

Para você entender melhor esses conceitos, veja mais este exemplo:

*A cerimônia estava marcada para o final da tarde. A igreja ficava no centro da cidade e a noiva havia prometido não chegar atrasada.*

Como você pode observar, as informações são consistentes no mundo representado pelo texto, e as ideias vão sendo construídas harmoniosamente, em relação não só ao que está explicitado, como também ao que não precisa ser explicitado e que é depreendido pelo conhecimento de mundo do interlocutor: trata-se de um casamento.

Tudo isso deve ser levado em conta para a apreensão do sentido global de um texto.

Finalmente, é importante destacar que, para Koch e Travaglia (diferente de Beaugrande e Dressler), todos os fatores articulam-se à construção da *coerência*, que será considerada, dessa forma, o centro da *textualidade*.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

2. Para realizar esta atividade, pedimos que você acesse o link <http://muitaprosa.blogspot.com/2006/10/aquele-casal-carlos-drummond-de.html>. Nele você poderá ler o ótimo texto “Aquele Casal”, de Carlos Drummond de Andrade.

Após ler o texto, responda as perguntas que se seguem:

1- Pelo desenrolar do texto, ou seja, pela atenção (focalização) que é dada às ações da Elsa sob o ponto de vista do marido, o leitor é levado a construir uma imagem da mulher. Qual é essa imagem?

---

---

---

---

---

2- No último parágrafo do texto, o narrador dá uma informação muito relevante, que muda completamente o entendimento do texto:

(...) "Esquecia-me de dizer que meu amigo tem 82 anos, e Dona Elsa, 79."

O que fica subentendido nessa narração final?

---

---

---

---

---

3- Em qual momento da narrativa, um dos personagens tenta, explicitamente, mudar o foco da conversa?

---

---

---

---

---

4- Durante todo o texto, um dos personagens – o marido – tenta convencer o amigo de que a mulher está estranha. Logo no início, ele diz: "A Elsa parece uma menina de quinze anos. Ficou com os movimentos mais leves, um ar desembaraçado que ela não tinha, e que não vai bem com uma senhora casada." Dentre os fatores de coerência – focalização, consistência e relevância –, qual deles falta ao argumento do marido em relação à caracterização da mulher? Por quê?

---

---

---

---

---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

1- Ao longo do texto, o marido de Dona Elsa tenta provar ao amigo as razões de sua desconfiança, relatando e comentando, segundo seu ponto de vista, as atitudes, as maneiras e os gestos atuais de sua mulher. Assim, o leitor é levado não só a acreditar que Dona Elsa está traindo o marido, como também a formar uma imagem de mulher falsa, traidora.

2- As descrições das atitudes, gestos e maneiras da Dona Elsa levam o leitor a construir uma imagem equivocada da mulher. Somente no último parágrafo é que o autor dá ao leitor condição de identificar adequadamente o referente, o que altera a focalização que vinha sendo feita até então, levando-o a encarar de um modo novo tudo o que o marido dissera anteriormente sobre Dona Elsa. Evidentemente, Drummond usa o desvio de focalização para produzir um texto com quebra de expectativa e provocar o humor.

3- No penúltimo parágrafo do texto, quando o marido diz: "(...) Vamos mudar de assunto que ela vem chegando." Porém, tomado pelo ciúme doentio, não consegue mudar de assunto e faz mais uma afirmação sobre a mulher: "Mas repare só que os olhos de Capitu que ela tem, eu nunca havia reparado nisso!" Capitu, citada pelo marido, é personagem do romance "Dom Casmurro", de Machado de Assis. Nesse romance, protagonizado por Capitu e Bentinho, o narrador constrói uma narrativa ambígua por natureza, fazendo com que o leitor ora duvide, ora acredite na inocência de Capitu, acusada, também, de adultério pelo marido, ex-seminarista e advogado.

4- No argumento do marido, falta consistência, porque "ficar com movimentos mais leves, um ar desembaraçado" não torna uma pessoa estranha. Além disso, independente da idade ou do estado civil, uma mulher pode ser delicada e decidida. Tais características não são exclusivas e nem sempre estão presentes, por exemplo, em uma pessoa de 15 anos.

Muitos linguistas têm-se dedicado ao estudo da coerência. Dentre esses, um francês, chamado Michel Charolles, estabeleceu quatro princípios fundamentais, indispensáveis à coerência textual e responsáveis pela progressão textual.

### **As metarregras da coerência**

Para Charolles, um texto coerente e coeso satisfaz a quatro requisitos ou, como chama o autor, metarregras: a repetição, a progressão, a não contradição e a relação.

Vamos ver o que significa cada metarregra?

*Metarregra da repetição:* um texto coerente deve ter elementos repetidos.

*Metarregra da progressão:* um texto coerente deve apresentar contribuição semântica constantemente renovada.

*Metarregra da não contradição:* em um texto coerente, não se contradiz o que já se disse antes ou o que ficou pressuposto.

*Metarregra da relação:* em um texto coerente, o conteúdo deve estar adequado a um estado de coisas no mundo real ou em mundos possíveis.

Caberia, aqui, um comentário em relação à *metarregra de repetição*, pois você poderia perguntar: não acabamos de estudar que as repetições devem ser evitadas?

A repetição, no caso da *metarregra*, deve ser considerada como retomada do que foi dito (a informação velha, *dada*) para impulsionar o que ainda vai ser dito (a informação nova). Esse movimento vai gerar a segunda *metarregra*, a da *progressão*.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 3

3. Os textos que se seguem contrariam *metarregras* de coerência. Identifique as falhas.

Texto 1:

Muitas crianças hoje em dia passam a maior parte do tempo na frente de um computador. As crianças ficam o dia inteiro jogando no computador. Não fazem outra coisa a não ser olhar a tela do computador. As atividades de brincar ou de estudar ficam em segundo plano.



Michał Zacharzewski

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/893839>

Texto 2:

Sáímos cedo para ver o *show*. O auditório já estava lotado e tivemos de nos contentar a assistir ao *show* de pé. Havia muitas pessoas na minha frente e algumas subiam em cima de banquinhos que haviam levado de casa. Não dava para ver quase nada. Mas o *show* foi um espetáculo! A banda tocava todas as músicas conhecidas e nós cantamos o tempo todo! Não perdi um detalhe sequer do que se passava no palco!



Julie Elliott-Abshire

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/156272>

---

---

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

*O texto 1 desrespeita a metarregra da progressão. Corresponde ao que se chama de “texto circular”, isto é, é um texto que não progride, insiste nas mesmas ideias.*

*O texto 2 contraria a metarregra da não contradição, porque o narrador diz que não conseguia ver nada do show e termina dizendo que não perdeu nenhum detalhe!*

Agora que já vimos quais requisitos básicos um texto precisa ter para ser coerente, estudaremos os tipos de coerência.

## Tipos de coerência

A coerência pode ser analisada sob vários ângulos. Podemos falar em *coerência narrativa*, *coerência figurativa*, *coerência temporal*, *coerência argumentativa*, *coerência espacial* e *coerência no nível da linguagem*.

Vejam como isso funciona:

A *coerência narrativa* ocorre quando é respeitada a organização lógica entre as partes da narrativa e as ações dos personagens. Por exemplo, o que é posterior depende do que é anterior.

A *coerência figurativa* ocorre quando há uma articulação entre os elementos de um mesmo *frame*. Por exemplo, se quisermos mostrar uma festa de Natal, não cabem figuras relativas a uma festa de casamento. Mas devemos prestar atenção para o fato de que pode haver uma incompatibilidade intencional, acarretando uma ruptura num padrão convencional. Isso se justifica quando a intenção é o humor, a piada, ou a ironia.

A *coerência temporal* ocorre quando há compatibilidade entre os enunciados do texto, com base na localização temporal. Por exemplo: “Montou a cavalo e saiu a galope.”

A *coerência argumentativa* ocorre quando há relação entre afirmações colocadas no texto e suas consequências. Por exemplo, se uma pessoa diz que é contra a pena de morte e depois afirma que “bandido bom é bandido morto”, a sua argumentação não é válida.

A *coerência espacial* ocorre quando há compatibilidade entre os enunciados do ponto de vista da localização no espaço.

A *coerência no nível da linguagem* ocorre quando há compatibilidade em relação à variante linguística escolhida. Por exemplo, seria incoerente usar uma linguagem informal num texto que exigisse a variante formal.

Qualquer um dos aspectos da coerência que acabamos de analisar deve estar relacionado, de maneira geral, a dois níveis: o da *coerência intratextual* (que diz respeito à relação de compatibilidade entre os enunciados do texto) e o da *coerência extratextual* (relativa à adequação do texto ao que lhe é exterior). Esta última concerne ao nosso conhecimento de mundo (repertório).



Antes de terminar esta aula, é importante lembrar que um texto pode-se apresentar como incoerente em uma determinada situação e, ao contrário, ser coerente numa outra situação. Falaremos mais sobre isso na próxima aula.

## CONCLUSÃO

Você deve ter percebido que, nem sempre, à primeira vista, um texto é coerente. Você precisa ativar conhecimentos de mundo, da situação de comunicação, fazer cálculos, levantar hipóteses... enfim, tentar construir um sentido para o texto.

Porém, às vezes, por mais que você tente, o texto não se mostra coerente. Nesse caso, com certeza, não se trata de um recurso utilizado pelo produtor do texto, mas de uma transgressão aos fatores da textualidade.

## ATIVIDADES FINAIS

### Atendem aos Objetivos 1, 2 e 4

O texto a seguir foi publicado no jornal *O Globo*, de 14 de outubro de 1994, sob a rubrica de resumo de filme:

#### Super-heróis

*Eu acuso (I accuse, the Dark Avenger, EUA, 1990, de Guy Magar)* – produção independente e baratinha na qual um juiz dado como morto esconde o rosto deformado sob uma máscara e torna-se um vingador. Imitação de *Darkman*, só que feita antes.

1- A redação dada ao texto acima apresenta uma incoerência em relação ao sentido. Explique em que consiste essa incoerência.

---

---

---

---

---

2- Às vezes, a “incoerência” é utilizada de forma intencional. Em um artigo, publicado em 23 de março de 1999 na *Folha de S. Paulo*, Carlos Heitor Cony transcreve um manual de “Sobrevivência na selva”, escrito pelo jornalista Leon Eliachar. Eis alguns mandamentos:

- 1) Não sair de casa;
- 2) Não ficar em casa;
- 3) Se sair, não sair sozinho, nem acompanhado;
- 4) Se sair sozinho ou acompanhado, não sair a pé nem de carro;
- 5) Se sair a pé, não andar devagar, nem depressa, nem parar;
- 6) Se sair de carro, não parar nas esquinas, nem no meio da rua, nem nas calçadas, nem nos sinais. Melhor deixar o carro na garagem e pegar uma condução;
- 7) Se pegar uma condução, não pegar ônibus, nem táxi, nem trem, nem carona;
- 8) Se decidir ficar em casa, não ficar sozinho nem acompanhado;
- 9) Se ficar sozinho ou acompanhado, não deixar a porta aberta nem fechada;
- 10) Como não adianta mudar de cidade ou de país, o único jeito é ficar no ar. Mas não num avião (CONY, 1999).

Segundo o colunista da *Folha de S. Paulo*, Carlos Heitor Cony, Leon não seguiu os conselhos que deu, pois foi assassinado no banheiro de seu apartamento. O caso dele teria sido passionai, já que se apaixonara por uma mulher casada. De qualquer forma, segundo o colunista, Leon poderia ter acrescentado um mandamento aos dez que inventou: “11) Não amar a mulher do próximo nem a própria.”

a) Os dez mandamentos criados pelo jornalista Leon Eliachar são incoerentes. Por quê?

---

---

---

---

---

b) A proposta de Leon Eliachar em “Sobrevivência na selva” é provocar humor, mostrando ao leitor, de forma mais descontraída, que não existe solução para o problema da violência nas grandes cidades. O 11º mandamento foi criado pelo colunista Carlos Heitor Cony. Esse mandamento é coerente em relação aos outros, ou seja, dá continuidade ao humor? É possível dizer que o texto é um exemplo de intertextualidade? Por quê?

---

---

---

---

c) Segundo Charolles, sempre que for possível construir um sentido para o texto, este será, em uma dada situação de comunicação, um texto coerente. Após a leitura dos dez mandamentos, é possível construir um sentido para o texto? Por quê?

---

---

---

---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

1- O filme *Eu acuso* só poderia ser uma imitação se tivesse sido feito após o filme *Darkman*. Assim, o texto “peca” em relação à coerência temporal.

2- a) Os dez mandamentos criados pelo jornalista Leon Eliachar são incoerentes porque são contraditórios. Um aconselha a não sair de casa; outro, a não ficar em casa; se sair, não sair sozinho, nem acompanhado; e, assim, os mandamentos vão sendo listados. A incoerência foi utilizada para produzir humor.

b) O mandamento criado pelo colunista Carlos Heitor Cony (“Não amar a mulher do próximo nem a própria.”) dá continuidade à proposta de construção de humor iniciada pelo jornalista Leon Eliachar. Seria mais fácil dizer: “Não ame uma mulher”. O texto também é intertextual (intertextualidade de forma), porque faz o leitor lembrar-se dos dez mandamentos bíblicos: “Não matarás, não adulterarás, ...”

c) Após a leitura dos dez mandamentos, é possível construir um sentido para o texto, porque a coerência se estabelece exatamente a partir do conjunto dos enunciados, propositalmente construídos sob o viés da incoerência. E é esse “conjunto incoerente” que dá unidade ao texto, construindo o humor. A leitura do texto permite construir um sentido: não há como a pessoa se livrar da violência, faça o que fizer. Assim, o texto é coerente, mesmo apresentando conselhos incoerentes, contraditórios.

## RESUMO

A *coerência textual* (ou *conectividade conceitual*) é considerada o fator fundamental da textualidade, porque é responsável pelo sentido do texto, que é, então, compreendido como um conjunto harmônico, cujas partes se completam, sem que haja nada ilógico, contraditório (mas, se isso ocorrer, será intencional, para motivar o humor, por exemplo). A coerência de um texto depende também do contexto, da situação comunicativa em que está inserido, daí a importância dos “fatores de contextualização”, que ancoram o texto à situação comunicativa. A construção da coerência decorre de fatores de natureza distinta, como processos discursivos, cognitivos e culturais. As *metarregras* da coerência são princípios fundamentais indispensáveis à progressão textual. A coerência ainda pode ser focalizada sob diversos ângulos: *coerência narrativa*, *figurativa*, *argumentativa*, *temporal*, *espacial* e *coerência no nível da linguagem*.

### INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, discutiremos a relação entre a coesão e a coerência. Pode existir um desses fatores sem o outro?

### LEITURAS RECOMENDADAS

BRAS, Tereza Yamashita; BRAS, Luiz. Conversa de mãe e filha. *Folha de S. Paulo*, 21 maio 2005. Folhinha. p. f. 8.

KOCH, Ingedore V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

CONY, Carlos Heitor. Sobrevivência na selva. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 mar. 1999.

## Coesão e coerência: duas faces da mesma moeda?

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

### Metas da aula

Apresentar a coerência como fator de inteligibilidade do texto e propor soluções para os principais problemas de produção/recepção textual.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. estabelecer a coerência, em face da coesão, como condição necessária para formar um texto;
2. reconhecer falhas, decorrentes da inadequação no emprego de conectores, na estruturação de enunciados;
3. identificar falhas no paralelismo estrutural e no paralelismo de ideias;
4. reconhecer a necessidade de estruturas coesas, completas semântica e estruturalmente, para o estabelecimento da coerência.

## INTRODUÇÃO

Muitas questões têm sido levantadas em relação ao assunto coesão /coerência, algumas verdadeiras, outras nem tanto.

Afinal, existe texto com coesão, mas sem coerência? E o contrário: existe texto com coerência, mas sem coesão?

Vamos analisar essas questões na aula de hoje, observando as relações entre a coesão e a coerência para discutir as principais dificuldades que as pessoas encontram para produzir seu próprio texto e para ler e entender o texto do outro.

## A INTERFACE COESÃO/COERÊNCIA

Vamos começar tentando responder as perguntas que fizemos há pouco:

Existe texto com coesão, mas sem coerência? E o contrário: existe texto com coerência, mas sem coesão?



Sigurd Decroos

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1124847>

Vejamos o texto seguinte:

*(1) O professor não dá aula no colégio. Ele não sabe que a UERJ terminou a greve. Este colégio tem um laboratório de informática. O colégio é particular.*

O item lexical “colégio” é constantemente retomado e a expressão nominal definida “o professor” é recuperada na segunda oração pelo pronome pessoal “ele”, ou seja, parece que os princípios norteadores do estabelecimento da coesão textual foram cumpridos.

No entanto, isso não é suficiente para conferir coerência ao texto. Os enunciados não atendem ao fator da “relevância”, uns em relação aos outros. Não se pode dizer, portanto, que estamos diante de um texto. Apesar de haver coesão no encadeamento das sentenças, as relações de sentido não confirmam essa sequência. Dessa forma, pode-se concluir que a “coesão não é condição nem suficiente nem necessária para formar um texto” (FÁVERO, 1997, p. 11).

Na Aula 10, estudamos alguns fatores responsáveis pelo estabelecimento da coerência em um texto. Você se lembra do fator *relevância*?

A relevância, um dos fatores da coerência textual, exige que os enunciados que compõem o texto digam respeito ao mesmo tema subjacente.

Vejamos, agora, este outro texto:

#### "(2) Circuito fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, documentos, caneta, chaves, lenço, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforo. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara, e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques (...)."

(Fonte: RAMOS, 1978.)

Nesse texto que acabamos de ler, não encontramos elementos coesivos, isto é, **PRONOMES ANAFÓRICOS**, ou **CATAFÓRICOS**, conectores, ligando porções de texto etc., que já estudamos na Aula 8.

Relembrando os conceitos que vimos na Aula 8, **PRONOMES ANAFÓRICOS** ou **CATAFÓRICOS** são pronomes responsáveis pela ligação de porções de um texto. Podem ser pronomes pessoais (*ele, ela, o, a, lhe, nós etc.*), possessivos (*meu, minha, teu, tua, seu, sua etc.*), demonstrativos (*este, esse, aquele etc.*), indefinidos (*tudo, nenhum, cada um etc.*) e relativos (*que, o qual, a qual, cujo, onde etc.*).

Quando o pronome retoma um termo já dito, é um pronome anafórico e, quando faz referência a um termo que ainda vai ser dito, é um pronome catafórico.



Mas você entendeu a mensagem? Seria capaz de dizer de que trata esse texto? Acharmos que sim; que você poderia responder as perguntas que lhe fizemos, dizendo que se trata da rotina de um homem (o texto dá pistas para que saibamos que o personagem é homem – ele usa *cueca*, *gravata*, *paletó* etc.) desde que acorda até chegar ao seu local de trabalho. Na verdade, poderíamos dizer até que se trata de uma narrativa das ações desse homem numa determinada manhã, não é mesmo?

Vemos, então, que pode haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência.

Repetiremos, então, o que já dissemos: a “coesão não é condição nem suficiente nem necessária para formar um texto” (FÁVERO, 1997, p. 11).

A coerência, portanto, faz com que um texto tenha sentido para seus usuários, já que o sentido do texto é construído não só pelo produtor, mas também pelo receptor, que precisa deter os conhecimentos necessários à sua interpretação. Conforme Val (1993), um texto coerente deve apresentar uma configuração conceitual compatível com o conhecimento de mundo do receptor. Ele não tem sentido em si mesmo, mas faz sentido pela interação entre os conhecimentos que apresenta e o conhecimento de mundo dos usuários.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 1

1. Na Aula 2, estudamos que, intuitivamente, você é capaz de distinguir um texto de um não texto. Um texto pode ter elementos de coesão – pronomes, advérbios, retomadas lexicais etc. – e não ser coerente, ou seja, não fazer sentido. Da mesma forma, um texto pode não ter elementos de coesão e ter coerência. Observe os exemplos a seguir:

EXEMPLO A: Ana adora arroz, mas resolveu não ir à escola. A mãe de Ana é alta.

EXEMPLO B:

P  
pl  
plu  
pluv  
pluvi  
pluvial  
fluvial  
fluvial  
fluvial  
fluvial  
fluvial  
fluvial

Fonte: CAMPOS, Augusto de. *Viva vaia. Poesia 1949-1979*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000, p. 106.

EXEMPLO C: Ana não foi à aula porque estava muito gripada.



Sebastian Smit

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/894326>

Após a leitura dos exemplos anteriores, você pode afirmar que todos são textos? Justifique sua resposta, comentando se existe coesão e coerência em cada exemplo.

---

---

---

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

Apenas os exemplos (B) e (C) são textos. O exemplo (A) apresenta elemento de coesão – o conector “mas” –, porém não faz sentido, ou seja, não tem coerência. Qual a relação entre “gostar de arroz” e “não ir à escola”? E por que dizer que a mãe de Ana é alta?! Já o exemplo (B) não apresenta elementos de coesão, mas tem coerência, ou seja, faz sentido. As palavras, na forma como estão dispostas, lembram os movimentos da chuva, ao cair e do rio, ao correr. Pode-se iniciar a leitura pela palavra *pluvial*, movimento do cair da chuva, e terminá-la horizontalmente, com o movimento do correr do rio. Pode-se também iniciar pela leitura da palavra **fluvial**, que vai, aos poucos, transformando-se na palavra **pluvial**, configurando o processo de evaporação da água na formação das nuvens. E, por último, o exemplo (C) apresenta elemento de coesão – o conector “porque” – é coerente: “estar gripada” é a causa de “Ana não ir à aula” (consequência).

### AFINAL, EXISTE TEXTO INCOERENTE?

Sabemos que o texto coerente é o que apresenta unidade de sentido. Mas a apreensão desse sentido dá-se em relação ao contexto em que esse texto está inserido. Assim, muitas vezes, um texto parece absurdo quando não se conhece o contexto em que se inscreve e a situação em que foi produzido. Por exemplo, imaginemos uma frase como a seguinte:

*José está com dor de cabeça, mas não está usando relógio.*



Daniel Szwalkiewicz

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/505275>

Essa frase apresenta coesão textual, mas, à primeira vista, soa como incoerente. No entanto, de acordo com o fator da textualidade da aceitabilidade, o interlocutor prefere imaginar que o produtor do texto tem uma razão para dizer a frase e, então, vai procurar o contexto em que o enunciado se insere.

Imaginemos a seguinte situação: José é uma pessoa muito ansiosa e, sempre que usa relógio, a sua ansiedade aumenta e ele tem até dor de cabeça. Pronto. A frase, agora, faz sentido, não é mesmo?

Temos de lembrar, ainda, que a adequação ao conhecimento do mundo pode não se referir apenas ao mundo real, pois sabemos que uma das propriedades da linguagem é criar mundos – ficção científica, mitos, discurso religioso, contos de fadas. Nessas histórias, no mundo da fantasia, as incoerências passam a fazer sentido, tornando-se, pois, fatores de coerência.

Continuando a nossa conversa de hoje, gostaríamos de ajudar você a resolver alguns problemas bastante comuns no enfrentamento de um texto, seja ao produzi-lo, seja ao interpretá-lo.

## PROBLEMAS MAIS COMUNS NA (DE)CODIFICAÇÃO DE TEXTOS

Já aconteceu com você estar lendo um texto e, de repente, não conseguir entender bem o que está escrito e ter de voltar e ler mais uma, duas, ou mais vezes a mesma passagem?

Pois bem. Na maioria das vezes, isso ocorre por problemas na estruturação da mensagem, problemas graves, que interferem na coerência do texto.

Vamos apontar três desses problemas para discutir com você:

- o emprego inadequado de conectores que ligam porções de textos (de maior ou menor extensão);
- as falhas no *paralelismo estrutural*, que, conforme vimos, é um dos mecanismos de coesão textual;
- a falta de paralelismo de ideias, ou seja, a primeira parte do texto não pode apontar para uma direção e a segunda, para outra;
- o emprego de orações ou períodos soltos, desconexos.

### O emprego inadequado de conectores

O mau emprego dos conectores decorre, a nosso ver, principalmente, de um aprendizado mecânico das conjunções do português.

Na análise dos conectivos, tem sido prática pedagógica constante o estudo desses articuladores textuais em listas, por ordem alfabética, o que, na verdade, leva à simples “decoreba”, sem que sejam focalizados os traços linguisticamente relevantes no estudo dessas formas.

Esse tipo de trabalho tem sido muito criticado por professores e linguistas, preocupados com um ensino mais produtivo da língua materna, um ensino capaz de formar competentes alunos-produtores de textos. Em outras palavras, alunos que, nessa situação específica, possam refletir sobre as possibilidades semântico-discursivas das marcas linguísticas que deverão utilizar.

A título de exemplificação, vamos analisar um desses textos mal formulados:

A sistematização do estudo dos tipos e gêneros textuais contribui para o reconhecimento da estrutura de um texto, podendo, inclusive, facilitar a sua interpretação. *Entretanto*, a compreensão de um texto mostra-se um processo mais amplo do que se imaginava.

Você conseguiu entender, com clareza e de imediato, a mensagem apresentada no texto acima?

Acreditamos que não, porque esse é um daqueles textos a que nos referimos há pouco e que temos de ler várias vezes para ver se conseguimos captar o que foi dito. E, mesmo após várias leituras, continuamos com dificuldade para entender a mensagem proposta.

Vejamos qual foi o problema desta vez:

O produtor do texto empregou a conjunção adversativa “entretanto”, quando seria de se esperar “portanto”, “assim”, “dessa forma” ou conectivos afins, já que a oração que a conjunção introduz não sugere contraexpectativa, mas sim uma conclusão em relação ao que foi enunciado anteriormente.

Esse tipo de desliz (confusão entre os conectores “entretanto”, de contra expectativa, e “portanto”, de conclusão) é muito frequente e, talvez, aconteça em decorrência da semelhança fônica (de sons) entre as duas formas – a incorreta e a esperada. De qualquer maneira, o desvio revela pouca autonomia do produtor para lidar com os elementos de conexão interfrástica.

Vemos, então, que o uso indevido de conectores provoca falhas redacionais que comprometem a estrutura dos textos, levando o receptor a fazer significativo esforço para estabelecer os nexos e construir a coerência global. E isso porque o uso incorreto de conjunções – resultante de permuta entre articuladores textuais do mesmo **CAMPO SEMÂNTICO** e/ou de outros – desorienta o interlocutor, fazendo-o perder o foco da mensagem que o locutor pretendia transmitir.

Mas não adianta apontar o problema, apenas. É preciso, também, indicar um caminho para se tentar resolver esse problema. E um desses caminhos é o trabalho com blocos de textos.

Vejamos como isso funciona:

Apresentam-se, primeiro, blocos de texto para serem reunidos em um só enunciado. As orações apresentadas encontram-se, portanto, apenas justapostas, ou seja, colocadas umas ao lado das outras, sem

#### **CAMPO SEMÂNTICO**

Conjunto de palavras diferentes, mas relacionadas entre si por meio de uma ideia, de um significado ou de analogias estabelecidas entre elas. Exemplo de conjunções que fazem parte do mesmo campo semântico: mas, porém, contudo, todavia, entretanto (conjunções que introduzem ideia de contraexpectativa).

conectores. A seguir, pede-se aos alunos que construam um único enunciado, dessa vez, ligando as orações por meio de conectores, sem, no entanto, alterar a relação semântica existente entre as porções de texto, como já mostramos em uma atividade da Aula 6. Para você entender melhor e recordar, reproduzimos parte de uma atividade da Aula 6 em que se pede para juntar as orações, mantendo a relação semântica que se estabelece entre os dois enunciados em contato.

- (a) O dia estava lindo. Fomos à praia.
- (b) Fomos à praia. O dia estava lindo.
- (c) O dia estava lindo. Não fomos à praia.



Vinicius Depizzol

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/480569>

No enunciado (a), a relação estabelecida é de conclusão. Dessa forma, o aluno poderá utilizar qualquer conector conclusivo para unir as duas orações: “O dia estava lindo, *portanto* (*por isso, dessa forma, então...*) fomos à praia.”

Já no enunciado (b), a relação não é mais de conclusão, e sim de causa, ou seja, “o dia lindo” foi a causa de “ir à praia”. Se o dia não estivesse bonito, não seria possível ir à praia. Assim, o aluno, para unir as duas orações, poderá utilizar qualquer conector causal: “Fomos à praia porque o dia estava lindo”, “*Como* o dia estava lindo, fomos à praia.”

E, por último, no enunciado (c), a relação é de contrariedade, ou seja, se o dia estava lindo, era de se esperar que fôssemos à praia. Para unir as orações desse enunciado, o aluno deverá utilizar conectores que marcam essa relação de contraexpectativa, como: “O dia estava lindo, *mas* (porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto...) não fomos à praia.”

Na maioria das vezes, os elos de ligação surgem naturalmente, espontaneamente, pois, como falantes nativos de língua portuguesa que somos, todos temos uma espécie de gramática internalizada, ou seja, um conjunto de regras que todo falante nativo de uma língua determinada domina. A partir daí, podem ser trabalhadas as diferentes circunstâncias expressas pelos articuladores textuais, enfatizando as várias opções que a língua coloca à nossa disposição para expressá-las.

#### ATIVIDADE



##### Atende ao Objetivo 2

2. Leia o texto seguinte, com problemas de inadequação no emprego do conector, e reescreva-o:

Prezados clientes,  
Em face do processo inflacionário por que estamos passando, comunicamos que as mensalidades continuam tendo um prazo de pagamento de 10 dias, após a data base sem qualquer acréscimo de juros, *no entanto* vigora a mensalidade vigente na data de pagamento. Após este prazo, serão cobrados juros de 1% ao dia, sobre a mensalidade vigente, a contar da data base, ou seja, mantenha em dia a sua mensalidade.

---

---

---

---

---

##### RESPOSTA COMENTADA

Provavelmente, você retirou o “no entanto” e escreveu “portanto”, em seu lugar, já que a segunda oração apresenta uma conclusão da primeira, e não uma contraexpectativa em relação ao que se disse na primeira parte do enunciado.

O segundo problema que apontamos nos textos de muitos de nossos alunos refere-se a falhas no paralelismo estrutural de que já tratamos na Aula 8.

## Falhas no paralelismo estrutural

Vamos recordar o conceito de paralelismo estrutural:

Trata-se de traços gramaticais comuns (tempo, aspecto, colocação), da mesma ordem de palavras ou da mesma estrutura de frases, em fragmentos textuais contíguos. Tais fragmentos textuais são, dessa forma, paralelos estruturalmente.

Para exemplificar, reproduzimos um trecho extraído de uma redação escrita por um adolescente:

“Enquanto deputados distribuem panfletos, cada vez mais crianças roubam e usando drogas.”

1°. A primeira parte do enunciado, introduzida por um conector temporal “enquanto”, relata que “*os deputados distribuem panfletos*”.

2°. A segunda parte é formada por duas orações interligadas pelo conector “e”. Na primeira oração, tem-se: “crianças roubam”. Espera-se, então, a continuação do que as crianças fazem, com uma estrutura paralela à anterior. Mas há uma quebra nessa expectativa, com a introdução de outro enunciado – “usando drogas” – com outra estrutura, que atrapalha a sequência natural da mensagem. Essa nova estrutura desvia a atenção do leitor, comprometendo o entendimento da mensagem.

3°. Uma sugestão de reescritura do enunciado, atendendo ao paralelismo estrutural, resolveria o problema: “*Enquanto deputados distribuem panfletos, cada vez mais crianças roubam e usam drogas.*”

Veja este outro exemplo:

“Os políticos podem pôr eles (crianças marginalizadas) na escola, oferecem cursos e muitas outras coisas educativas.”

Nesse enunciado também ocorre a quebra no paralelismo estrutural. O correto seria: “*Os políticos podem pôr eles (crianças marginalizadas) na escola, podem oferecer cursos e muitas outras coisas educativas.*” Nesse último exemplo, inclusive, ocorre, ainda, outro fato grave: há



variação semântica da primeira parte do enunciado (“*Os políticos podem pôr eles (crianças marginalizadas) na escola*”) em relação à segunda (*oferecem cursos e muitas outras coisas educativas.*”), já que a ideia de possibilidade expressa na primeira parte por meio do verbo “poder” não é recuperada na segunda, em que esse verbo é omitido.

Agora é a sua vez!

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 3

3. O texto seguinte apresenta uma falha no paralelismo estrutural. Você seria capaz de identificá-la?

*O discurso publicitário atua ideologicamente em três campos:  
1º no estabelecimento das relações entre produtor/anunciante e o público;  
2º na construção da imagem do produto;  
3º tornar o consumidor membro de uma dada comunidade.*

---

---

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

Com certeza, o texto fluiu bem para você até o final do 2º tópico. No 3º tópico, a compreensão ficou prejudicada, certo?

Então, é aquela velha história... reler... reler o texto, pois há uma quebra na estrutura, que interfere na decodificação da mensagem. Observe que os dois primeiros tópicos são introduzidos por uma mesma estrutura (no estabelecimento.../na construção...). A introdução do terceiro tópico rompe esse sistema.

Uma sugestão de correção poderia ser não começar o tópico por um verbo, e sim do seguinte modo: “na tentativa de tornar o consumidor...”, em que se manteria a estrutura utilizada antes.

## O paralelismo de ideias

Não se pode perder de vista, também, que os segmentos que formam estruturas paralelas devem ser observados tanto do ponto de vista da coesão quanto do ponto de vista da coerência, pois a(s) outra(s) parte(s) da frase tem (têm) de estar não só gramaticalmente, mas semanticamente associada(s) à primeira.

Em outras palavras, a primeira parte do texto não pode apontar para uma direção e a segunda, para outra: há necessidade, também, de um paralelismo de ideias. Por isso, essas partes devem falar de temas da mesma área de significação, sob pena de não conseguirmos unidade temática em nossa mensagem, que se tornará, desta forma, incoerente. É fundamental, pois, que esses segmentos se harmonizem, formando um todo semanticamente coerente e estruturalmente coeso.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1166012>

Veja o exemplo a seguir:

Pirataria é crime. O governo precisa fazer uma fiscalização mais efetiva. Muitas pessoas vendem produtos piratas, porque estão desempregadas. Vendendo CDs, brinquedos e outros produtos piratas mais baratos, algumas pessoas conseguem levar comida para dentro de casa.

Ao começarmos a leitura do texto, temos a impressão de que o autor é contra a pirataria. Porém, o que segue contraria essa expectativa. Assim, o texto é incoerente semanticamente, ou seja, não sustenta a mesma ideia até o fim.

Por exemplo, se uma pessoa é contra a pena de morte, não pode defender a prática da eutanásia, ou, ainda, se uma pessoa gosta de casa arrumada, não faz sentido deixar sempre objetos espalhados.

Assim, ao produzirmos um texto, precisamos prestar atenção se estamos sendo coerentes, ou seja, se as ideias fazem sentido entre si.

E, finalmente, o caso das frases, ou orações soltas.

### Frases ou orações soltas

Esse tipo de falha, que afeta, sobretudo, a coerência textual, prende-se, a nosso ver, à falta da organização lógica do pensamento, que deve preceder à escrita. Explicando melhor, o estudante vai construindo o enunciado, “superpondo” as ideias, umas às outras, sem se dar conta do resultado final da composição do período, que deve constituir um todo coerente. Porém, se o aluno adotar a prática constante da releitura de seu próprio texto, poderá perceber a falta de nexo semântico entre as porções do texto e corrigir as falhas.

Vejamos um exemplo:

*A grande quantidade de gêneros, como crônicas, histórias em quadrinhos, tiras e cartuns que dominam um considerável espaço nos jornais, sem falar na charge, que normalmente tem seu espaço reservado na capa de jornais.*

Pode-se observar que se introduz uma oração (*A grande quantidade de gêneros, como crônicas, histórias em quadrinhos, tiras e cartuns*), acrescenta-se a esta outra (*que dominam um considerável espaço nos jornais*), na qual se intercala uma outra (*sem falar na charge*), que, por sua vez, completa-se em outra (*que normalmente tem seu espaço reservado na capa de jornais*), ou seja, introduzem-se várias orações, deixando a primeira – a principal – sem finalização. Um bom exercício de análise sintática resolveria o problema, mostrando que análise de texto e análise sintática não são conteúdos excludentes, compartimentalizados, muito pelo contrário, devem ser articulados nas aulas de língua portuguesa.

Ler e escrever são atos indissociáveis. Só mesmo quem tem o hábito da leitura é capaz de escrever sem muita dificuldade. A leitura proficiente de livros, revistas e jornais permite-nos refletir sobre as ideias e formular nossa própria opinião. Sem opinião formada, é impossível escrever qualquer texto.

Para terminar a nossa aula de hoje, apresentamos a você um esquema completo dos fatores da textualidade, para que você possa visualizar o conjunto desses mecanismos:

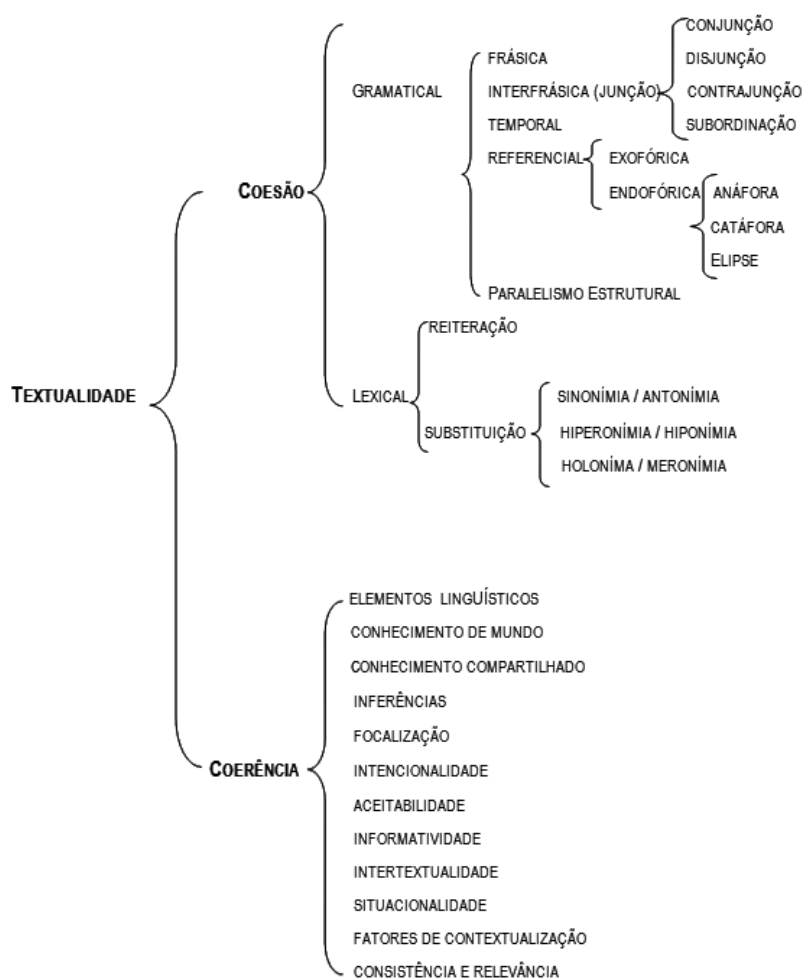


Figura 11.1: Fatores pragmáticos da textualidade.

## CONCLUSÃO

Muitas vezes, encontramos textos incoerentes, porque as ideias estão soltas, ou seja, não há encadeamento entre os fatos. Por isso, a leitura deve fazer parte do próprio ato de escrever. Após a produção do texto, o escritor precisa assumir a função específica de leitor do seu próprio texto, a fim de monitorar aquilo que escreveu.

É a coerência que estabelece o nexos entre os conceitos e não deve ser buscada simplesmente na sucessão linear dos enunciados. A interpretação de um texto exige situá-lo em seu contexto de ocorrência, ou seja, é preciso situá-lo num tempo e num espaço.

Enfim, um texto apresenta-se como uma rede. Todos os fatores da textualidade devem estar muito bem articulados, a fim de que a cooperação aconteça e, com isso, o interlocutor de uma situação comunicativa possa compreender e chegar ao(s) seu(s) sentido(s).

## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

A seguir, reproduzimos um trecho de uma redação de um aluno que se prepara para fazer vestibular:

#### O voto obrigatório

Os jovens de 16 anos e os idosos de mais de 65 anos não precisam votar. Essa decisão é bastante democrática porque permite revelar não só o comprometimento pessoal de cada um com as questões sociais e o nível de importância que essas questões têm para a população. As pessoas, entretanto, têm poder de escolha: comparecer, ou não às urnas e, assim, cumprir a sua missão de acordo com a sua consciência.

(...)

Vamos agora pensar sobre alguns problemas que aparecem no texto acima, comprometendo a sua coerência: incoerência resultante de falhas no paralelismo estrutural e no paralelismo de ideias, e conectores mal empregados.

a) O texto tem um título – “O voto obrigatório”. Você considera que esse título está em harmonia com as ideias expostas no fragmento transcrito?

---

---

---

---

---

---

b) Releia o seguinte trecho: *“Os jovens de 16 anos e os idosos de mais de 65 anos não precisam votar. Essa decisão é bastante democrática porque revela não só o comprometimento pessoal de cada um com as questões sociais e o nível de importância que essas questões têm para a população.”*

Por que a decisão de não obrigar jovens e idosos a votar é democrática? Você conseguiu entender essa causa, com clareza?

---

---

---

---

---

---

c) Agora, releia esse outro fragmento: *“As pessoas, entretanto, têm poder de escolha: comparecer, ou não às urnas e, assim, cumprir a sua missão de acordo com a sua consciência.”*

Esse trecho apresenta um emprego indevido do conector “entretanto”, o que compromete o seu sentido, tornando a passagem incoerente em relação ao segmento anterior. Reescreva o trecho, tentando ligar o enunciado no plano semântico e formal ao segmento anterior e comentando a inadequação do texto original.

---

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

a) *Você deve ter observado que o título diz respeito a voto “obrigatório”. A expectativa, portanto, é que o parágrafo seguinte apresente esse tema, o que não ocorre, pois as ideias desenvolvidas a seguir apontam exatamente para outra direção: a da não obrigatoriedade de votar. Portanto, o título é incoerente em relação ao fragmento apresentado.*

b) *Acreditamos que você deve ter tido alguma dificuldade para explanar os motivos de ser democrática a decisão do voto não obrigatório para jovens de 16 anos e para idosos. Essa dificuldade deve-se à quebra do paralelismo entre as duas estruturas correlatas que veiculam a causa: se a primeira é introduzida por “não só”, a segunda deveria ser introduzida por “mas também”, o que não ocorre, tornando o enunciado truncado. Assim, a decisão é democrática (1º) não só porque permite revelar o comprometimento pessoal de cada um com questões sociais, (2º) mas também porque permite revelar o nível de importância que essas questões têm para a população.*

c) *O trecho em destaque deveria complementar o que vinha sendo exposto no segmento anterior, daí ser esperado que se usasse um conectivo (uma conjunção) que veiculasse uma ideia de conclusão, como, por exemplo, “portanto” – As pessoas, portanto, têm poder de escolha: comparecer, ou não às urnas e, assim, cumprir a sua missão de acordo com a sua consciência. – e não “entretanto” – conjunção adversativa que exprime contrariedade, contraexpectativa.*

**RESUMO**

A coesão não é condição nem suficiente nem necessária para formar um texto. Pode haver textos destituídos de coesão, mas cuja textualidade se dá no nível da coerência. O texto coerente é o que apresenta unidade de sentido e a apreensão desse sentido se dá em relação ao contexto em que esse texto está inserido. As falhas na compreensão de um texto ocorrem, entre outros fatores, pelo uso inadequado de conectores, por falhas no paralelismo estrutural e pela presença de frases e orações soltas no texto, falha esta decorrente da falta de organização lógica do pensamento que deve preceder a escrita.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na nossa próxima aula, vamos trabalhar com as relações intra e extratextuais. Vamos estudar os implícitos e os subentendidos: pressupostos e inferências. Até lá!



AULA

## LEITURAS RECOMENDADAS

KOCH, Ingedore; ELIAS, Vanda Maria. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. São Paulo: Contexto, 2006.

RAMOS, Ricardo. *Circuito fechado*. Rio de Janeiro: Record, 1978.





# Relações intra e extratextuais – os implícitos e os subentendidos: pressupostos e inferências

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

## AULA 12

### Meta da aula

Evidenciar que o sentido de um texto pode ultrapassar o que se encontra explícito na superfície textual.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer a importância dos conteúdos semânticos implícitos para a compreensão do sentido global de um texto;
2. identificar conteúdos postos e pressupostos;
3. descrever o processo mental de “geração” de inferências;
4. distinguir pressupostos de inferências.

## INTRODUÇÃO

Em nossas aulas sobre o texto, temos dedicado bastante atenção ao que se apresenta na superfície textual. Mas já sabemos que o sentido de um texto não depende apenas da estrutura textual em si mesma, porque não podem existir textos totalmente explícitos. Por isso, o produtor de um texto precisa fazer uma espécie de “balanceamento” do que necessita ser explicitado textualmente e do que pode permanecer implícito, para ser recuperado por meio de inferências. E, nesse sentido, será de fundamental importância que emissor e receptor partilhem conhecimentos, vivências culturais, para que o processo de compreensão/interpretação dos textos se concretize com sucesso.

## OS CONTEÚDOS SEMÂNTICOS IMPLÍCITOS

Um dos aspectos mais intrigantes da leitura de um texto é a verificação de que ele pode dizer coisas que parece não estar dizendo, isto é, além das informações explicitamente enunciadas, existem outras que ficam subentendidas ou pressupostas. Para realizar uma leitura eficiente, o leitor deve captar tanto os dados explícitos quanto os implícitos.

Leitor perspicaz é aquele que consegue ler nas entrelinhas. Caso contrário, ele pode passar por cima de significados importantes e decisivos ou – o que é pior – pode concordar com coisas que rejeitaria, se as percebesse. Alguns tipos de texto (humor, publicidade etc.) exploram, com malícia, esses aspectos subentendidos ou pressupostos.

Em nossa aula de hoje, vamos falar exatamente da relação entre esses conteúdos explícitos e implícitos.

## ATIVIDADE



### Atende ao Objetivo 1

1. O texto a seguir foi extraído de uma propaganda de carro da Hyundai. Leia-o e descubra o conteúdo que está implícito.

*“Existe um novo rei na terra da rainha.”*

Hyundai i30 - 2011

Fonte: Revista *Veja* – 13 de outubro de 2010, páginas 26 a 29.

---

---

---

---

---

2. As piadas também exploram, com malícia, os subentendidos. Leia o exemplo que segue:



Em um cemitério, dois turistas veem uma lápide na qual se lê: “Aqui jaz um político e um homem honesto.” Um turista vira para o outro e diz: “Estranho... Aqui enterram duas pessoas no mesmo túmulo!” O que leva o turista a pensar que duas pessoas tinham sido enterradas no mesmo túmulo? Ou seja, que conteúdo está implícito?

---



---



---



---



---

#### RESPOSTA COMENTADA

1. Na mensagem publicitária da Hyundai, os conteúdos semânticos implícitos dependem, para sua decodificação, do recurso ao conhecimento de mundo do receptor. Primeiro, deve-se associar a “terra da rainha” à Inglaterra e, conseqüentemente, a rainha será a rainha Elizabeth; a partir daí, o “novo rei” (observe-se que já havia, então, um rei mais antigo) deverá ser interpretado como o objeto de busca do consumidor – o modelo mais recente dos carros da Hyundai.

2. Na piada, a fala do turista revela a opinião que ele tem dos políticos, ou seja, a de que os políticos não são pessoas honestas. Tal opinião não está explícita, mas subentendida.

Após realizar essa primeira atividade, você deve ter percebido melhor que nem todas as informações aparecem explicitadas em um texto. Cabe ao leitor recuperar o que está nas entrelinhas. Em piadas, por exemplo, se o leitor não perceber o subentendido, não conseguirá achar graça.

Os conteúdos implícitos são, portanto, tão importantes para a interpretação de qualquer mensagem, quanto aqueles que estão explicitados na linha do texto. São conteúdos implícitos os pressupostos e as inferências.

### Os pressupostos

Mas o que são *pressupostos*?

São ideias não expressas de maneira explícita, mas que o leitor pode perceber a partir de certas palavras ou expressões contidas na frase. Em outras palavras, são conteúdos significativos que ficam à margem da discussão.

Assim, quando eu digo *Pedro continua estudioso*, comunico, de maneira explícita, que, no momento em que falo, considero que Pedro é estudioso, mas, ao mesmo tempo, o verbo *continuar* deixa perceber a informação implícita de que, antes, ele já era estudioso.

A informação explícita pode ser questionada pelo ouvinte, que pode, ou não, concordar com ela. Por exemplo, em relação à frase *Pedro continua estudioso*, eu posso dizer: *Não, não continua estudioso não, porque tirou notas baixas nas últimas provas*. Mas os pressupostos têm de ser verdadeiros, ou, pelo menos, admitidos como verdadeiros, porque é a partir deles que se constroem as informações explícitas. Se o pressuposto é falso, a informação explícita não tem cabimento. Se eu digo que *Pedro não era estudioso antes*, não tem cabimento informar que ele “continua” estudioso.

Na leitura e interpretação de um texto, é muito importante detectar os pressupostos, pois seu uso é um dos recursos argumentativos utilizados com objetivo de levar o ouvinte ou o leitor a aceitar o que está sendo comunicado.

Ao introduzir uma ideia sob a forma de um pressuposto, o falante transforma o ouvinte em cúmplice, uma vez que essa ideia não é posta em discussão e todos os argumentos seguintes só contribuem para confirmá-la.

Os pressupostos, diferentemente das inferências, são marcados linguisticamente no texto.

As marcas que introduzem os pressupostos são os *marcadores de pressuposição*, isto é, indicadores linguísticos que ativam pressupostos.

São *marcadores de pressuposição*:

- certos conectores circunstanciais (*já que, desde que, visto que* etc.);
- verbos que indicam mudança ou permanência de estado (*continuar, começar a, tornar-se, permanecer* etc.); verbos implicativos (*conseguir* etc.);
- expressões iterativas (*de novo, novamente* etc.);
- verbos iterativos (*repetir, recommençar* etc.);
- expressões temporais (*depois de, antes de* etc.);
- certas conjunções (*mas, entretanto, a despeito de, apesar de* etc.);
- orações adjetivas etc.

Em relação às orações adjetivas, cabe uma explicação:

As orações adjetivas são aquelas iniciadas por pronomes relativos (*que, o qual, a qual, os quais, as quais, cujo, onde, quem*) e sempre veiculam um pressuposto.

Vamos entender melhor o que acabamos de falar, comparando os exemplos 1 e 2:

1) *Os políticos que são desonestos só pensam em encher o bolso à custa do povo.*

2) *Os políticos, que são desonestos, só pensam em encher o bolso à custa do povo.*

Você percebe alguma diferença de sentido entre as frases 1 e 2?

A diferença decorre exatamente dos pressupostos ativados.

Em 1, o *pressuposto* é que apenas os políticos desonestos pensam em encher o bolso à custa do povo, ou seja, nem todo político é desonesto; há também aqueles que são honestos.

Em 2, a vírgula destaca um enunciado (a oração adjetiva) – *que são desonestos* – e, com isso, estende a desonestidade a todos os políticos, ou seja, não há político honesto; todos são desonestos.

A Gramática separa as *orações adjetivas* na base dessa distinção. O exemplo 1 corresponde à chamada “oração adjetiva restritiva”, porque restringe a atribuição, e o exemplo 2 corresponde à chamada “oração adjetiva explicativa”, porque apenas acrescenta mais um dado à atribuição, mais uma explicação – não essencial – ao enunciado.

Dessa forma, os pressupostos fazem parte de muitos textos, tendo em vista que explicitá-los significaria, muitas vezes, informar o óbvio, o esperado em um dado contexto.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 2

3. Nas frases seguintes, identifique o pressuposto e o posto, seguindo o modelo:

MODELO:

*Maria conseguiu abrir a porta.*

Posto: *Maria conseguiu abrir a porta.*

Pressuposto: *Maria tentou abrir a porta.*

a) *Ana recomeçou a tocar violão.*

Posto:

Pressuposto:



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1046847>

b) *Já que você é inteligente, resolva este problema.*

Posto:

Pressuposto:

c) *Ela continuava calada.*

Posto:

Pressuposto:

d) *Antes de sair, lave a louça.*

Posto:

Pressuposto:

---



---

e) *Luiza conseguiu passar de ano, apesar da professora.*

Posto:

Pressuposto:

---



---

f) *As mães que são responsáveis acompanham o estudo dos filhos.*

Posto:

Pressuposto:

---



---



Dan MacDonald

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/420824>

### RESPOSTA COMENTADA

3.

a) *Ana começou a tocar violão.*

Posto: *Ana começou a tocar violão.*

Pressuposto: *Ela tocava antes.*

b) *Já que você é inteligente, resolva este problema.*

Posto: *Já que você é inteligente, resolva este problema.*

Pressuposto: *Você é inteligente.*

c) *Ela continuava calada.*

Posto: *Ela continuava calada.*

Pressuposto: *Ela já estava calada antes.*

c) *Antes de sair, lave a louça.*

Posto: *Antes de sair, lave a louça.*

Pressuposto: *Ele (ela) vai sair.*

d) *Luiza conseguiu passar de ano, apesar da professora.*



*Posto:* Luiza conseguiu passar de ano, apesar da professora.

*Pressuposto:* A professora foi ruim.

e) As mães que são responsáveis acompanham o estudo dos filhos.

*Posto:* As mães que são responsáveis acompanham o estudo dos filhos.

*Pressuposto:* Só as mães responsáveis acompanham o estudo dos filhos.

Trata-se, nesses casos, apenas, de casos de pressuposição linguisticamente marcada. Aqueles enunciados que não aparecem com algum tipo de marca linguística são classificados como subentendidos, ou simplesmente como inferências, de que trataremos a seguir.

### **As inferências (ou subentendidos)**

As inferências ou subentendidos são insinuações escondidas por trás das palavras. Os enunciados sugerem, mas não dizem explicitamente. A noção de inferência é muito importante no processo de leitura.

A inferência é uma operação mental, ou seja, ela ocorre na mente do leitor, já que não está explícita no texto. Em outras palavras, a inferência é uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. São as relações não explícitas entre elementos que o receptor de um texto consegue estabelecer a partir de seu conhecimento de mundo. Enfim, são conhecimentos não expressos, mas que podem ser deduzidos a partir do que é dito.

Veja o exemplo a seguir, extraído de uma canção de Chico Buarque de Holanda, do CD *Construção*, de 1971:

#### ***Minha história***

*Chico Buarque*

*Composição: Lúcio Dalla / Paola Pallottino*

Ele vinha sem muita conversa, sem muito explicar

Eu só sei que falava e cheirava e gostava de mar

Sei que tinha tatuagem no braço e dourado no dente

E minha mãe se entregou a esse homem perdidamente, laiá, laiá,  
laiá, laiá

Ele assim como veio partiu não se sabe pra onde

E deixou minha mãe com o olhar cada dia mais longe

*Esperando, parada, pregada na pedra do porto*

*Com seu único velho vestido, cada dia mais curto, laiá, laiá,  
laiá, laiá*

(...)



Você pode ouvir a canção “Minha história” na voz de Chico Buarque, em <http://letras.terra.com.br/chico-buarque/45147/#>.

Observe os dois últimos versos, em destaque, na segunda estrofe.

Para se entender esse verso final, quando se diz que a mulher esperava “pregada na pedra do porto, com seu único velho vestido cada dia mais curto”, será necessário “inferir” (pois nada é dito explicitamente) por que o vestido estava cada dia mais curto. E, nesse caso, é preciso ativar conhecimentos de mundo e partilhados, segundo os quais, nesse contexto, a mulher estaria à espera de seu amor, que partiu, deixando-a grávida; daí, o vestido ficar cada vez mais curto, como consequência do aumento de sua barriga.

Você agora já sabe que as inferências ou subentendidos são inteiramente contextuais e dependem de um deciframento do receptor, a quem a responsabilidade do sentido construído pode ser delegada, isto é, o subentendido é de responsabilidade do receptor do texto, pois o locutor, ao se esconder por trás do sentido literal das palavras, pode dizer que não estava querendo dizer o que o receptor entendeu.

É importante lembrar, agora, que as *implicaturas conversacionais* (que estudamos na Aula 3) geradas a partir da transgressão de uma ou mais *máximas conversacionais* (*máxima da quantidade*: “não diga nem mais nem menos do que o necessário”; *máxima da qualidade*: “só diga coisas para as quais tem evidência adequada, não diga o que sabe não ser verdadeiro”; *máxima da relação*: “diga somente o que é relevante”; e *máxima de modo*: “seja claro e conciso” – GRICE, 1967) constituem também casos de subentendidos ou inferências.

A decodificação das inferências está ligada, portanto, ao fator de textualidade da *aceitabilidade*, que estudamos na Aula 3. A aceitabilidade diz respeito à nossa atitude receptiva em relação à mensagem a nós endereçada, ou seja, esperamos que o texto com que nos defrontamos seja útil e relevante, capaz de nos levar a adquirir conhecimentos ou a cooperar com os objetivos do produtor (locutor, enunciador).

Para que você perceba bem como se dá o processo de “geração de inferências”, retiramos do livro de Dell’Isola (2001: 43, 44) uma interessante ilustração que a professora extraiu de outros autores: Rickheit, Schnotz & Strohner (1985).

A operação da inferência é desenvolvida pelos leitores enquanto estão lendo o texto, ou após terminar a leitura. O texto serve, pois, como um estímulo para a geração mental de inferências.

$$\text{Inferência} = A \xrightarrow[\text{C}]{\quad} E,$$

em que A é a informação antiga, B é a informação nova, C é o contexto e a seta é o processo de geração de inferência. O processo é distribuído em três partes:

- 1) a representação psicológica das informações A e B;
- 2) a operação de inferência de B extraída de A;
- 3) a noção de contexto C e seu efeito sobre a inferência.

A informação anterior (A) apresenta um conteúdo semântico já conhecido ou que está sendo conhecido pelo leitor, enquanto a informação nova (B) é extraída a partir de (A) e, sob a influência de (C). Dessa forma, A e B são representações psicológicas individuais, mas mantêm relações passíveis de identificação.

A inferência distingue-se do pressuposto, porque este, como vimos, está inscrito no texto, sendo um dado colocado como indiscutível para locutor e receptor, não cabendo ser contestado. Já a inferência, como também vimos, é de responsabilidade do ouvinte.

Assim, quando observamos um fato ou ouvimos uma frase, tiramos certas conclusões a partir de dados que se encontram implícitos, ou seja, contidos no fato ou por trás da frase. Não é necessário que todas as ideias sejam explicitadas para que possamos tirar nossas conclusões. Veja mais um exemplo:

*O carnaval foi menos violento este ano.*



Roberto Moscatelli

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/16613>

Após a leitura desse enunciado, podemos fazer várias inferências:

Inferência (1): Houve campanhas de esclarecimentos à população.

Inferência (2): O maior policiamento nas ruas evitou a violência.

Inferência (3): O governo empenhou-se mais na proteção ao cidadão etc.

Podemos tirar essas conclusões, porque a frase apresenta indícios que serão completados com nosso conhecimento da realidade brasileira, do contexto socioeconômico-cultural em que vivemos. Estamos, portanto, sempre complementando e interpretando o que vemos e ouvimos com nosso repertório de informações. Nossos textos não precisam ser prolixos e redundantes. O leitor pode complementar a leitura do texto com base em seus dados de leitura da realidade.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 3

4. Aplique a fórmula do processo mental de “geração de inferência” em relação aos textos seguintes:

Texto 1: “Após terremoto, Chile tenta conter saques”.

Fonte: [www.yahoo.com.br](http://www.yahoo.com.br), 28 fev. 2010.

Texto 2: “Preparo e localização ajudam Chile a evitar ‘tragédia haitiana’”.

Fonte: [www.uol.com.br](http://www.uol.com.br), 28 fev. 2010.

---

---

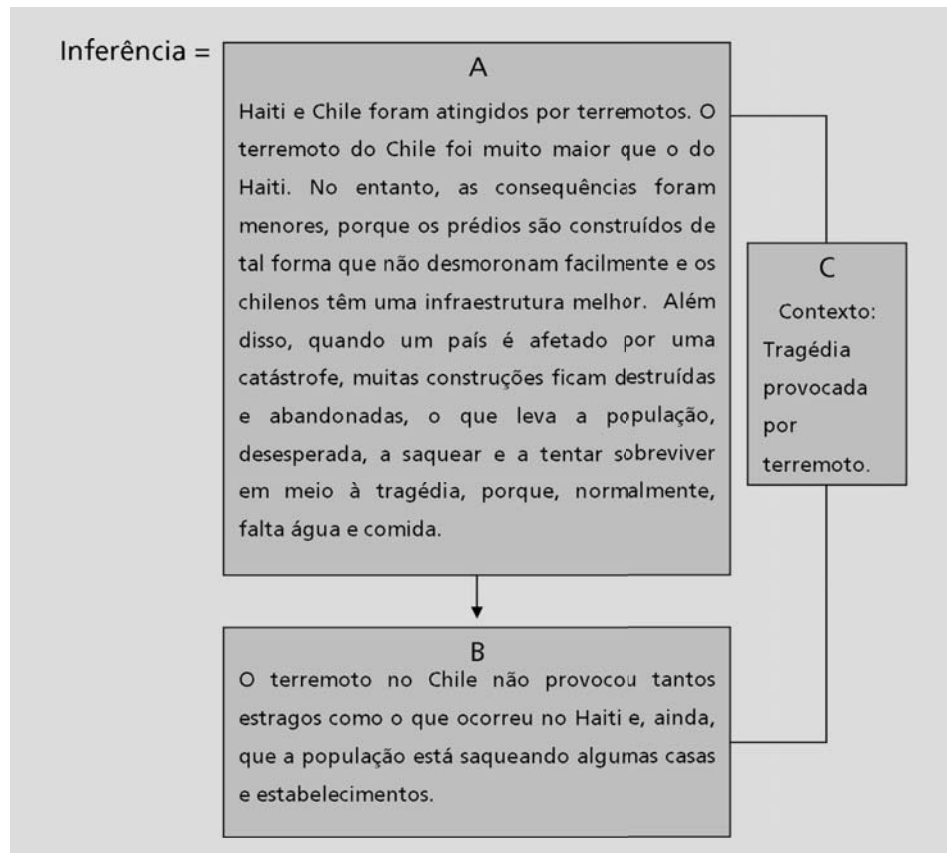
---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

4. Os textos 1 e 2 são manchetes de jornais online. Para entender a informação que é veiculada nos textos, o leitor precisa recuperar não só algumas informações, como também o contexto de uma tragédia provocada por um terremoto. Haiti e Chile foram atingidos por terremotos. O terremoto do Chile foi muito maior que o do Haiti. No entanto, não só as consequências foram menores, porque os prédios são construídos de tal forma que não desmoronam facilmente, soterrando as pessoas, como também os chilenos estavam mais preparados que os haitianos para enfrentar o terremoto. Além disso, quando um país é afetado por uma catástrofe, muitas construções ficam destruídas e abandonadas, o que leva a população, desesperada, a saquear e a tentar sobreviver em meio à tragédia, porque, normalmente, falta água e comida. Tais informações, auxiliadas pelo contexto, levam o leitor a inferir que o terremoto no Chile não provocou tantos estragos como o que ocorreu no Haiti e, ainda, que a população está saqueando algumas casas e estabelecimentos. Veja o esquema a seguir:



## CONCLUSÃO

A comunicação humana se dá por meio de textos, longos ou curtos, verbais ou não verbais, e, nessa comunicação, seria praticamente impossível, além de repetitivo e fastidioso, explicitar todas as informações necessárias à interpretação das mensagens. Daí a importância do conhecimento de mundo e do conhecimento compartilhado dos sujeitos envolvidos numa troca comunicativa para a construção do sentido, no processo de compreensão dos textos. Partindo da concepção de texto como “tecido”, descarta-se, portanto, a noção de que um texto seria um conjunto de informações objetivas; muito pelo contrário, o texto deve ser considerado como processo inferencial, construído na interação com outros indivíduos e envolvendo uma atividade tanto decodificadora, quanto criadora, com base nas vivências e experiências socioculturais determinadas.

Para finalizar, mais uma atividade para testar se você compreendeu bem tudo sobre o que falamos nesta aula.

## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 1, 2 e 4

Leia, a seguir, uma carta de leitor publicada no Jornal do Brasil *online*.

#### Planeta Terra

Importantíssima, como sempre, a edição de novembro do JB Ecológico. A Terra berra, mas ninguém escuta. A Terra dá chiliques, mas ninguém percebe. A Terra ferve em febre, mas ninguém sente. Nosso planeta está acabando num ritmo bem mais acelerado do que se esperava. Nosso presidente justifica tudo, mas não toma qualquer providência satisfatória. A Ministra Marina Silva parece que entregou os pontos. É agraciada na China por ter ideias de proteção ambiental, mas a teoria na prática é outra.

Quantos maremotos, tufões, terremotos, incêndios, enchentes e secas serão ainda necessários para que os políticos acordem e deixem de fazer as amadas armações para serem reeleitos e, num raio de lógica e bom senso, partam para soluções no campo ecológico que, aliás, estão totalmente ao alcance deles? Especialistas e técnicos altamente qualificados é o que não falta.

Geraldo Júnior, Rio de Janeiro – RJ

Fonte: Carta dos Leitores, 28 fev. 2010, *JB Online* In: [http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/jb\\_ecologico/2005/12/01/jorjbe20051201009.html](http://jbonline.terra.com.br/jb/papel/cadernos/jb_ecologico/2005/12/01/jorjbe20051201009.html).

“Carta de leitores” é um gênero textual em que o leitor mostra opiniões e sugestões, debate os argumentos levantados nos artigos publicados pelo jornal ou revista e faz críticas a respeito.

1- O leitor começa elogiando as edições do JB. Na afirmativa: “Importantíssima, como sempre, a edição de novembro do JB Ecológico.”, identifique o posto, o pressuposto e o marcador de pressuposição.

---

---

---

---

2- Nessa carta de leitor, o planeta Terra é personificado, ou seja, a ele são atribuídas ações próprias dos seres humanos, como: “A Terra berra, mas ninguém escuta.

A Terra dá chiliques, mas ninguém percebe. A Terra ferve em febre, mas ninguém sente.” Ao personificar a Terra, o autor da carta procura fazer uma crítica. Explique.

---

---

---

---

---

3- Nas afirmativas abaixo, identifique o conteúdo que está implícito:

(a) “Nosso planeta está acabando num ritmo bem mais acelerado do que se esperava.”

---

---

---

---

(b) “Nosso presidente justifica tudo, mas não toma qualquer providência satisfatória.”

---

---

---

---

4- No enunciado “Os homens continuam ameaçando o equilíbrio do planeta Terra.” é possível identificar um pressuposto ou uma inferência?

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

1- Posto: *Importantíssima, como sempre, a edição de novembro do JB Ecológico.*

Pressuposto: *As edições do JB ecológico são sempre importantíssimas.*

Marcador de pressuposição: *“como sempre”.*

2- O autor da carta quer chamar a atenção do leitor para a destruição do planeta Terra. Mesmo o planeta dando todos os sinais: “berrar” (trovões), “dar chiliques”



*(terremotos, maremotos, tufões, incêndios, enchentes, seca...) e “ferver em febre” (aquecimento global), os seres humanos parecem ignorar. E isso é denunciado no decorrer da carta.*

*3- (a) É esperado que o planeta se acabe, mas não num ritmo acelerado. Fica implícito o descaso da população com o planeta, ou seja, de modo geral, sabe-se que nada dura para sempre e, como consequência, o planeta poderia desgastar-se com o tempo. É a destruição em ritmo acelerado que não é aceitável por ser de inteira responsabilidade do ser humano.*

*(b) Está implícito que o presidente tem um bom discurso, mas, na prática, não age de forma satisfatória para evitar a destruição do planeta.*

*4- No enunciado em questão é possível identificar um pressuposto, marcado pelo verbo que indica permanência de estado “continua”. Isso significa dizer que o homem não começou agora a ameaçar o equilíbrio do planeta, mas que já o fazia antes.*

## RESUMO

O sentido de um texto não depende apenas da estrutura textual em si mesma, porque não podem existir textos totalmente explícitos. Por isso, o produtor do texto precisa fazer uma espécie de “balanceamento” do que necessita ser explicitado textualmente e do que pode permanecer implícito, para ser recuperável por meio de inferências. Entre os conteúdos semânticos implícitos, estão os pressupostos e as inferências. Os pressupostos são ideias não expressas de maneira explícita, mas que o leitor pode perceber a partir de certas palavras ou expressões contidas na frase. Em outras palavras, são conteúdos significativos que ficam à margem da discussão. Os pressupostos, diferentemente das inferências, são marcados linguisticamente no texto. A inferência é uma operação mental em que o leitor constrói novas proposições a partir de outras já dadas. São as relações não explícitas entre elementos que o receptor de um texto consegue estabelecer a partir de seu conhecimento de mundo. A inferência distingue-se do pressuposto porque este está inscrito no texto, sendo um dado colocado como indiscutível para locutor e receptor, não cabendo ser contestado, enquanto aquela é de responsabilidade do ouvinte.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos tratar do problema da “ambiguidade” no texto. Até lá!

12

AULA

## LEITURAS RECOMENDADAS

APÓS terremoto, Chile tenta conter saques. Disponível em: <[www.yahoo.com.br](http://www.yahoo.com.br)>. 28 fev. 2010.

DELL'ISOLA Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editoria, 2001.

PREPARO e localização ajudam Chile a evitar tragédia haitiana. Disponível em: <[www.uol.com.br](http://www.uol.com.br)>. 28 fev. 2010.



# A ambiguidade é um problema?

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

AULA

# 13

## Meta da aula

Apresentar a ambiguidade como recurso estilístico (ambiguidade intencional) ou como problema a ser evitado (ambiguidade involuntária).

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. conceituar ambiguidade;
2. distinguir a ambiguidade intencional, da involuntária;
3. reconhecer a ambiguidade polissêmica e a ambiguidade estrutural;
4. identificar as causas da ambiguidade estrutural.

## INTRODUÇÃO

O tema da nossa aula de hoje é apresentado por meio de uma pergunta: A ambiguidade é um problema?

Antes de responder a essa pergunta, vamos, em primeiro lugar, conceituar “ambiguidade”.

De modo geral, esse termo se refere à propriedade de certos enunciados poderem ser interpretados de diferentes maneiras, sendo, pois, sinônimo de “pouco claro”.

A ambiguidade pode provir de uma “imperfeição” do falante, e/ou de uma “deficiência” do sistema da língua e é problemática porque se instala no receptor, já que o falante, por saber o que quer dizer, não percebe que está sendo ambíguo.

Agora, vamos à resposta daquela pergunta:

Há casos em que a ambiguidade não é um problema, pois corresponde a uma intenção do falante, como ocorre em textos publicitários, humorísticos e literários.

Vejamos este exemplo, de um texto de publicidade:



**Figura 13.1:** Faixa. De uma forma ou de outra, você acaba usando.

Fonte: <http://www.transportes.gov.br/Pare/Camp5.htm>

No caso desse texto de propaganda, a ambiguidade é intencional, voluntária e, por isso mesmo, é considerada estilística. O enunciador tira proveito da possibilidade de duplo sentido do termo “faixa” e constrói o seu texto jogando com os dois sentidos (faixa de pedestre e faixa de curativo) para atingir o interlocutor, afetando-o.

A ambiguidade só deve, portanto, ser evitada quando é involuntária, pois é aí que se torna um problema. Coloca-se, então, a questão: como vamos evitar aquilo de que não nos damos conta?

## TIPOS DE AMBIGUIDADE

A ambiguidade pode ser **POLISSÊMICA** ou *estrutural*. No primeiro caso, envolve palavras que apresentam mais de um sentido, podendo ser evitada pela substituição do vocábulo problemático por outro equivalente ou, ainda, pelo maior esclarecimento do contexto; no segundo, ocorre devido a problemas de construção na estrutura do enunciado.

**POLISSÊMICA**  
(adjetivo).  
**Polissemia** (substantivo): uma mesma forma linguística com mais de um significado.

### Ambiguidade polissêmica

Vejamos o exemplo seguinte:

*A moça disse: Não gostei da manga.*

Será que a moça está se referindo à manga fruta, ou à manga da blusa? Provavelmente, uma explicitação do contexto em que essa frase foi dita resolveria o problema:

*A moça, ao escolher as frutas para a salada, disse: Não gostei da manga.*

Ou

*A moça disse à costureira: Não gostei da manga.* (É óbvio que se trata da manga da roupa.)

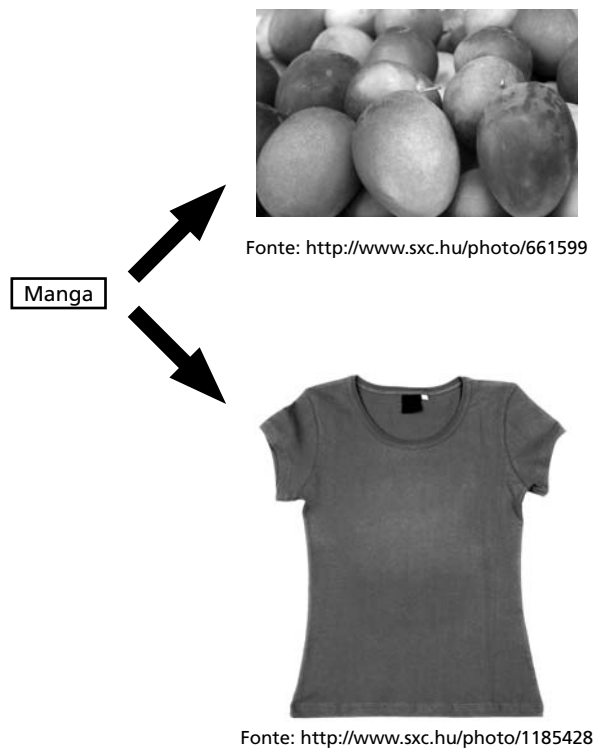


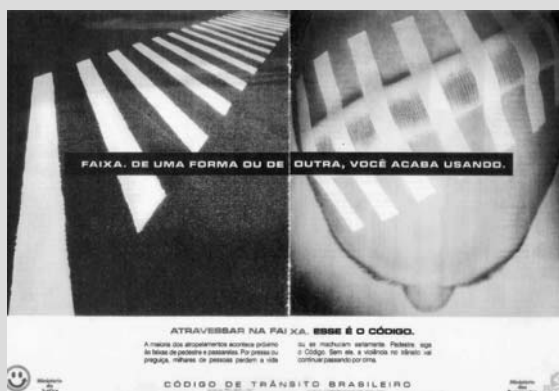
Figura 13.2: Alguns significados da palavra “manga”.

### ATIVIDADES



#### Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Volte ao texto publicitário apresentado na introdução desta aula e identifique o tipo de ambiguidade nele encontrada.



2. Crie uma expectativa de sentido de forma a anular a ambiguidade nas frases seguintes. Para isso, substitua a palavra escrita em caixa alta, de sentido mais geral, por outra que limite o sentido do vocábulo que está em *itálico> e que é gerador da ambiguidade:*

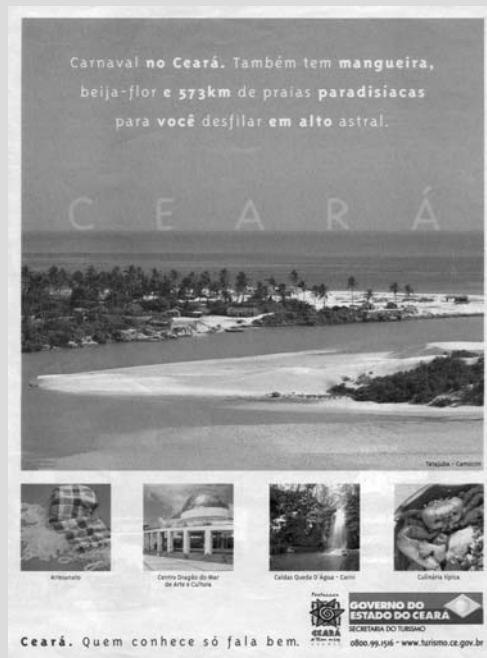
a) O RAPAZ encontrou as *balas* que procurava. (munição)

b) O HOMEM esperava que suas *ações* lhe trouxessem vantagens. (aplicações bancárias)

c) A MULHER não conseguiu a *linha* que desejava. (fio)

d) O RAPAZ pediu uma *vela* nova. (vela de ignição)

3. Explique por que o texto publicitário da Secretaria de Turismo do Ceará é ambíguo. Observe a época em que foi publicado.



**Figura 13.3:** “Carnaval no Ceará. Também tem mangueira, beija-flor e 573km de praias paradisíacas para você desfil~~ar~~ em alto astral.”

Fonte: [www.turismo.ce.gov.br](http://www.turismo.ce.gov.br)

---

---

---

---

---

---

---

---



**RESPOSTA COMENTADA**

1. Você, com certeza, respondeu que se trata de uma ambiguidade polissêmica, ou seja, da possibilidade de duplo sentido do vocábulo “faixa”.

2.a) O ASSALTANTE encontrou as balas que procurava.

b) O EXECUTIVO esperava que suas ações lhe trouxessem vantagens.

c) A COSTUREIRA não conseguiu a linha que desejava.

d) O MECÂNICO pediu uma vela nova.

3. O anúncio da Secretaria de Turismo do Ceará foi veiculado na época do Carnaval. Por isso, há a utilização das palavras mangueira, beija-flor e do verbo desfilar, todas em sentido ambíguo. “Mangueira” e “Beija-flor” são nomes de escolas de samba do Rio de Janeiro, mas, na propaganda, essas palavras podem-se referir, respectivamente, à árvore frutífera da manga, e ao pássaro, que remetem à possibilidade de exaltação da Natureza, tão comum em propagandas que envolvem as cidades do Nordeste. A marca gráfica da letra minúscula inicial, nessas palavras, ratifica essa hipótese. Já o verbo “desfilar” complementa esse quadro, prestando-se, simultaneamente, ao léxico do Carnaval e ao da fruição na Natureza – passeios que os turistas podem fazer na região. Vale a pena, ainda, chamar a atenção para o marcador de pressuposição – também – estudado na Aula 12, que remete, implicitamente, ao Carnaval do Rio, ou seja, não só o Rio tem “mangueira”, beija-flor” e “desfile”, mas o Ceará também.

A *ambiguidade polissêmica*, portanto, é mais fácil de ser resolvida, já que o contexto em que as formas se inserem pode desfazer essa ambiguidade. Também a *focalização* (um dos fatores responsáveis pela coerência, que estudamos na Aula 10) comum por parte dos interlocutores permitirá depreender o sentido do termo naquela situação específica.

## **AMBIGUIDADE ESTRUTURAL**

O problema maior reside, então, na *ambiguidade estrutural*, que decorre de falhas, brechas no sistema linguístico.

O professor Agostinho Carneiro, em um livro, *Redação em construção* (2001), apresenta causas para a ambiguidade estrutural, que é, na maior parte das vezes, involuntária.

Destaca, então, o professor Agostinho as seguintes causas:

1ª - Difícil distinção entre agente e paciente:

Ex.: A “*descrição da professora*” foi bem-feita.

O segmento em destaque gera ambiguidade, pois não se sabe se a professora fez uma descrição de alguém, ou de algo, sendo, portanto, agente de uma ação, ou se ela foi descrita por alguém, sendo, portanto, paciente dessa ação.

Sugestão para “desambiguar” o enunciado:  
– Agente: *A professora fez uma boa descrição de...*  
– Paciente: *Descreveram bem a professora.*

2ª - Mau uso da coordenação:

Ex.: “*Botafogo e Fluminense*” jogarão amanhã.

Não se sabe se jogarão entre si ou se cada um vai jogar com um outro time.

Sugestão para “desambiguar”:  
*Botafogo jogará contra o Fluminense amanhã.*  
*Botafogo jogará amanhã contra o... e o Fluminense, contra o...*

3ª - Má colocação das palavras:

Ex.: *A professora deixou a turma entusiasmada.*

A professora estava entusiasmada? Ou a turma ficou entusiasmada com a professora?

Sugestão para “desambiguar”:  
*A professora, que estava entusiasmada, deixou a turma.*  
*A professora deixou a turma entusiasmada.*

4ª - Mau uso de pronomes relativos:

Isso ocorre, geralmente, quando o pronome relativo tem dois antecedentes e, então, não se sabe a que ou a quem se refere:

Ex.: *Encontrei Maria e minha prima “que” não via há algum tempo.*

Eu não via há algum tempo Maria, ou minha prima? O pronome relativo “que” pode se referir às duas.

Sugestão para “desambiguar”:

*Encontrei Maria, que não via há tempo e sua prima.*

*Encontrei a prima de Maria, que não via há tempo e Maria.*

5ª - Não distinção de pronome relativo e conjunção integrante.

Ex.: *João falou com o rapaz “que mora ali”.*

Quem mora ali? João ou o rapaz?

Sugestão para “desambiguar”:

*João falou com o rapaz que (o qual rapaz) mora ali.* Nesse caso, o “que” é pronome relativo.

*João falou que mora ali para o rapaz.* Nesse caso o “que” é conjunção integrante. É como se quisesse dizer: João falou “isso” para o rapaz.

6ª - Mau uso de formas nominais:

(As formas nominais são o gerúndio, o particípio e o infinitivo).

O gerúndio é bastante ambíguo.

Ex.: *Vi João e a namorada “passando” mal.*

Quem estava passando mal? João ou a namorada?

Sugestão para “desambiguar”:

*Vi João, que passava mal, e a namorada.*

*Vi João e a namorada, que passava mal.*

7ª - Indefinição de complementos:

Ex.: *Maria quer viajar logo, mas sua mãe não quer.*

A mãe de Maria não quer viajar logo, ou não quer que Maria viaje?

Sugestão para “desambiguar”:

*Maria quer viajar logo, mas sua mãe não quer a viagem tão brevemente.*

*Maria quer viajar logo, mas sua mãe não quer que ela viaje.*

8ª - Mau uso dos possessivos:

Ex.: *O menino disse à mãe que “sua” irmã estava ao telefone.*

A irmã do menino, ou da mãe?

Sugestão para “desambiguar”:

*O menino disse que sua irmã estava doente para a mãe.*

*O menino disse à mãe que a irmã dela estava doente.*

## ATIVIDADES



## Atendem ao Objetivo 4

4. Leia, a seguir, a manchete veiculada na primeira página do jornal *O Globo* de 16 de dezembro de 2009. Você deve saber que Obama é o presidente dos Estados Unidos.

**A prisão de Obama**

O presidente dos EUA, Barack Obama, determinou a compra de uma prisão estadual numa pacata cidade rural do Illinois para abrigar os presos de Guantánamo.

A manchete “A prisão de Obama” veiculada no jornal *O Globo* é ambígua. Por quê? A ambiguidade é polissêmica ou estrutural?

---



---



---



---

5. Agora, observe o texto que segue, publicado na *Folha Sudeste*, de 6 de junho de 1982 e já utilizado, inclusive, em questões de interpretação do vestibular da Unicamp.

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou a autorização dos pais.

a) Que passagem produz efeito de humor? Por quê?

---



---



---



---

b) Reescreva a passagem de modo a desfazer a ambiguidade.

---



---



---



---

**RESPOSTA COMENTADA**

4. A manchete é ambígua, porque não se sabe se Obama mandou fazer a prisão ou se ele prendeu alguém, sendo, portanto, agente de uma ação, ou se ele foi preso, sendo, portanto, paciente dessa

*ação. É claro que essa ambiguidade se desfaz, linhas abaixo, com a leitura da complementação da notícia. Nesse caso, trata-se da ambiguidade estrutural.*

*5.a) A passagem “A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou a autorização dos pais” produz efeito de humor, porque é ambígua. Trata-se da ambiguidade estrutural, pois o texto está mal escrito. De acordo com o que foi publicado no jornal, “se estiverem acompanhados ou se tiverem a autorização dos pais, menores de 18 anos podem frequentar motéis e rodeios”, o que não é verdade, pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). A autorização dos pais ou a presença deles só permite a entrada de menores em rodeios, e não em motéis.*

*b) O trecho poderia ter sido escrito da seguinte forma: “A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis. Rodeios só com companhia ou autorização dos pais.”*

## A AMBIGUIDADE E O EMPREGO DE POSSESSIVOS

A ambiguidade estrutural se manifesta com bastante intensidade no emprego de pronomes possessivos.

Teoricamente, há duas causas para a ambiguidade do possessivo “seu”:

1ª - ambiguidade causada por *seu* pode ter, num enunciado, dois ou mais referentes diferentes, todos de terceira pessoa, como acabamos de ver no tópico 8, das causas de ambiguidade estrutural;

2ª - ambiguidade causada pelo emprego da mesma forma *seu* em referência a pessoas gramaticais do singular e do plural, tais como *tu*, alternando com *vós*, ou ainda *ele (ela)*, *você*, alternando com *eles (elas)*, *vocês*.

Essa ambiguidade é própria dos possessivos e não existe da mesma maneira em outras línguas, como por exemplo, em inglês, em que não há dúvidas quanto ao emprego de *your* para a segunda pessoa (correspondente a *você*) e *his/her* para a terceira (correspondente a *dele, dela*).

Com efeito, na língua portuguesa, o pronome *seu*, especialmente, é muito ambíguo. Pode corresponder a *de você, dele, deles, de vocês, do senhor etc.*

O professor Mário Perini (2004, p. 62) dá um exemplo muito interessante em relação à ambiguidade do possessivo:

*Vou convidar a Patrícia e seu marido para jantar em casa.*

Isto é, “Vou convidar a Patrícia e o marido de Patrícia”.

Se essa frase for falada, significará outra coisa: “Vou convidar Patrícia e o marido da pessoa com quem estou falando” (o “teu” marido).

O professor Perini diz que percebeu essa diferença quando viu uma estrangeira, escutando um disco de Maria Bethânia, dizer para a amiga brasileira: “Sua voz é muito bonita.” A amiga respondeu: “Obrigada.”

Na verdade, a estrangeira queria dizer: “A voz *de la* é bonita.”

### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 3 e 4

6. Leia o texto seguinte:

Num programa de TV, o locutor conta a seguinte piada:

Um empresário chama seu contínuo e pergunta-lhe:

- José, você seguiu, como eu lhe pedi, o nosso gerente-geral para saber-mos o que ele faz toda quinta-feira, quando sai daqui?
- Segui, sim senhor, e vi que ele pegava seu carro e sua esposa e ia para a Barra da Tijuca.
- Mas que programa mais bobo! Após vinte anos de casado, pegar a mulher e o carro e ir para a Barra!
- Chefe, posso chamar o senhor de “tu” um instantinho?
- Claro, pode, o que é?
- Bem, chefe, é “tua” esposa e “teu” carro que ele leva à Barra!”

Agora, responda:

a. O texto se desenvolve a partir da ambiguidade. Trata-se da ambiguidade intencional, ou da ambiguidade involuntária, ou seja, daquela que ocorre quando não se sabe que se está sendo ambíguo?

---



---

b. Ela é polissêmica ou estrutural?

---



---

c. Como essa ambiguidade poderia ser evitada?

---



---



---

**RESPOSTA COMENTADA**

- a. A ambiguidade é intencional, pois o texto é humorístico, uma piada.  
b. A ambiguidade é estrutural, determinada pelo emprego de pronome possessivo.  
c. O próprio texto sugere a “desambiguação” quando o contínuo pergunta ao chefe se pode chamá-lo de “tu” por um instantinho. Se essa anedota não é muito engraçada, é justamente pelo fato de ser previsível que a ambiguidade da forma “seu” seria usada.

Antes de realizarmos a última atividade desta aula, vale a pena lembrar:

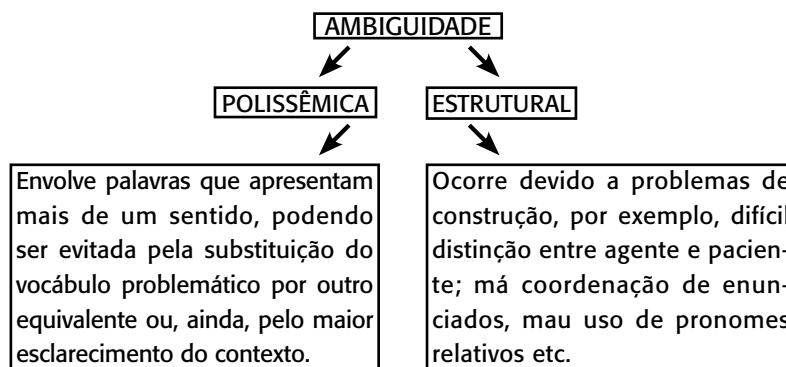


Figura 13.4: Tipos de ambiguidade.

## CONCLUSÃO

Você deve ter percebido que a ambiguidade pode ser utilizada como recurso de expressão em alguns textos, como publicidades, piadas, histórias em quadrinhos e outros, tornando a leitura mais descontraída. Porém, às vezes, pode ser um problema textual, ocasionado pela falta de conhecimento, má estruturação e escolha dos enunciados. Diferentemente da linguagem oral, que conta com certos recursos para tornar o sentido preciso – os gestos, a expressão corporal ou facial, a repetição etc. –,

a língua escrita conta apenas com as palavras. Por isso, é imprescindível empregá-las adequadamente, pois nem sempre o contexto é suficiente para desfazer a ambiguidade.

## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

Para terminar, propomos a leitura de um pequeno trecho de um texto de Carlos Drummond de Andrade. Observe como uma expressão ambígua pode gerar uma enorme confusão.

#### Vó caiu na piscina

Noite na casa da serra, a luz apagou. Entra o garoto:

– Pai, vó caiu na piscina.

– Tudo bem, filho.

O garoto insiste:

– Escutou o que eu falei, pai?

– Escutei, e daí? Tudo bem.

– Cê não vai lá?

– Não estou com vontade de cair na piscina.

(...)

– Não, pai, cê não acreditou ni mim.

– Ah, você está me enchendo. Vamos acabar com isso. Eu acreditei. Quantas vezes você quer que eu diga isso? Ou você acha que estou dizendo que acreditei mas estou mentindo? Fique sabendo que seu pai não gosta de mentir.

– Não te chamei de mentiroso.

– Não chamou, mas está duvidando de mim. Bem, não vamos discutir por causa de uma bobagem. Sua avó caiu na piscina, e daí? É um direito dela. Não tem nada de extraordinário cair na piscina. Eu só não caio porque estou meio resfriado.



(...)

O garoto sai, desolado. Aquele velho não compreende mesmo nada. Daí a pouco chega a mãe:

– Eduardo, você sabe que dona Marieta caiu na piscina?

– Até você, Fátima? Não chega o Nelsinho vir com essa ladainha?

– Eduardo, está escuro que nem breu, sua mãe tropeçou, escorregou e foi parar dentro da piscina, ouviu? Está com a vela acesa na mão, pedindo para que tirem ela de lá, Eduardo! Não pode sair sozinha, está com a roupa encharcada, pesando muito, e se você não for depressa, ela vai ter uma coisa! Ela morre, Eduardo!

– Como? Por que aquele diabo não me disse isto? Ele falou apenas que ela tinha caído na piscina, não explicou que ela tinha tropeçado, escorregado e caído! Saiu correndo, nem esperou a vela, tropeçou, quase que ia parar também dentro d'água.

– Mamãe, me desculpe! O menino não me disse nada direito. Falou que a senhora caiu na piscina. Eu pensei que a senhora estava se banhando.

– Está bem, Eduardo – disse dona Marieta, safando-se da água pela mão do filho, e sempre empunhando a vela que conseguira manter acesa. – Mas de outra vez você vai prestar mais atenção no sentido dos verbos, ouviu? Nelsinho falou direito, você é que teve um acesso de burrice, meu filho!

(Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond. *Vó caiu na piscina*. São Paulo: Editora Record. Texto disponível em: [www.escolasaopaulo.com.br/arquivos/b20085af.pdf](http://www.escolasaopaulo.com.br/arquivos/b20085af.pdf))

1. Que expressão de sentido ambíguo fez com que o pai não entendesse o que o filho queria dizer? Que sentidos essa expressão pode ter?

---

---

---

---

---

2. Outras expressões com o verbo “cair” produzem, também, efeitos de sentido diferentes. Você conhece alguma?

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

1. A expressão “cair na...” é ambígua. Pode significar que alguém caiu, tropeçou etc., mas também, que alguém está praticando uma ação por vontade própria, com disposição. Assim, no texto, o pai pensou que a mãe dele estava aproveitando um banho na piscina e não que tinha tropeçado e caído acidentalmente.
2. Algumas sugestões: “cair na folia”, “cair na noitada” etc.

**RESUMO**

A ambiguidade se refere à propriedade de certos enunciados poderem ser interpretados de diferentes maneiras, sendo, pois, sinônimo de “pouco claro”. A ambiguidade pode provir de uma “imperfeição” do falante, e/ou de uma “deficiência” do sistema da língua e é problemática porque se instala no receptor. A ambiguidade pode ser polissêmica, ou estrutural. A ambiguidade polissêmica é mais fácil de ser resolvida, já que o contexto em que as formas se inserem pode desfazer essa ambiguidade. Também a focalização comum dos interlocutores permitirá depreender o sentido do termo naquela situação específica. O problema maior reside, então, na ambiguidade estrutural, que decorre de falhas, brechas no sistema linguístico. São muitas as causas responsáveis pela ambiguidade estrutural.

**INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA**

Na próxima aula, vamos continuar a estudar os mecanismos de construção de sentido. Apresentaremos a distinção entre sentido de língua e sentido de discurso, articulada, respectivamente, aos processos de compreensão e de interpretação.



# Sentido de língua/ sentido de discurso: compreender/interpretar

Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas

AULA

14

## Meta da aula

Apresentar a distinção entre *sentido de língua* e *sentido de discurso*, articulada respectivamente aos processos de compreensão e de interpretação.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. diferenciar sentido de língua (denotado) e sentido de discurso (conotado);
2. reconhecer o signo linguístico como um composto de significante e significado;
3. diferenciar plano da expressão e plano do conteúdo;
4. reconhecer a metáfora e seus tipos;
5. reconhecer a metonímia;
6. identificar casos em que se diz uma coisa para significar outra (ironia e eufemismo);
7. distinguir compreensão e interpretação.

## INTRODUÇÃO

Vamos iniciar a nossa aula de hoje apresentando a você uma situação-problema.

Imaginemos que você ouve de um rapaz a seguinte frase:

*Tenho 30 anos.*

Que informação esse rapaz passou a você?

Com certeza, você vai responder que ele disse a idade, não é mesmo?

Agora, preste atenção a esta situação:

Essa mesma frase será dita por duas outras pessoas: uma é um jogador de futebol e a outra, um rapaz que acabou de ser nomeado para um cargo de diretor de uma empresa multinacional.



**Figura 14.1:** Jogador de futebol.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1162458>



**Figura 14.2:** Executivo.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/510871>

O sentido permanece o mesmo? É só a idade cronológica que conta?

É claro que não.

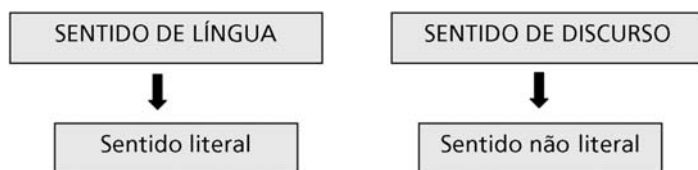
Para um jogador de futebol, o que quer dizer ter 30 anos? E para um jovem executivo?

Para um jogador de futebol, ter 30 anos significa já estar ficando velho para a profissão. Já para o executivo recém admitido como diretor, ter 30 anos significa ser bastante inteligente ou competente para com tão pouca idade ser convidado a um cargo tão importante.

Você observa, então, que essa mesma frase, cujo conteúdo semântico revela a idade da pessoa, vai adquirir significado extra, condicionado pelas circunstâncias.

Foi com esse exemplo que Patrick Charaudeau, um linguista francês, mostrou, em uma palestra, a diferença do que ele chama *sentido de língua* e *sentido de discurso*.

Quando o significado da frase remete para o sentido literal, da idade mesmo, tem-se o *sentido de língua*. Já o significado modificado em função das circunstâncias caracteriza o *sentido de discurso*.



**Figura 14.3:** Sentido de língua x sentido de discurso.

É sobre isso que vamos conversar hoje.

## SENTIDO DE LÍNGUA E SENTIDO DE DISCURSO

Por meio das palavras e dos textos, passamos de um *mundo real* a um *mundo representado*.

No ato de comunicação, o locutor tem por objetivo significar o mundo – a partir da sua intencionalidade – para o receptor. Nesse processo, para a (res)significação do mundo, o locutor precisa não só mobilizar o sentido das palavras e suas regras de combinação, mas também construir um sentido que corresponda a seu propósito, a sua intenção. É, então, nesse momento, que se passa do *sentido de língua* ao *sentido de discurso*, pois o receptor não deverá buscar o mero significado das palavras (*sentido de língua*), mas seu sentido social (*sentido de discurso*).

O *sentido de língua* refere-se ao mundo de maneira transparente, resultando de um processo semântico-cognitivo de ordem *categorial* que consiste em atribuir às palavras *traços distintivos*, caracterizando-as. Assim, mobilizando o sentido das palavras, o locutor constrói um sentido que poderemos denominar de literal ou explícito, um *sentido de língua*, que se mede segundo critérios de *coesão*.

Já o *sentido de discurso* deve corresponder à intencionalidade do locutor, permitindo-lhe passar do sentido das palavras ao sentido de seu discurso. Para isso, ele deve seguir um processo semântico-cognitivo que

consiste em relacionar as palavras e sequências portadoras de sentidos de língua a outras palavras e sequências que se acham registradas na memória do receptor. Trata-se de um processo de ordem *inferencial* que produz deslizamentos de sentido. Assim, por meio dessa atividade, frequentemente chamada *intertextualidade*, o sujeito comunicante constrói um sentido que poderemos chamar de indireto ou implícito, um *sentido de discurso*, que se mede segundo critérios de *coerência*.

Paralelamente aos conceitos de *sentido de língua* e *sentido de discurso*, há outros conceitos de que você já deve ter ouvido falar: o de denotação e o de conotação, por exemplo.

## DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Antes de tratar da *denotação* e da *conotação*, vamos nos referir a alguns aspectos relativos à significação das palavras, começando pelo conceito de *signo linguístico*.



O *signo linguístico* é a unidade constituída pela união de um *significante* com um *significado*. O *significante* é a parte perceptível, constituída de sons que podem ser representados por letras; constitui, portanto, o *plano da expressão*. O *significado* é a parte inteligível, constituída de um conceito e correspondente ao *plano do conteúdo*.

Quando ouvimos uma palavra como *casa*, por exemplo, percebemos um conjunto de sons (*significante*) a que associamos um conceito (*significado*).

## Exemplo de signo linguístico

Significante (plano da expressão): casa/c a s a/

Significado (plano do conteúdo):



Robert Linder

**Figura 14.4:** Casa.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1212524>

A articulação entre o *plano da expressão* e o *plano do conteúdo* aponta para o que chamamos *denotação*, ou seja, o significado denotativo é o conceito ao qual nos remete um determinado significante. Quando procuramos o significado de uma palavra no dicionário, estamos querendo saber o que ela denota, ou qual significado está investido num determinado significante.

Vale lembrar que, na *polissemia* (a que nos referimos na Aula 13, sobre ambiguidade), um plano de expressão (um significante) pode ser suporte para mais de um plano de conteúdo (significado), isto é, um mesmo termo que comporta vários significados. Vimos, também, que a *polissemia* pode não prejudicar a clareza da comunicação, porque é neutralizada pelo contexto.

Observe a palavra “*mesa*” nos enunciados a seguir:

- (1) A mesa do jantar estava bem arrumada.



Thomas Rola

**Figura 14.5:** A mesa do jantar (mobiliário).

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1144569>



(2) A mesa diretora decidiu adiar a reunião.



**Figura 14.6:** Mesa diretora.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/37056>

Assim, uma mesma palavra pode ter vários significados, que podem ser identificados, na maioria das vezes, pelo contexto.

Por outro lado, é preciso considerar que a palavra, além de seu significado básico, denotativo, comporta outros significados, carregados de valores positivos e/ou negativos. Assim, sobre o signo linguístico, constituído de um plano de expressão e outro, de conteúdo, acrescenta-se um outro plano de conteúdo, desta feita, acrescido de valores sociais, impressões pessoais que o signo pode despertar. O sentido conotativo varia de acordo com a cultura, a classe social, a época.

### ATIVIDADES



#### Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

1. As palavras destacadas nas expressões seguintes têm sentido denotativo. Construa uma nova expressão em que elas ganhem um sentido conotativo, conforme o modelo.

MODELO:

1º As *asas* do passarinho. (sentido denotativo)

2º As *asas* da imaginação. (sentido conotativo)

a) 1º As *chamas* do incêndio.

2º \_\_\_\_\_

b) 1º O Os *espinhos* da rosa.

2º \_\_\_\_\_

c) 1ª A *doçura* da fruta.

2ª \_\_\_\_\_

d) 1ª A *frieza* do gelo.

2ª \_\_\_\_\_

e) 1ª O *calor* do fogo.

2ª \_\_\_\_\_

2. A palavra “vela” é polissêmica. Pode significar “vela de cera”, “vela de ignição”, “vela de barco” etc.



Angel Janer

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/908261>

Vela



Dariusz Rompa

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1159815>



Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Vela\\_de\\_ignição](http://pt.wikipedia.org/wiki/Vela_de_ignição)

Esses diferentes significados correspondem ao plano do conteúdo ou ao plano da expressão do signo linguístico?

---



---



---



---



---

#### RESPOSTA COMENTADA

1. Daremos uma opção de resposta, dentre outras que poderiam ser lembradas para preencher o sentido conotativo:

a) 1ª As chamas do incêndio.

2ª As chamas da paixão.

b) 1ª Os espinhos da rosa.

2ª Os espinhos da vida.

c) 1ª A doçura da fruta.

2ª A doçura de seus lábios.

d) 1ª A frieza do gelo.

2ª A frieza do seu olhar.

e) 1ª O calor do fogo.

2ª O calor da discussão.

2. O signo linguístico é formado pela união de um significante (plano da expressão) a um significado (plano do conteúdo). Assim, a palavra "vela" apresenta um único significante "v-e-l-a", mas diferentes significados no plano do conteúdo.

## RELAÇÃO DE SEMELHANÇA OU DE CONTIGUIDADE

O segundo significado, o conotado, tem relação com o primeiro significado. Assim, a alteração de sentido pelo acréscimo de um novo significado deriva da relação que o locutor vê entre o significado primeiro e o novo significado. Essa relação pode ser de semelhança ou de contiguidade (proximidade).

Há, então, dois tipos básicos de mudança de sentido: a que decorre de uma relação de semelhança entre o significado de base e o significado acrescentado, ou *metáfora*, e a que decorre de uma relação de contiguidade entre eles, ou *metonímia*.

### A metáfora

A *metáfora* vem sendo estudada há mais de dois mil anos. Aristóteles, por volta do ano 336 a.C., a ela já se reportava.



**Metáfora** é a alteração de sentido de uma palavra pelo acréscimo de um segundo significado, quando há uma relação de semelhança, de interseção entre o sentido de base e o acrescentado, ou seja, quando esses significados apresentam traços comuns.

A *metáfora* é uma comparação implícita.

Por exemplo, se digo “*Maria é uma rosa*”, estou comparando Maria com uma rosa, por meio de traços comuns não explicitados.

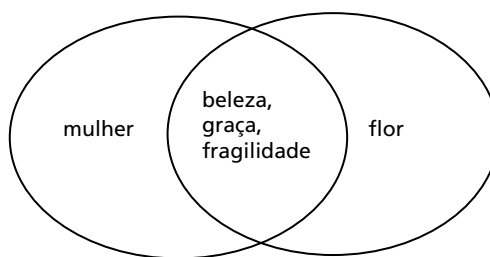
O esquema seguinte mostra essa relação:

**Gráfico 14.1:** A construção da metáfora



**Figura 14.7:** Jovem mulher.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/727729>



Bev Lloyd-Roberts

**Figura 14.8:** Uma rosa.

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1240862>

Na nossa vida diária, mesmo sem nos darmos conta, fazemos uso de metáforas frequentemente. Por exemplo, quando dizemos:

“Hoje estou nas nuvens”; “Hoje estou pra baixo”.

Muitos estudiosos têm-se debruçado sobre a análise da metáfora. Na nossa aula de hoje, vamos fazer uma breve referência ao trabalho de dois importantes linguistas – Lakoff & Johnson (1980) – trabalho este considerado um marco nos estudos sobre processos metafóricos.

Esses autores apresentam, nesse trabalho, um recorte no estudo da metáfora, que privilegia dois grandes grupos: o das *metáforas orientacionais* e o das *metáforas ontológicas*.

As *metáforas orientacionais* baseiam-se em nossa experiência física e cultural e recebem esse nome porque a maioria delas relaciona-se à orientação espacial. As *metáforas ontológicas*, por sua vez, relacionam-se a experiências com objetos físicos. Em outras palavras, nossas

experiências com objetos físicos (especialmente nossos corpos), fornecem a base para uma grande variedade de metáforas ontológicas, isto é, maneiras de interpretar os acontecimentos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias.

Considera-se, portanto, a metáfora como fenômeno discursivo, que se apresenta em um contexto referencial, inserido num contexto cultural. De um lado, seu criador (ou construtor), com seu universo e suas próprias relações com o mundo; de outro, o receptor (ou desconstrutor), também com seu universo e suas relações com o mundo. Cabe a ele, receptor, captar um dos sentidos permitidos pelo contexto cultural e referencial em que a metáfora está inscrita, atribuindo-lhe um significado adequado a esse contexto.

As *metáforas orientacionais* se organizam a partir da orientação espacial: para cima/para baixo; dentro/fora; à frente/atrás; raso/profundo; central/periférico.

Em relação aos valores “para cima/para baixo”, é interessante observar que tudo o que é para cima é bom, ao contrário do que é para baixo, que é ruim. Assim, “felicidade é para cima, tristeza é para baixo”; “saúde, vida é para cima, doença, morte é para baixo”; “mais é para cima, menos é para baixo”; “bom é para cima”, mau é para baixo” e assim por diante. Costumamos, inclusive, apontar esses valores metafóricos com gestos.

As *metáforas ontológicas*, por outro lado, geradas a partir de nossas experiências com objetos físicos, servem, então, a vários propósitos, promovendo uma grande variedade de maneiras de ver os acontecimentos, as atividades, as emoções, as entidades e as substâncias.

Nesse sentido, são comuns ideias como: “a mente é uma máquina”, “teorias e argumentos são construções”, “ideias são comida”, “ideias são dinheiro”, “amor é loucura”, “amor é guerra” e, inclusive, a própria “metáfora de guerra”, como, por exemplo, na publicidade de um determinado produto de limpeza, que dizia: “Este produto é a maior revolução na limpeza”.

As metáforas são muito usadas em textos publicitários, sobretudo, as orientacionais, quando se trata de singularizar o produto, isto é, de torná-lo único frente aos concorrentes.

## A metonímia



A *metonímia* é a alteração de sentido de uma palavra pelo acréscimo de um segundo significado, que guarda com o significado primeiro uma relação de contiguidade, de implicação, de interdependência, de inclusão.

Vamos analisar o seguinte enunciado:

Ex.: *João gostava muito de curtir o seu “havana”.*

No exemplo citado, empregou-se o produtor pelo produto, ou seja, “havana” (produtor) por “charuto” (produto).

Há um tipo especial de metonímia denominado *sinédoque*. Ocorre quando se usa a parte para designar o todo ou vice-versa.

Ex.: *As velas cortavam os mares.*

No exemplo acima, “velas” representam uma parte do navio.

Outros casos de metonímia também são muito comuns, como, por exemplo, quando se usa o autor pela obra, a parte pelo todo, o símbolo pela coisa simbolizada, como você vai ter oportunidade de ver na atividade que se segue.

### ATIVIDADES



#### Atendem aos Objetivos 4 e 5

3. Agora que você já conhece os dois tipos de metáfora estabelecidos por Lakoff e Johnson, classifique as metáforas: “Hoje estou nas nuvens”; “Hoje estou pra baixo”, dadas como exemplo acima.

---

---

---

4. Identifique as metáforas nos exemplos seguintes:

a) Não gaste seus pensamentos com projetos pequenos.

---

b) Você está a léguas de distância do x do problema.

---

c) Você vai engolir tudo o que me disse.

---

d) Lutamos por esse projeto.

---

e) Esse produto é *top* de linha.

---

5. Reconheça os casos de metonímia nos exemplos seguintes:

a) Há necessidade de sangue novo nesta empresa.

---

b) Compramos um Ford novo.

---

c) A pomba branca é o desejo da humanidade.

---

d) Napoleão perdeu em Waterloo.

---

e) O Senado não aprovou a lei.

---

#### **RESPOSTA COMENTADA**

3. São metáforas orientacionais, segundo as quais o que é para cima deve ser bom, ao passo que tudo o que é para baixo deve ser ruim.

4.

- a) Metáfora ontológica: "ideias são dinheiro".
- b) Metáfora orientacional: central / periférico.
- c) Metáfora ontológica: "ideias são comida".
- d) Metáfora ontológica: metáfora de guerra.
- e) Metáfora orientacional: o que é para cima (up) é bom.

5.

- a) Sangue por pessoas: parte pelo todo.
- b) Ford por automóvel: produtor pelo produto.
- c) Pomba branca por paz: símbolo pela coisa simbolizada.
- d) Napoleão por França: controlador pelo controlado.
- e) Senado por senadores: instituição pelas pessoas responsáveis.

## DIZER UMA COISA PARA SIGNIFICAR OUTRA

Muitas vezes, o segundo sentido, ou sentido de discurso (conotado), surge a partir do confronto intencional entre o que o locutor disse e o que quis dizer. Em outras palavras, o locutor disse uma coisa para o interlocutor entender outra.

São muitos os recursos linguísticos que se valem dessa estratégia. Apontaremos dois, na aula de hoje: a *ironia* (ou *antífrase*) e o *abrandamento da ideia* (ou *eufemismo*).



Na *ironia*, afirma-se uma coisa que na verdade se quer negar, ou seja, devemos entender a frase como o contrário do que foi dito.

Vamos dar um exemplo.

Suponhamos uma situação de aula num laboratório de Química. O professor explica várias vezes ao aluno como fazer a experiência, e o aluno faz tudo errado e explode o laboratório. O professor, então, diz a ele:

*Você realmente é um aluno brilhante; que bela atuação!*

Na verdade, afirmou o que queria negar e devemos entender que o aluno não é nem um pouco inteligente.



Com o *eufemismo*, abrandam-se as ideias, suaviza-se o que seria grosseiro ou muito triste; enfim, atenua-se a intensidade do que foi dito. É muito comum o emprego de *eufemismos* para se fazer referência a doenças.

Como exemplo de eufemismo, podemos citar: “doença ruim”, em vez de “câncer”, ou ainda “falecer” por “morrer” etc.



### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 6

6.

1- Identifique o sentido dos eufemismos destacados nos versos e períodos abaixo:

a) “Dez anos passaram, cresceram meus irmãos

*E os anjos levaram minha mãe pelas mãos.”*

(R. Dunbar e G. Johnson. Marvin. Versão: Sérgio Britto e Nando Reis)

b) Alguns trabalhadores, após a greve em prol de melhores salários, *foram dispensados*.

c) Carlos gostava de *faltar com a verdade*.

d) Os meninos foram *convidados a sair da escola*.

2- Nos enunciados a seguir, há opiniões bastante desagradáveis. Utilizando a figura de linguagem chamada eufemismo, reescreva os enunciados, transmitindo a mesma ideia, mas de forma mais suave.

a) Carlos, sua prova está um horror!

b) Além de grosseiro, é um grande burro!

c) Tire as patas de cima da poltrona!

3- Nos versos seguintes, de Mário de Andrade, o eu-lírico, para falar da “moça”, utiliza duas figuras de linguagem. A comparação é uma delas. E a outra?

Moça linda bem tratada,

três séculos de família,

burra como uma porta:

um amor!

**RESPOSTA COMENTADA**

6.

1- (a) *Minha mãe morreu.*

(b) *Os trabalhadores foram demitidos.*

(c) *Carlos gostava de mentir.*

(d) *Os meninos foram expulsos da escola.*

2- *Dentre outras possibilidades, citamos algumas sugestões de reescrita:*

(a) *Carlos, você não fez uma boa prova; ou, sua prova não estava muito boa; ou, sua prova não corresponde ao que eu esperava de você.*

(b) *Além de não ser muito educado, não é muito sabido; ou, tem dificuldades de entender as coisas.*

(c) *Tire os pés da poltrona.*

3- *O eu-lírico utiliza a ironia, ao dizer "burra como uma porta, um amor!".*

**COMPREENDER E INTERPRETAR**

Em todos esses casos que estamos estudando, percebemos a relação que se dá entre o *sentido de língua*, ou primeiro sentido, *sentido denotado* e o *sentido de discurso*, ou segundo sentido, o *conotado*.

Quando ativamos esse primeiro sentido, dizemos que estamos no nível da *compreensão*, apenas, ou seja, articulamos o significante que estamos ouvindo ou lendo a um sentido literal. A partir desse primeiro sentido, desenvolve-se o segundo, o *sentido de discurso*, gerado segundo a situação comunicativa e dependente de nosso conhecimento de mundo, da nossa cultura e das inferências que poderemos fazer em relação ao que foi dito. Nesse momento, estaremos entrando no plano da *interpretação*.

Muitas pessoas têm dificuldade de passar do primeiro plano – o *plano da compreensão* – para o segundo plano, o da *interpretação*; e, assim, não conseguem atingir o significado pleno do texto com que se defrontam.

Em suma, gostaríamos de finalizar a aula de hoje, apontando para a relação entre o *sentido de língua* e o *processo da compreensão*, de um lado, e o *sentido de discurso* e o *processo da interpretação*, de outro.

## CONCLUSÃO

No decorrer desta aula, você deve ter percebido que não basta que o leitor reconheça o “sentido de língua”, ou seja, o sentido linear das palavras e frases, para que perceba a mensagem pretendida pelo locutor, mas que penetre nas sutilezas do texto, isto é, chegue ao “sentido de discurso”, a fim de que reconheça as ideias que estão implícitas no texto. Portanto, o leitor precisa ultrapassar o significado literal das palavras para interpretar o que lê.

Resumindo:

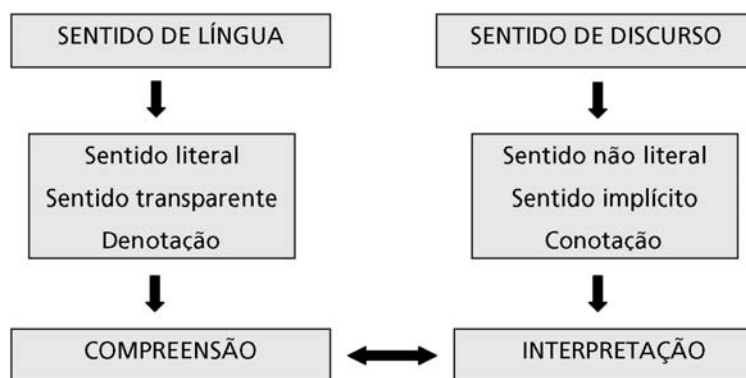


Figura 14.9: Sentido de língua/compreensão e sentido de discurso/interpretação.

## ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 4, 6 e 7

1. Observe a mensagem publicitária de uma máquina fotográfica digital:

----- *Alta tecnologia.*

Explique, com base no segmento destacado, a superposição do sentido conotado ao denotado.

---



---



---

---

---

## 2. Leia a piada a seguir:

Seu Manuel era um marido exemplar, bom com os filhos e com a esposa. Um dia, sua esposa, Maria, precisou ir ao mercado e pediu ao marido:

– Manuel, meu amor, não tire os olhos do nosso filho, enquanto vou ao mercado, certo?

E o marido responde:

– Oh, Maria, você sabe que eu não mato uma mosca. Acha que teria a coragem de tirar os olhos do meu próprio filho?

E a Maria saiu sem entender nada...

a) O que esperava Maria quando fez a recomendação ao marido?

---

---

---

b) Como Manuel entendeu a recomendação da mulher?

---

---

---

---

---

c) Que expressão, na piada, causou o equívoco? Explícite o sentido denotativo e o conotativo dessa expressão.

---

---

---

---

---

d) Nessa piada, Seu Manuel apreendeu apenas o “sentido de língua” da expressão “tirar os olhos”. Assim, pode-se afirmar que ele atingiu o nível da interpretação?

---

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

1. Tomemos o segmento “Alta tecnologia”.

Você deve ter observado que o adjetivo “alta” ganha mais um significado, além do seu sentido de língua.

Os valores positivos, a partir da “metáfora orientacional”, se expressam “para cima”, ao contrário dos negativos, expressos na direção contrária. Assim, “alta” passa a conotar uma tecnologia de ponta, de última geração, mais do que moderna, ou seja, expressa um valor up, positivo.

2. (a) Maria esperava que o marido tomasse conta do filho deles, com atenção.

(b) Na piada, o riso é provocado porque Manuel entendeu literalmente a fala de Maria, sua esposa, ou então, fez-se de desentendido. Ele entendeu que não era para “arrancar” os olhos do menino.

(c) A expressão “tirar os olhos” é polissêmica. Assim, temos:

Sentido denotativo (literal): “não tirar os olhos” significa “não arrancar os órgãos do sentido”.

Sentido conotativo (figurado): “não tirar os olhos” significa “tomar conta, com atenção”.

(d) Não. Na piada, o personagem Manuel não demonstra ter sido capaz de perceber o “sentido de discurso”.

**RESUMO**

Por meio das palavras e dos textos, significamos o mundo e passamos de um *mundo real* a um *mundo representado*. Nesse processo, o locutor precisa não só mobilizar o sentido das palavras e suas regras de combinação, mas também construir um sentido que corresponda a sua intenção e, assim, passar do sentido de língua (literal, transparente e medido por critérios de coesão) ao sentido do discurso (indireto, implícito e medido por critérios de coerência). O sentido de língua articula-se ao processo de compreensão; e o de discurso, ao de interpretação. Os conceitos de denotação e de conotação são paralelos aos de sentido de língua e sentido de discurso. A articulação entre o plano da expressão e o plano do conteúdo aponta para a denotação, sendo a conotação um outro plano de conteúdo, acrescentado a um signo linguístico já constituído de um plano de expressão e um plano de conteúdo. Esse segundo plano de conteúdo é acrescido de valores sociais e impressões pessoais que o signo pode despertar. O significado conotado tem relação com o primeiro significado. Essa relação pode ser de semelhança – metáfora – ou de contiguidade (proximidade), – metonímia. Pode ocorrer que o segundo sentido, ou sentido de discurso (conotado), surja a partir do confronto intencional entre o que o locutor disse e o que quis dizer. Nesse caso, quando o locutor diz uma coisa para o interlocutor entender outra, acionam-se recursos linguísticos, tais como os da ironia ou do eufemismo.

**INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA**

Na próxima aula, vamos focalizar o vocabulário: a escolha das palavras, o seu “peso”, isto é, as palavras podem ter valor positivo ou negativo. E, ainda, vamos analisar desvios no emprego do vocabulário para tentar corrigi-los. Até lá!

**LEITURA RECOMENDADA**

VANOYE, Francis. *Usos da linguagem: problemas e técnicas na produção oral e escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.



# Mecanismos de construção de sentido: contextualização, seleção e adequação vocabular

*Rosane Monnerat  
Ilana Rebello Viegas*

AULA

15

## Meta da aula

Mostrar que o estudo do vocabulário se insere não apenas no contexto textual, mas também na situação comunicativa e nas condições de produção do texto.

## objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer que nenhuma língua é usada de maneira uniforme por seus falantes;
2. identificar algumas causas de desvios lexicais;
3. identificar a carga positiva e/ou negativa dos vocábulos para usá-los com propriedade;
4. comparar termos genéricos e termos específicos, usando-os adequadamente.



## INTRODUÇÃO

Você já aprendeu bastante sobre o TEXTO e sobre os seus mecanismos de construção de sentido. Aprendeu, por exemplo, que o texto não é uma soma aleatória de palavras ou frases, mas um todo harmonioso de ideias, constituído a partir de determinados fatores que lhe garantem a coesão e a coerência. Aprendeu, ainda, que o sentido do texto não se dá apenas por aquilo que está escrito explicitamente na superfície textual, mas também e, sobretudo, pelo que está nas entrelinhas, ou subentendido, e que será recuperado com base no conhecimento compartilhado pelos interlocutores. Assim, o contexto e a situação comunicativa ganham destaque na apreensão do sentido global de um texto. Esse sentido depende também da escolha da palavra certa e adequada para determinada situação. E é sobre isso que falaremos na aula de hoje: a seleção e a adequação do vocabulário.

## ADEQUAÇÃO VOCABULAR

Dentre as dificuldades encontradas por estudantes na redação de um texto sobressai a questão da seleção e adequação vocabular.

Quer como falantes, quer como ouvintes, não podemos prescindir de um conhecimento do vocabulário de nossa língua.

No início da nossa vida, essa necessidade é reconhecida e enfatizada, e a família é que primeiro se preocupa em estimular nosso repertório vocabular e, um pouco mais tarde, em censurar certos usos em certas situações, ou contextos linguísticos.

Depois, essa missão é assumida mais formalmente pela escola, principalmente, nos primeiros anos de escolarização da criança. Observa-se, no entanto, que nem sempre tal missão tem obtido resultados satisfatórios. Se analisarmos, nos livros didáticos, o espaço reservado ao estudo do vocabulário, veremos, por exemplo, que a preocupação com a ampliação do repertório vocabular decresce após os quatro primeiros anos de formação escolar. Os exercícios que visam à ampliação do vocabulário são do tipo objetivo (múltipla escolha, preenchimento de lacunas etc.) e falham, sobretudo, por não considerarem a questão da adequação do vocabulário às diferentes *variantes linguísticas*. Não se explicita em que situações as formas que divergem da norma culta são aceitáveis e, em geral, não se faz uma diferenciação entre língua oral e língua escrita. Nos exercícios de sinônimos ou de preenchimento de lacunas, não se distinguem diferenças afetivas (como, por exemplo,

LAR /CASA), nem se fazem ressalvas quanto à adequação do uso desses sinônimos em determinadas situações (como, por exemplo, LIMPEZA/ASSEIO, que, embora pertençam ao mesmo **CAMPO SEMÂNTICO**, não são equivalentes).

Consequentemente, o “erro” ou “acerto” vocabular passou a ser algo fixo (a gíria, por exemplo, é sempre considerada erro) como se as palavras pudessem ser simplesmente rotuladas de boas ou más.

Resumindo, na verdade, o vocabulário não constitui elemento estanque. Insere-se em um contexto mais amplo – o textual. Este, por outro lado, situa-se em contexto ainda mais abrangente – o da situação do discurso e das condições de produção.

Nenhuma língua é usada de modo uniforme por seus falantes. O uso varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social. E o mais importante: nem mesmo um único falante emprega a sua língua de maneira uniforme, já que, em situações de formalidade seleciona um uso e, em situações de informalidade, seleciona outro. Assim, podemos concluir que uma das qualidades do bom usuário da língua é o emprego da linguagem adequada a cada situação comunicativa. E o principal: não se pode afirmar que exista um padrão de linguagem superior aos outros, porque é a situação concreta de comunicação que irá determinar o uso mais adequado.

Você se lembra do texto “Aí, galera”, de Luis Fernando Verissimo, que lemos na Aula 3? Nesse texto, Verissimo constrói o humor por apresentar um jogador de futebol que não corresponde à imagem que normalmente se faz desse tipo de atleta. Para responder às perguntas do entrevistador, o jogador utiliza uma linguagem muito formal, inadequada à situação de comunicação. Além disso, o jogador não levou em consideração o leitor.

(...)

– Quais são as instruções do técnico?

– Nosso treinador vaticinou que, com um trabalho de contenção coordenada, com energia otimizada, na zona de preparação, aumentam as probabilidades de, recuperado o esférico, concatenarmos um contragolpe agudo com parcimônia de meios e extrema objetividade, valendo-nos da desestruturação momentânea do sistema oposto, surpreendido pela reversão inesperada do fluxo da ação.

#### **CAMPO SEMÂNTICO**

Pertencem ao mesmo campo semântico palavras diferentes que se relacionam entre si por meio de uma ideia, de um significado ou por meio de analogias estabelecidas entre elas.

– Ahn?

– É pra dividir no meio e ir pra cima pra pegá eles sem calça.

(...)

(VERISSIMO, Luis Fernando. *Aí, galera. Correio Braziliense*, 13 maio, 1998).

Percebeu como a seleção vocabular do jogador não é adequada para uma entrevista direcionada a torcedores de modo geral? Nem todas as pessoas sabem o que é “vaticinar”, “esférico”, “parcimônia” e tantas outras palavras utilizadas pelo jogador no decorrer da entrevista.

Dessa forma, quando falamos ou escrevemos, precisamos escolher adequadamente as palavras, a fim de não criarmos dificuldades de compreensão. Utilizar palavras rebuscadas só para impressionar não faz sentido.

## O ESTUDO DO VOCABULÁRIO: SELEÇÃO VOCABULAR

Muitas pessoas acham que falar difícil e empregar termos que desconhecem são estratégias que podem valorizar o seu texto. Essas pessoas estão muito enganadas, porque as palavras devem ser usadas adequadamente, em sintonia com o contexto em que se inserem.

Outro ponto que é necessário destacar na aula de hoje diz respeito à seleção/adequação vocabular nos textos com que nos defrontamos. Nesses textos, são frequentes trechos que pecam pela seleção vocabular – é aquela palavra que destoa do conjunto em que está inserida. Só se consegue perceber o que a pessoa quis dizer pelo sentido geral do enunciado.

São várias as causas que levam a “desvios lexicais”.

### Causas dos desvios lexicais

O desvio lexical pode ser motivado por haver elementos comuns entre o item ocorrente e o item “esperado”:

1ª) Há semas comuns entre o item ocorrente e o item esperado:

Ex.: “*Temos um irrisório conhecimento da violência.*”

O termo “irrisório” (item ocorrente) tem, em comum, com o termo “esperado” – “insuficiente” – o sema [+ pouco].

### O que é um *sema*?

Para explicar o que é um “sema”, vamos retomar o conceito de “semema”, segundo um linguista francês chamado Bernard Pottier.

O semema é a substância do significado, e o sema corresponde a cada traço semântico que constitui o semema. Veja o esquema seguinte:

Semema = {sema1, sema2, (...), sema<sup>n</sup>}

Está um pouco abstrato para você, não é?

Vamos explicar melhor por meio de um exemplo concreto e logo você entenderá o que é um “sema”.

Vamos comparar as palavras *sofá*, *poltrona*, *cadeira* e *banco*.



Fonte: Sofá: <http://www.sxc.hu/photo/1268866>; poltrona: <http://www.sxc.hu/photo/396784>; cadeira: <http://www.sxc.hu/photo/833929>; banco: <http://www.sxc.hu/photo/828306>

Essas palavras têm um semema comum: todas dizem respeito a um “lugar para se sentar”. O que vai diferenciá-las são os semas (ou seja, os traços distintivos) que entram na composição desses sememas.

Vejam:

*Sofá*: tem assento, braços, pés, encosto e serve para mais de uma pessoa;

*Poltrona*: tem assento, braços, pés, encosto e serve para apenas uma pessoa;

*Cadeira*: tem assento, pés, encosto e serve para apenas uma pessoa;

*Banco*: tem assento, pés e pode servir para apenas uma pessoa, ou para várias pessoas.

Então, *sofá* se diferencia de *poltrona* porque serve para várias pessoas; *poltrona* se diferencia da *cadeira* convencional porque tem braços e revestimento; *cadeira* se diferencia de *banquinho* porque tem encosto e por aí vai... Cada um desses traços diferenciadores constitui um sema.

Continuando, vejamos outra causa que leva a “desvios lexicais”:

2ª) Há sons comuns entre o item ocorrente e o item esperado:

Ex.: “O autor tinha uma ideia visual dos fatos, *assimilando-se ao cinema*.”

“Assimilando-se” (item ocorrente) tem sons em comum com o item esperado “assemelhando-se”.

### PARÔNIMO

Palavra quase igual à outra na forma e no som. Ex.: *descrição/ discrição; emigrante/ imigrante; comprimento/cumprimento, tráfico/tráfego* etc.

### HOMÔNIMO

Vocabulo que tem a mesma pronúncia ou grafia de outro, mas com significado diferente. Ex.: *lima* (fruta)/*lima* (serra); *canto* (substantivo)/ *canto* (1ª pessoa do singular do presente do indicativo do verbo cantar) etc.

Mais um exemplo:

“Sem a linguagem o homem viveria *leigo de tudo* que se passa no mundo”, em vez de “sem a linguagem o homem viveria *alheio a tudo* o que se passa no mundo”.

Essas ocorrências são muito comuns nas frequentes confusões no emprego de **PARÔNIMOS** e **HOMÔNIMOS**, em que normalmente o sentido de uma forma nada tem a ver com o da outra.

### ATIVIDADE



#### Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Você se lembra do texto “Tropeços – a graça e a lógica de certos enganos da fala”, de Ivan Angelo, que lemos na Aula 8? Nesse texto, ocorrem vários desvios lexicais. A seguir, reproduzimos alguns:

- (a) “O compenetrado pintor de paredes olhou as grandes manchas que se expandiam por todo o teto do banheiro do nosso apartamento, as mais antigas já negras, umas amarronzadas, outras esverdeadas, pediu uma escada, subiu, desceu, subiu, apalpou em vários pontos e deu seu diagnóstico: – Não adianta pintar. Aqui tem muita ‘*humildade*’”
- (b) “(...) O zelador do nosso prédio deu esta explicação por não estar o elevador automático parando em determinados andares: – O computador entrou em ‘*pânico*’”
- (c) “O cheque bancário é frequentemente vítima de um tropicão desses. Muita gente diz, no final de uma história de esperteza ou de desacordo comercial, que mandou ‘*assustar*’ um cheque. Pois outro dia encontrei alguém que mandou ‘*desbronquear*’ o cheque (...)”
- (d) “Já ouvi de um mecânico que o motor do carro estava ‘*rastreando*’ (...)”
- (e) “(...) Há algum tempo, quando eu procurava um lugar pequeno para morar, o zelador mostrou-me um quarto-e-sala ‘*conjugal*’ (...)”
- (f) “(...) Uma estrela da Rede TV! falou em ‘*instintores*’ de incêndio. A mesma disse que certo xampu tinha ‘*Ph.D.*’ neutro (...)”
- (g) “(...) Nas provas de avaliação do ensino médio apareceram coisas como ‘a *gravidez* do problema’, ‘*micro-leão-dourado*’ e, esta é ótima, ‘*raios ultraviolentos*’ (...)”
- (h) “(...) Minha filha pequena dizia ‘*água solitária*’ (...)”

a) Agora, procure indicar qual seria a palavra adequada em cada situação dos trechos transcritos anteriormente.

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

b) No texto, o jornalista Ivan Angelo justifica esses problemas de vocabulário afirmando que “há palavras que são armadilhas para os ouvidos, mesmo de pessoas menos humildes. São captadas de uma forma, instalam-se no cérebro com seu aparato de sons e sentidos – sons parecidos e sentidos inadequados – e saltam frescas e absurdas no meio de uma conversa. São enganos do ouvido, mais do que da fala. Como o tropeção de uma pessoa de boas pernas não é um erro do caminhar, mas do ver”.

Dessa forma, qual a causa de todos os desvios lexicais citados no texto?

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

a) (a) O pintor, provavelmente, queria dizer que a parede tinha muita “umidade”, e não “humildade”.

(b) O zelador deveria ter dito: “Deu “pane” no computador” e não que o computador entrou em “pânico”.

(c) Ao invés de “assustar” o cheque, o correto é “sustar” o cheque. Da mesma forma, não se diz “desbronquear” o cheque, mas “desbloquear” o cheque.

(d) O mecânico queria dizer que o carro estava “rateando”, e não “rastreando”.

(e) O zelador deveria ter dito: quarto e sala “conjugados” e não, “conjugal”.

(f) Não existem “instintores” de incêndio, mas “extintores”.

Um xampu pode ter pH neutro. “pH” é o símbolo para a grandeza físico-química “potencial hidrogeniônico”. Essa grandeza indica a acidez, neutralidade ou alcalinidade de uma solução aquosa. Já PhD (Philosophiæ Doctor) refere-se ao título de doutor atribuído ao indivíduo que tenha recebido o último e mais alto grau acadêmico, o qual é conferido por uma universidade ou outro estabelecimento de ensino superior autorizado, após a conclusão de um curso de doutorado ou doutoramento.

(g) Provavelmente, os alunos queriam dizer: “gravidade” do problema, e não “gravidez”; “mico-leão-dourado”, e não “micro-leão-dourado”; raios “ultravioleta”, e não raios “ultraviolentos”.

(h) A menina ao invés de dizer água “sanitária”, disse “solitária”.

b) Você deve ter percebido que, em todos os casos, os desvios lexicais são provocados porque há sons comuns entre o item ocorrente e o item esperado.

## Os sinônimos

Com relação às palavras sinônimas (e aqui convém lembrar que, na verdade, não existem sinônimos perfeitos), o uso consagra uma forma em determinada situação e rejeita a outra.

Tomemos, por exemplo, o caso de *preto* e *negro* nas seguintes frases:

- (1) O professor usou o quadro-*negro*.
- (2) Gosto de feijão *preto*.
- (3) Comprei dólares no câmbio *negro*.
- (4) A camisa do Flamengo é rubro-*negra*.
- (5) Gosto do *preto* no branco.
- (6) Tenho muitos amigos *negros*.

Nenhum falante nativo hesitaria no emprego de *preto* ou *negro* nas frases acima. Casos há, como em (1), em que o uso do adjetivo “negro” está cristalizado, mesmo quando (e é o mais frequente) os quadros nem são mais negros, e sim verdes. Em (2) e (4) não há problemas, é a cor, no sentido literal mesmo. Em (3) e em (5), observa-se uma conotação metafórica no uso do adjetivo. O exemplo (6) merece algumas observações. Nada impediria que se usassem *pretos* por *negros*, no entanto, assim fazendo, percebe-se certa conotação pejorativa, pois quando se trata de raça, a opção preferida é *negro*.

Como se vê, a escolha do vocábulo pode, então, muitas vezes, revelar uma atitude do falante em relação ao fato que enuncia. Trata-se do *vocabulário negativo* e *positivo*. Se emprego *preto* ou *crioulo* para me referir a uma pessoa, poderei ser chamado de preconceituoso.

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 3**

2. Vamos comparar as frases seguintes e ver se você percebe o que é um *vocabulo positivo* (ou neutro) e um *vocabulo negativo*:

(1a) Os *funcionários* distribuía*m folhetos* à porta da fábrica.

(1b) Os *operários* distribuía*m panfletos* à porta da fábrica.

(2a) Os *militares* estavam no poder.

(2b) Os *milicos* estavam no poder.

(3a) A *loja* ficava perto da esquina.

(3b) A *birosca* ficava perto da esquina.

---

---

---

---

---

**RESPOSTA COMENTADA**

*Você deve ter notado que o segundo membro de cada par (a opção “b”) apresenta sempre vocabulos de conotação negativa, que, ao serem empregados, implicam comprometimento do emissor com juízos de valor, isto é, tais palavras revelam o ponto de vista do enunciador sobre o que enuncia. As frases que correspondem ao primeiro membro de cada par (a opção “a”) apresentam vocabulos positivos, ou, pelo menos, neutros.*

*Aprendemos com isso que devemos tomar cuidado com as nossas escolhas lexicais, pois elas podem nos comprometer!*

*Com o objetivo de retirar o maior efeito expressivo do uso dos vocabulos, devemos, então, observar a adequação dos vocabulos às mais diversas situações, que requeiram vocabulos positivos ou negativos, curtos ou longos, regionais ou não, de vários níveis de linguagem, mais ou menos específicos.*

Vamos falar mais um pouco de “desvios lexicais”.

**AINDA OS DESVIOS LEXICAIS**

Nos desvios comumente observados, são frequentes os fenômenos de troca, falta, ou excesso de elementos:



### Troca

Exemplos:

“A situação se *diverge* aos poucos.” (se modifica)

“A linguagem é fundamental para *estarmos em perfeita ciência* dos fatos.” (“A linguagem é fundamental para *termos perfeita consciência* dos fatos, ou simplesmente, para *termos ciência, conhecimento* dos fatos”.)

### Falta

Exemplo:

“A *sobrevivência* tem piorado ultimamente.” (Ao lermos a frase, percebemos que falta alguma informação: as *condições de sobrevivência*.)

### Excesso

Exemplo:

“O cenário é a grande *cidade urbana*.” (A palavra cidade já traz o sentido de urbano, em oposição a rural.)

Aos casos de falta de elementos podem corresponder também fenômenos de construções incompletas, como, por exemplo, verbos sem complemento:

Exemplo:

“As pessoas, com esses encontros, começam a se alimentar naturalmente e passam a *frequentar* e a levar adeptos.” (frequentar o quê?)

Devemos, pois, prestar atenção à escolha da palavra adequada, da palavra mais precisa no texto, partindo do pressuposto de que, a princípio, não há uma palavra melhor do que a outra; todas são igualmente válidas, estão na língua a nosso dispor, prontas para serem usadas, mas esse uso deve adequar-se às circunstâncias do ato de comunicação. Assim, por exemplo, um professor não pode usar as mesmas palavras que as usadas por um feirante, já que o que se leva em conta, nessa situação, não é a pessoa em si, mas a imagem que se tem dessa pessoa. Deve-se considerar também, no caso das profissões, o uso do **JARGÃO** profissional, que caracteriza determinados grupos sociais.

#### JARGÃO

É a linguagem própria de grupos profissionais. Os médicos, por exemplo, usam termos específicos, que, muitas vezes, confundem os pacientes. Ex.: cefaleia (dor de cabeça).

## TERMOS MAIS ESPECÍFICOS: ESCOLHAS ADEQUADAS

Na frase: “No microscópio pôde *observar* as asas do inseto”, o verbo *observar* é muito mais preciso que ver, embora o uso deste não invalide o enunciado, pois as duas formas verbais pertencem ao mesmo campo semântico, apenas sendo a primeira (“observar”) de uso mais específico e a segunda (“ver”), de uso mais geral.

Outro caso que merece comentário é aquele em que se usa o que costumamos chamar “palavra coringa”, ou seja, aquelas que servem, por assim dizer, para “tapar buraco”. São palavras de sentido amplo, como “coisa” e “negócio”. A frequência dessas palavras em textos parece ser justificada por uma falta de opção vocabular, resultando de uma dificuldade de nomeação, ou da falta de um termo específico para o contexto. O mesmo acontece com os verbos *ter*, *fazer* e *pôr*, que são usados quando não se consegue precisar o contexto em que aparecem, como ocorre nos exemplos seguintes:

*Tinha* um rapaz esperando na porta.



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/907677>

A moça *tinha* horríveis dores de cabeça.

A empregada *fez* o almoço.

Depois, *fez* as camas.

*Pôs* seu dinheiro no banco.

A moça resolveu *pôr* a blusa nova.

### ATIVIDADE



#### Atende ao Objetivo 4

3. Substitua os vocábulos em destaque por outros mais específicos, de acordo com o contexto:

(a) *Tivemos* momentos de desespero.

(b) Espero que *tenha* notícias dela.

(c) Eles *fizeram* mal aos velhinhos da clínica.

(d) *Fez* o bilhete em pedacinhos.

(e) O menino se *pôs* atrás do muro.

(f) Não *ponha* esta palavra no requerimento.

(g) *Pus* o dinheiro no banco ontem.

#### RESPOSTA COMENTADA

(a) Passamos *por* momentos de desespero.

(b) Espero que receba *notícias* dela.

(c) Eles maltrataram os *velhinhos* da clínica.

(d) Rasgou o bilhete em *pedacinhos*.

(e) O menino se escondeu *atrás* do muro.

(f) Não escreva *esta* palavra no requerimento.

(g) Depositei o *dinheiro* no banco ontem.

Não se pode dizer que devemos fazer essas substituições porque os termos mais gerais constituem casos de erro no uso do vocabulário. Não é isso. As frases com os termos gerais são bem formadas. O que queremos mostrar aqui é que o emprego de termos gerais não pode ser resultante de uma simplificação decorrente da falta de opção vocabular. Poderão ocorrer casos, é claro, em que serão os termos gerais os mais adequados. Tudo dependerá sempre da situação linguística e do contexto.

Por outro lado, precisamos ter consciência de que só poderemos romper eficientemente as normas determinadas pela situação ou pelo contexto linguístico, quando tivermos uma intenção específica. A situação e a intencionalidade podem legitimar o uso dessas palavras de sentido mais geral. Vamos usar, por exemplo, a palavra “coisa” premeditadamente, e não, como anteriormente, involuntariamente.

## CONCLUSÃO

Não podemos ignorar que as palavras valem pelo contexto em que se inserem, não se podendo considerar, como já dissemos, a palavra isolada da frase e esta fora do texto. Assim, num discurso formal, frases feitas, gírias, o uso abusivo de determinados verbos como “fazer”, “dar”, “ter”, “ser”, usados para preencher lacunas vocabulares, que exigiriam um verbo mais específico, são formas desaconselhadas, mas apenas para essas situações, já que poderiam ser adequadas para outras situações, daí não se justificar que esses recursos sejam *a priori* estigmatizados.

## ATIVIDADE FINAL

### Atende aos Objetivos 1, 2, 3 e 4

1. A palavra “coisa” assumiu tantos valores que cabe em quase todas as situações cotidianas. Tem mil e uma utilidades. Observe o enunciado seguinte, em que se exagera no emprego do vocábulo “coisa”:

“Ô, seu coisinha, você já coisou aquela coisa que eu mandei você coisar?”

Para quem não sabe de qual “coisa” se trata, o enunciado parece incompreensível.

Nos versos das letras de música a seguir, substitua a palavra “coisa(s)” por uma de valor mais específico.

a) “Olha que coisa mais linda

Mais cheia de graça

É ela menina

Que vem e que passa

Num doce balanço

A caminho do mar

(...)”



Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/1014727>

(MORAES, Vinicius; JOBIM, Antonio Carlos. Garota de Ipanema.)

b) “Estava à toa na vida

O meu amor me chamou

Pra ver a banda passar

Cantando coisas de amor

(...)”

(BUARQUE, Chico. A banda.)



Pam Roth

Fonte: <http://www.sxc.hu/photo/174746>

2. Nenhuma língua é usada de maneira uniforme por seus falantes. Cada um tem um jeito próprio de se expressar. O importante é saber adequar o texto à situação de comunicação, da mesma forma que não vamos à praia de terno e gravata, ou à igreja, de sunga.

Leia um trecho do texto *O jogador de palavras*, em que Fernando Sabino procura mostrar que escrever é um jogo, ou seja, você precisa escolher e combinar, da melhor forma, as palavras:

**DESTARTE**

Desse modo, assim, dessa forma.

**OUTROSSIM**

Igualmente, bem assim, também.

**OBTEMPERAR**

Responder modestamente.

**ABILOLADO**

Maluco, doido.

“**DESTARTE**”, “**OUTROSSIM**”, “**OBTEMPERAR**” são verdadeiros palavrões que, francamente, não há cristão que me obrigue a empregar.

Caio na asneira de dizer isso a um professor meu velho conhecido e meio **ABILOLADO** que encontro na rua. Entusiasmado, ele me arrasta a um bar, a fim de repartir comigo uma cerveja e suas ideias:

– Tudo é jogo de palavras. Mas o verdadeiro jogador sabe que é do som das palavras que vem o sentido delas. Se você não compreender isso, não vai compreender mais nada.

(...)

– Veja a palavra “distância”: não vá me dizer que, em matéria de beleza, você a põe em pé de igualdade com a palavra “umbigo”, por exemplo, ou “perereca”. Aliás, toda palavra terminada em “eca” é feia, ridícula ou gaiata: panqueca, cueca, sapeca, rabeca, munheca, careca, moleca. E toda palavra em “ância”, já que falei em “distância”, é agradável e harmoniosa, qualquer que seja a significação: fragrância, infância, substância...

– Por causa do sentido – resolvi provocá-lo.

– Não senhor: por causa da **EUFONIA**, meu velho. A palavra “úlceras” é uma das mais belas da língua portuguesa e “cancro” uma das mais feias, significando coisas tão semelhantes. É que em geral uma palavra bela acaba adquirindo um belo sentido. E a recíproca (que palavra!) é verdadeira. “Tu” acabou cedendo lugar a “você”, de que os poetas tanto abusaram. Que rima você arranjaria para “tu”?

### EUFONIA

Som agradável, especialmente pela combinação de certas palavras.

Antes que a conversa **DESCAMBASSE**, ele prosseguia:

– Os maus poetas são, aliás, os grandes corruptores de palavras. Por causa deles é que “saudade” e “luar” acabaram caindo na vida fácil.

### DESCAMBAR

(Descambasse: pretérito imperfeito do subjuntivo): tomar outra direção, dizer inconveniências

(...)

(Fonte: SABINO, Fernando. *A falta que ela me faz*. Rio de Janeiro: Record, 1984, p. 112-115).

a) Por que o narrador considera que os vocábulos “destarte”, “outrossim” e “obtemperar” são verdadeiros palavrões?

---

---

---

---

---

b) A escolha do vocábulo pode, muitas vezes, revelar uma atitude do falante em relação ao fato que enuncia. Trata-se do *vocabulário negativo* e *positivo*. No enunciado “Caio na asneira de dizer isso a um professor meu velho conhecido e meio abilolado que encontro na rua”, o vocábulo “abilolado” pode ser considerado negativo ou positivo? Por quê?

---

---

---

---

---

c) De acordo com o professor – personagem do texto – o vocábulo “careca” é feio. Que outra palavra pode ser utilizada no lugar de “careca” e que tem uma carga semântica positiva?

---

d) Quando uma pessoa diz: “Desastre, acho que devemos fazer alguma coisa!”, a palavra “desastre” foi utilizada no lugar de “destarte”. O que pode ter provocado esse erro?

---

---

---

---

---

#### RESPOSTA COMENTADA

1. a) Nos versos da canção Garota de Ipanema, a palavra “coisa” pode ser substituída por “menina”.  
b) Já nos versos de A banda, “coisas” pode ser substituída por “frases, versos, dizeres...”.
2. a) Os vocábulos “destarte”, “outrossim” e “obtemperar” são pouco usados. Normalmente, o falante desconhece o significado deles. Dessa forma, tornam-se verdadeiros palavrões, porque a pronúncia, o som e o significado são desconhecidos para muitos.  
b) O enunciado já introduz um posicionamento negativo do narrador “Caio na asneira de dizer...”. Fazer uma “asneira” é agir de forma errada, sem pensar. Assim, o narrador achou que fez uma “asneira”, porque foi conversar com um professor “abilolado”, ou seja, “maluco”, “doido”. Nesse sentido, “abilolado” tem uma conotação negativa.  
c) A palavra “calvo” pode substituir “careca”. Dizer: “Paulo é calvo” é mais delicado que dizer “Paulo é careca”. A palavra “careca” tem certa conotação pejorativa.  
d) As palavras “desastre” e “destarte” apresentam pronúncias bem próximas. Além disso, a palavra “destarte” não é muito utilizada.

#### RESUMO

Nenhuma língua é usada de modo uniforme por seus falantes. O uso varia de época para época, de região para região, de classe social para classe social. É a situação concreta de comunicação que irá determinar o uso mais adequado. São várias as causas que levam a “desvios lexicais”. O desvio lexical pode ser motivado por haver elementos comuns entre o item ocorrente e o item “esperado”, pode ser decorrente de troca, de falta ou de excesso de termos. No estudo do vocabulário, observa-se que as palavras podem apresentar carga semântica positiva, neutra, ou negativa, e a escolha desta ou daquela palavra pelo enunciador pode ser reveladora de seu ponto de vista. A preferência por termos gerais ou específicos em um texto deve estar condicionada à escolha voluntária do enunciador em consonância com o seu propósito comunicativo.

## INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos estudar a semântica dos tempos e modos verbais nas articulações textuais.

15

AULA





Português I

Referências

## Aula 1

---

AZEREDO, J. Carlos. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

VAL, Maria da Graça Costa. Repensando a textualidade. In: AZEREDO, José Carlos (Org.) *Língua portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Petrópolis: Vozes, 2000.

## Aula 2

---

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

## Aula 3

---

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W.U. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: Pragmática, 1982.

MCLUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. Trad. de Décio Pignatari. São Paulo: Cultrix, 1964.

## Aula 4

---

BEAUGRANDE, R.; DRESSLER, W. *Introduction to text linguistics*. London: Longman, 1981.

KOCH, Ingedore G. V. *Intertextualidade: diálogos possíveis*. São Paulo: Cortez, 2008.

VALENTE, André. Intertextualidade: aspecto da intertextualidade e fator de coerência. In: HENRIQUES, Claudio Cezar; PEREIRA, M. Teresa Gonçalves (Org.). *Língua e transdisciplinaridade: rumos, conexões e sentidos*. São Paulo: Contexto, 2002, p. 177-192.

## Aula 5

---

DUARTE, Inês. Aspectos lingüísticos da organização textual. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística textual: o que é e como se faz?* Recife: Editora Universitária da UFPE, 1983, 2009.

## Aula 6

---

DUARTE, Inês. Aspectos lingüísticos da organização textual. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

KOCH, Ingedore V. Dificuldades na leitura/produção de textos: os conectores interfrásticos. In: *Linguística aplicada ao ensino do português*. 2. ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1992.

## Aula 7

---

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 6. Ed., São Paulo: Ática, 1998.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação – um estudo das conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

## Aula 8

---

DUARTE, Inês. Aspectos lingüísticos da organização textual. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

KOCH, Ingedore G. V. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2001.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. *Jornal O Globo*, Rio de Janeiro, 11 nov. 2007.

ANGELO, Ivan. Tropeços. *Veja*, São Paulo, abr. 2003.

## Aula 9

---

ABREU, Antônio Suárez. *Curso de redação*. 12. ed., São Paulo: Ática, 2003.

APOTHÉLOZ, D. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete BIASI; CIULLA, Alena (Org.). *Referenciação*. São Paulo, Contexto, 2003.

DUARTE, Inês. Aspectos lingüísticos da organização textual. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

LEITE, Suely. *A intertextualidade em balada do amor atrás das idades*. Disponível em: <[http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2006\\_g/textos/36.htm](http://www.faccar.com.br/eventos/desletras/hist/2006_g/textos/36.htm)>. Acesso em: 26 jan. 2011.

## Aula 10

---

CHAROLLES, Michel. Introdução aos problemas da coerência dos textos: abordagem teórica e estudo de práticas pedagógicas. In: GALVES, Charlotte; ORLANDI, Eni; OTONI, Paulo (Org.). *O texto, leitura e escrita*. Campinas, SP: Pontes, 1988.

DUARTE, Inês. Aspectos lingüísticos da organização textual. In: MIRA MATEUS, Maria Helena et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho, 2003.

KOCH, Ingedore V.; TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *A coerência textual*. São Paulo: Contexto, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. *Linguística textual: o que é e como se faz?* Recife: Editora Universitária da UFPE, 2009.

## Aula 11

---

FÁVERO, Leonor. Lopes. *Coesão e coerência textuais*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1997.

VAL, Maria da Graça Costa. *Redação e textualidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

## Aula 12

---

DELL'ISOLA Regina Lúcia Péret. *Leitura: inferências e contexto sociocultural*. Belo Horizonte: Formato Editoria, 2001.

FIORIN, José Luiz; SAVIOLI, Francisco Platão. *Para entender o texto: leitura e redação*. 6. ed., São Paulo: Ática, 1998.

GRICE, H. Paul. Lógica e conversação. In: DASCAL, Marcelo (Org.). *Fundamentos metodológicos da linguística*. Campinas: [S.n.], 1982.

---

### Aula 13

CARNEIRO, Agostinho. *Redação em construção*. 2 ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Moderna, 2001.

PERINI, Mário. Os dois mundos da expressão linguística. In: *A língua do Brasil amanhã e outros mistérios*. São Paulo: Parábola, 2004.

---

### Aula 14

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

\_\_\_\_\_. Les conditions de compréhension du sens de discours. In: ANAIS DO ENCONTRO FRANCO-BRASILEIRO DE ANÁLISE DO DISCURSO, 1., 1995. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro/Faculdade de Letras, 1995.

LAKOFF, George; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: London: The University of Chicago Press, 1980.

---

### Aula 15

CARNEIRO, Agostinho Dias. *Redação em construção: a escritura do texto*. Rio de Janeiro: Moderna, 2001.

MONNERAT, Rosane. Adequação vocabular: por que “negro” e não “preto”? In: JÚDICE, Norimar (Org.) et al. *Português em debate*. Niterói: EdUFF, 1999.

POTTIER, Bernard. *Linguística geral: teoria e descrição*. Rio de Janeiro: Presença/USU, 1978.

SABINO, Fernando. *A falta que ela me faz*. Rio de Janeiro: Record, 1984. p. 112-115.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Ai, galera. *Correio Brasiliense*, Brasília, 13 maio 1998.

